

Vai

Quem

Quer

PERLY CIPRIANO

Vai
Quem
Quer

1ª Edição
Vitória - 2007

Revisão:

José Augusto Carvalho

Projeto gráfico, ilustrações e capa:

Giovanni Mesquita

Impressão e acabamento:

Gráfica ...

Cipriano, Perly

Vai Quem Quer / Perly Cipriano. – Brasília-DF: s.n., 2007.

200 p.

I. Memórias

CDU 92

*À Regina e nossos filhos, Raoni e Iurie,
que completam minha vida.*

*Às pessoas idosas,
que buscam no mundo da infância
lições e recordações para confirmar
que valeu a pena viver.*

*Às crianças, que um dia envelhecerão
levando consigo suas lembranças.*

Perly, um militante do bem

Conheci Perly Cipriano em 1978, no Presídio Frei Caneca no Rio. Eu, Stael e Fernanda (então com cinco anos) fomos visitar os presos políticos José Roberto de Rezende e Gilnei Amorim Viana. Já o conhecia de nome e sua história. Sabíamos uns dos outros nos presídios. Sabia que era dentista, desconhecia que era mineiro de Aimorés, sabia que fora condenado por feitos da ALN a penas a perder de vista. Ficamos amigos e desde o primeiro momento percebi que Perly é uma alma gentil.

Minas e Espírito Santo são ligadas umbilicalmente. Por isso, encontramos-nos inúmeras vezes em atividades partidárias e na militância pelos direitos humanos.

Em 1995, fizemos uma viagem à Roma, para um congresso internacional pela abolição da pena de morte no mundo. Ele como Secretário de Justiça do governo Vitor Buaiz; eu, presidente da recém-fundada Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, e nos aproximamos ainda mais. Quando o presidente Lula me convidou para ser ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, imediatamente chamei Perly para ser o subsecretário.

Já são três décadas de uma sólida e prazerosa amizade. Perly é do bem. Solidário, inquieto, humanista, amante da vida, das coisas, do mundo, da história. E bom contador de histórias.

Lendo o “Vai quem Quer”, vê-se que o Perly sessentão é o mesmo da primeira infância. Ali já estão a compaixão, o amor ao próximo, o repúdio à injustiça, a comunhão com a natureza, a relação profunda com a mãe.

Perly já tinha, sem saber, escolhido a porta estreita e apertada que leva aos pequenos e sofredores. A matéria da memória da criança de sentidos atentos é transformada em história. A descoberta da vida, da morte, da alegria do viver, da injustiça, da covardia e da amizade, no Vai Quem Quer da pequena Barra de São Francisco no Espírito Santo localizada na região do contestado.

Em 2004, fui conhecer a fazenda de Sebastião Salgado, um dos maiores fotógrafos do planeta, em Aimorés, sua terra Natal. Ele documentou com suas fotos geniais como estava a fazenda da família quando a assumiu: terras gretadas, secas, degradadas, erodidas.

Depois, gradativamente, a transmutação, a ressurreição das águas, a volta da Mata Atlântica, o retorno dos bichos, das aves, da vida. A Aimorés do Vai Quem Quer é assim.

A propósito, neste dia foi inaugurado um cinema na fazenda-escola de Salgado, ornado à porta pelo projetor do velho cinema de Aimorés. Felizes os que podem voltar e os que têm o que contar, para que aqueles que depois vierem saibam apreciar a beleza que ele enxergou.

“Sempre devemos reencontrar-nos no passado e de lá recolher essências que purifiquem e expliquem o presente sem o véu da es-

perança". Ao desvelar as descobertas de sua curta vida, (o livro trata das lembranças até os 9 anos), Perly nos faz viajar também.

O quadro do céu e do inferno, o rádio, o picolé, a magia do cinema, a luz elétrica, o caminhão levando as toras, a primeira viagem de trem, o encontro com o mar – Minas não tem mar... o avião, o bonde, a violência, a maldade da tortura, o suicídio, os nomes, as ruas da sua aldeia. E a posse da primeira caneta Bic, marcando o fim da primeira infância.

No cinquentenário do Grande Sertão, a um velho morador de Andrequicé (Três Marias) foi perguntado: afinal, o que é o sertão, onde é o sertão? Ele respondeu que não existe mais sertão, que o sertão é o longe, que não há mais longe.

Será? Quando a história pessoal se apossa da memória; quando a geografia do passado é revisitada e invade o presente, pode-se resgatar o que vale a pena no sertão de cada um. Afinal, bom é saber que no fundo do tacho tem um tesouro. Se não é um diamante estrelado, é o melhor do requeijão: a raspa.

Nilmário Miranda

**Eu sou tão não-eu, tão os outros...
que minha felicidade é feita de
poucadinhos da felicidade alheia.**

Mário de Andrade

O importante é poder voltar - aconselham em Minas Gerais aos que partem para lugares longínquos.

Todos nós devemos vasculhar o passado na busca do que não perdemos, mas que apenas deixamos em alguma parte do quase esquecimento, num mundo distante, cheio de surpresas agradáveis e de coisas desconhecidas e também de muitas tristezas.

As imagens que encontramos nem sabemos ao certo se são plenamente nossas. Sabemos que elas passaram a nos pertencer, dialogando com o presente que quase desconhece o seu outro eu.

Sempre devemos encontrar-nos no passado e de lá recolher essências que purifiquem e expliquem o presente sem o véu da esperança.

Encontrar e recolher pegadas nas margens dos muitos rios e caminhos nos ensina a renascer e a afirmar o presente.

Devemos aprender com os pequenos suas histórias, porque delas faremos companhias em muitas caminhadas. Ali dentro de nós, nós existimos de maneira diferente.

Nós buscamos encontrar-nos nas imagens que fazemos de nós mesmos, nas geografias mutantes das estradas, nos rios e ruas

que sobrepõem às matas, os montes e as várzeas. Quando retornamos a esse mundo distante e profundo, deparamos com novas estruturas se metamorfoseando.

O retorno ao passado traz tristezas e desmancha ilusões: não encontramos nosso mundo nem tampouco encontramos um mundo novo. Passamos a ser única testemunha entre o passado e o presente que nem sabemos preservar tanto na sua inocência quanto na sua decadência.

Sabemos que do passado viemos, e que ali nos fizemos, e nos fizeram em grande parte do que somos hoje, apesar das cicatrizes e das marcas recentes que a vida nos impõe. Somos passado e presente sem interrupção, somos hoje, em parte o que fomos ontem, mas somos nós mesmos em construção hoje.

Como trazer o mundo distante da infância para perto de nós e para as novas gerações que estão vivendo e gravando esse novo mundo e que para nós é um mundo já envelhecido sem os rios e estradas e margens da nossa infância?

As mudanças das geografias estão mais nas imagens que na própria vida pisada e vivida. Os computadores encurtaram as distâncias do mundo e assombram pessoas com o volume de informações e nos arrastam para o amanhã, como os outros rios não-rios estradas não-estradas, com pegadas diferentes. Na vida da gente há tantas maneiras de aprender que até a gente esquece que não sabe. O lugar em que estamos não é o lugar que deixamos no passado.

Sei que sempre haverá chuvas nas terras de meus pais, e eu voltarei a ser criança às margens dos rios Capim e ou Itaúnas.

O Autor

Primeiras descobertas

**Quando eu crescer
quero ser menino.**

Fernando Pessoa

O começo

O calendário pregado na parede assinalava 10 de agosto de 1943, dia de S. Lourenço, protetor dos queimados. Nesse dia fui trazido ao mundo pelas mãos negras da parteira Joaquina, no encontro de dois rios, numa pequena casa no povoado de Alto Capim.

No contraforte do Caparaó, nasce o rio Capim que dá nome ao povoado e ao vale, por onde suas águas viajam nas suaves curvas ou em bruscas cachoeiras, até desembocar no piscoso Manhuaçu, ainda no município de Aimorés, Minas Gerais.

Acompanhei o destino das águas e fui levado para outras terras onde descobri que eu existia para mim mesmo, que fazia parte do mundo. A descoberta se deu, às margens do rio Itaúnas, em Barra de São Francisco no Espírito Santo.

A mais remota recordação que tenho foi a de estar num assoalho de tábua de uma casa, em construção. O assoalho era alto, e lá de cima vi o chão e uma pequena casa.

Alguém me pegou pela cintura quando me aproximei do final do assoalho. Teria cerca de dois anos e nenhuma noção de perigo.

Existimos antes para os outros que para nós mesmos e também aprendemos que a idade nos aproxima do fim e do começo. A vida distante da infância derruba a cerca dos tempos.

A andança é uma espécie de retorno ao útero. Amanhecemos sempre no passado, seja próximo ou distante.

Vai Quem Quer

Descobri que a minha casa era grande, que dentro da casa os gatos subiam na banca do fogão a lenha e ali dormiam tranqüilamente, os cachorros espreguiçavam e ressonavam debaixo dos bancos na cozinha.

Para chegar ao quintal, devíamos descer por uma escada de madeira. No quintal destacavam-se o chiqueiro, o galinheiro e um curral. Nas manhãs, as galinhas, os porcos e os cachorros se juntavam perto do curral das vacas.

Na frente da casa, a estrada, por onde passavam os tropeiros com suas tropas de burros, os carreiros com os carros de bois, pessoas em suas montarias ou a pé. Também passavam carretas carregadas de toras de madeira.

As novidades apareciam ou desapareciam na curva da estrada. Da porta da casa eu ficava observando sem saber de onde vinham ou para onde iam as pessoas e seus animais.

Aquele era meu mundo bem no começo ou no final do Vai Quem Quer.

De um lugar no mundo, sentimos esse mundo crescer e se modificar. Vamos aos poucos descobrindo que somos parte dele. Percebemos o crescimento em todas as direções e em todas as dimensões de maneira desordenada.

Minha primeira fotografia

A primeira vez que me vi numa fotografia, estranhei muito, não acreditava, achava que os grandes estavam mentindo.

Era uma foto em preto e branco, desbotada, de uma criança assentada numa cadeira. A criança vestia roupas largas com suspensórios de pano, estava sentada com as pernas cruzadas e com uma penca de laranjas no colo. As pernas e os braços apareciam de dentro da roupa larga que diziam ser uma bombacha.

Os olhos eram enormes, pareciam assustados. Mas o que mais me intrigava era o cabelo grande. Nele alguém fez um estranho penteado. Chuca-chucas acima das orelhas e no meio da cabeça.

Sentia que aquele não era eu, a cara não era minha; nem aquele penteado esquisito; nem aquela estranha roupa me pertencia.

Não me reconhecia na fotografia desbotada, embora pudesse reconhecer minha mãe em outras fotos. Assim, conheci outros antes de me conhecer.

As fotografias encerravam algo de misterioso para as crianças da minha infância. A fotografia e o espelho mostram o ser humano para si mesmo. Ele podia ver sua tristeza e alegria de frente e se conhecer como igual ou diferente dos demais.

O aparecimento da vida

Estava acostumado a ver galinhas andarem pelo quintal com suas ninhadas ou porcas acompanhadas de leitões.

Mas foi diferente ver a vida aparecer. Meu tio um dia mostrou uma galinha no ninho com muitos pintinhos piando debaixo dela. No ninho vi um pintinho com parte do corpo fora da casca do ovo. Ele piava baixinho.

Num esforço para vir ao mundo, com bicadas, os pintinhos iam rompendo a casca do ovo até se livrarem daquela proteção para se juntar à ninhada barulhenta.

Outra vez observei uma porca com uma barriga enorme – *ela está fazendo o ninho pra criar* – disse meu tio. A porca trazia de longe os feixes de capim para debaixo do assoalho da casa onde ela preparava o ninho.

À tarde meu tio avisou, *a porca começou criar*. Fui levado para perto da porca que roncava cadenciada para acalmar os primeiros leitões nascidos, que levantavam e caíam em volta dela.

Meu tio apontou a vagina da porca e disse *é por ali que eles nascem*.

Fiquei atento, curioso à espera do acontecimento. De repente, a porca começa a se mexer como se quisesse levantar-se.

A curiosidade aumentava juntamente com a sensação de medo.

Vi surgir uma bolha de sangue e, de repente, algo sair bem devagar. Fiquei nervoso, não tirei os olhos daquela criatura que se esforçava para nascer.

A criatura nasce e começa a se mexer, mãe se levanta e começa a comer parte do que veio de dentro de si, junto com a cria. A porca roncava alto e andava em volta da ninhada, e com o focinho empurrava os recém-nascidos para o centro do ninho.

Fiquei ali de olhos arregalados com o coração aos pulos, tentando entender o que tinha visto com meus olhos, explicado pelo meu tio com simplicidade.

A vida surgia com dificuldade, mas cercada de proteção no mundo dos bichos. Certamente as crianças poderiam entender aquele momento com a naturalidade e a simplicidade apresentada pelo meu tio.

Tornamos difícil e distante o simples e o que está próximo, porque nos negamos a observar a natureza. Devíamos mostrar para as crianças com simplicidade o que está acontecendo em volta de nós. Assim, elas descobririam melhor o mundo.

Os lá de fora e os do norte

A primeira noção de estar num lugar na geografia se deu quando alguém disse *os lá de fora e os do norte*. Os lá de fora vinham de Aimorés; os do norte viviam em Barra de São Francisco.

Escutava sempre as pessoas grandes dizerem - *eles estão vindo lá de fora para o norte, ou indo do norte lá pra fora*. Havia uma divisa natural, o rio Doce. Todos se referiam à sua travessia, na grande ponte em Colatina ou na barca amarrada num cabo de aço, estendido de um lado ao outro do rio, logo abaixo de Aimorés.

Encantava-me ouvir - *tantos dias de viagem, a cavalo de Alto Capim até Aimorés; de Aimorés até Colatina, mais tantas horas, de trem de ferro; depois, viajar quase um dia de lotação de Colatina até Barra de São Francisco*. Distâncias impensáveis para mim.

Quando chegava alguém lá de fora, eu ficava por perto, escutando as longas histórias das viagens, dos que ficaram para trás, dos casamentos e das mortes matadas ou morridas.

Ouvia os relatos sobre as amizades e os conhecimentos feitos durante a viagem, as descrições das paradas para almoçar ou tomar café, e sobre as pessoas que vomitavam pelas janelas ou mesmo dentro do lotação. Quem chegava ou partia observava a sagrada obrigação de levar e trazer informações, sobre as famílias que se preparavam para rumar em direção ao norte ou voltar lá pra fora.

Eu sabia que estava no norte e que os lá de fora viriam para o norte. Os adultos estavam sempre se referindo com saudades aos que ficaram para trás, parentes, amigos ou mesmo namorados e ou namoradas, que aguardavam longos anos os casamentos.

Os pais davam preferência ao casamento de seus filhos e filhas com gente lá de fora ou do norte. Para mim as pessoas lá de fora eram mais valentes e melhores.

Quem não tinha vindo lá de fora não era de lugar nenhum. Para mim, os do norte estavam se misturando, ficando mais fracos. Eu queria entender por que as pessoas vinham lá de fora.

Em todas as gerações sempre haverá os lá de fora e os do norte em nossa imaginação. Os elos com o passado resistem de maneira engenhosa na cabeça das crianças. Sempre o rio Doce separa os do norte e os lá de fora.

O umbigo

Minha mãe conversava com as amigas, trocando idéias sobre o futuro dos filhos. Fiquei atento sentado no comprido banco da cozinha.

O destino da pessoa está no umbigo, mas vai depender sempre do lugar onde é enterrado o cordão umbilical - Diziam.

As mães guardavam com muito zelo os cordões umbilicais, pois ali estava o destino dos filhos, e elas, as mães, eram as responsáveis pela escolha dos locais mais apropriados para enterrar os umbigos.

Toda mãe escolhia sempre o melhor para os seus filhos, quase sempre nas entradas dos currais, para dar sorte com a criação de gado; ou nos cafezais, para as lavouras; ou perto de uma escola, para que o filho ou a filha ficasse letrado ou professor.

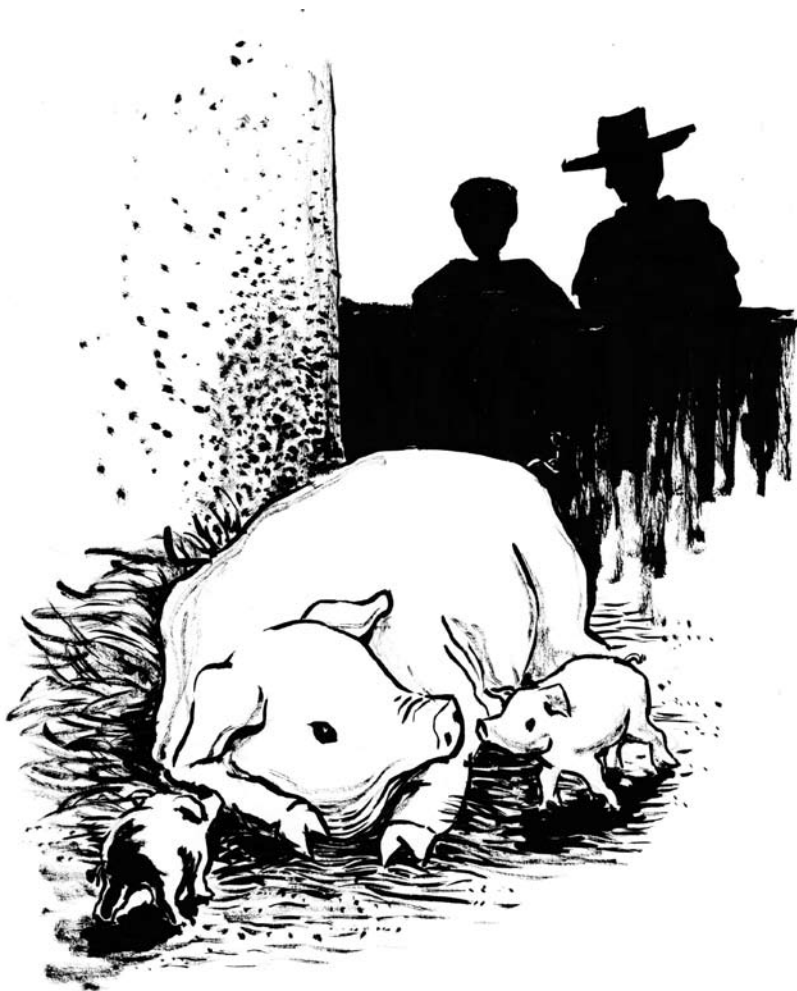
Minha mãe, que só tinha a mim como filho, explicou: *guardei o umbigo dele bem sequinho, dentro de uma caixa-de-fósforo, e no dia em que eu ia enterrar o umbigo, ele caiu da minha mão, direto no buraco do assoalho, na sujeira debaixo da casa. Agora num sei o que ele vai ser quando crescer.*

Senti que não tinha futuro garantido por minha mãe.

Pode ser tudo ou nada. Que Deus permita que o rato não tenha comido.

Fiquei triste, porque não sabia o que ia ser quando crescesse. Tudo ou nada não significava o futuro a que todos os meninos tinham direito.

Assim, escutei que a existência do futuro de cada um depende das outras pessoas. Para mim, só as mães sabiam o que era melhor para os filhos.



O outro lado do mar

O mar é salgado e tão grande que a gente não vê o outro lado – dizia tio Zé Ramos. Gostava de tio Zé, mas não acreditava naquela história. Como é que a gente não vê o outro lado? – perguntava sempre.

O mar não podia ser tão largo, nem tampouco suas águas salgadas. O Itaúnas era o rio que eu conhecia que passava lento e silencioso nos fundos de minha casa, um rio estreito e belo, que eu comparava com os pequenos córregos que nele despejavam suas águas.

A maior lonjura que eu conhecia era o topo do morro na frente da minha casa, onde via os animais pastarem tranqüilamente.

Olhei para minha mãe, e ela confirmou o tamanho do mar e garantiu que a água era salgada. De onde poderia ter vindo tanto sal para salgar aquela quantidade de água de que a gente não via o outro lado? O sal que conhecia em quantidade estava em sacos amontoados no chão das vendas.

De noite acordava e tentava imaginar a largura do mar, mas não conseguia. Como é possível não ver o outro lado? E aquele monte de sal? Só podia ser invenção das pessoas grandes para deixar a gente naquela aflição.

Você vai conhecer o mar - Informou meu pai. Fiquei sem dormir naquela noite.

A cidade de Vitória ficava muito longe. A primeira etapa da viagem era feita num pequeno lotação, por estradas de terra batida, com muitos atoleiros, até Colatina.

O lotação seguia sempre com excesso de passageiros. As malas enormes seguiam amarradas na parte de cima do lotação, junto com as outras cargas. Vez por outra, algumas malas ficavam perdidas pelos caminhos.

O lotação ou perua tinha como motorista, o Capixaba, um homem muito forte que gargalhava constantemente. Capixaba definia por conta própria as paradas do lotação, parava com frequência para conversar com os moradores nas beiras das estradas.

Aqui levo tudo, levo gente jurada de morte, malas e bichos. Só não levo moça fugida, porque é muito perigoso. O mais pode vir que tô levando.

Na curva de uma serra, o lotação atolou num lamaçal. Da vizinhança foi trazida uma junta de bois para desatolar a máquina. Alguém disse bem alto: *aqui só o motor de capim dá jeito.*

A segunda etapa da viagem de Colatina até Vitória era feita no trem de ferro, que passava por túneis escuros com suas rodas sobre os trilhos, produzindo fagulhas e ruídos fortes.

O trem de ferro bamboleando seguia viagem, deixando para trás fumaça, povoados e cidades. Nas estações, desciam e subiam passageiros, mulheres e crianças vendiam pastéis, biscoitos, chouriços, pão com carne moída, pamonha, tudo ofertado aos gritos.

A última estação, a Pedro Nolasco, era localizada em São Torquato, no município de Vila Velha. Muita gente aguardava na plataforma, carregadores de uniformes azuis se ofereciam para levar pesadas malas.

Esses carregadores, com educação, informavam sobre as pensões e hotéis mais em conta para aquelas pessoas vindas do interior na busca de parentes, de emprego ou para tratar de negócios.

Aquele é o braço do mar – olhei e vi, através da janela do trem, o braço do mar e uma ponte de ferro, que ligava o continente à Ilha do Príncipe.

O braço de mar não era infinito: eu via a Ilha do Príncipe e a cidade de Vitória, tudo estava ao alcance dos meus olhos, o que aumentava ainda mais minhas dúvidas.

Dormimos ali perto numa pensão em São Torquato. No dia seguinte, bem cedo, rumamos para Vitória.

Da Praça Costa Pereira, no centro de Vitória, pegamos o bonde e seguimos na direção da Praia do Suá. O bonde bamboleava em cima dos trilhos de aço com seus bancos e seus estribos enfeitados de estudantes uniformizados, de senhoras de idade, de homens de terno e gravata. O motorneiro, imponente com seu uniforme cáqui, majestosamente conduzia o bonde.

O bonde tinha duas antenas elevadas na parte de cima, que abraçavam um cabo de aço, condutor de energia, preso fortemente nos postes fincados próximos aos trilhos. Ele deslizava nos trilhos, com suas rodas de ferro, soltando fagulhas pelas ruas e avenidas cheias de curvas.

Outra figura que chamava a atenção de todos era o trocador que, com incrível habilidade, saltava nos estribos agarrados aos varais externos, para cobrar dos passageiros. Com a mão esquerda agarrava no varal - uma barra de ferro que subia perpendicularmente do estribo - e, com a mão direita, recebia o dinheiro e dava o troco.

De olhos atentos, vigiava os estudantes que queriam enganá-lo. Era uma batalha de habilidades. Quase sempre o cobrador vencia, e o malandro tinha que pagar a passagem e levar uma bronca como trôco. *Comigo ninguém pega ponga.*

Saltamos na Praia do Suá, no ponto que ficava bem em frente à residência do amigo do meu pai, onde trabalhava meu primo Tião.

Ali, enquanto as pessoas grandes conversavam, fui conhecer o mar. Antes de ver o mar, senti um cheiro forte de peixe podre que invadia as ruas.

Ali está o mar - apontou meu primo. Olhei extasiado querendo ver o outro lado.

Não consegui ver nada além de água e mais água na minha frente. Fiquei encantado com aquela imensidão de mar azul, caminhei na areia suja vendo muitas conchas brilhantes espalhadas pelas areias da praia.

Tirei o sapato e pisei com medo na água fria do mar. Não havia ondas.

Lembrei, mas não segui as recomendações de minha mãe - *só experimenta água do mar quem é macaqueiro* - e enchi a concha da mão da água do mar e provei.

Tio Zé Ramos tinha razão: a água era mesmo salgada, e ninguém via o outro lado do mar.

A dúvida é uma imensidão que estimula a imaginação na busca do desconhecido. O mar é um desafio para a compreensão das distâncias.

O broche

Havia uma grande movimentação de pessoas apressadas que iam da sala para a cozinha e da cozinha para a sala, gesticulando e falando ao mesmo tempo. Eu não entendia o que estava acontecendo.

Alguém falou foi o Clóvis que caiu do cavalo.

Perguntei *o que é Clóvis?* Minha mãe respondeu apressada saindo pela porta da cozinha com um copo de água e sal na mão. *Clóvis é um broche, uma coisa que a gente prende no peito.*

Ela se foi, e fiquei observando seus passos em direção à curva da estrada. Guardei na imaginação aquela estranha explicação.

Naquele mesmo dia, mais tarde, minha mãe explicou calmamente: *Clóvis trabalhava na Farmácia de seu Euclides, sofria de epilepsia, teve um ataque, caiu do cavalo, foi encontrado sangrando, caído no chão.*

Durante anos, tive a curiosidade de conhecer o homem que caiu do cavalo na minha infância.

As crianças e os adultos requerem explicações dentro da sua capacidade de entendimento. Assim podem inibir nossa curiosidade, mas nunca sepultar sua existência definitivamente.

Religiosidade

A dúvida é o princípio da sabedoria.

Aristóteles (384 - 322 a.C)

Caminhos

Pela primeira vez, vi um grande quadro dependurado numa parede, na casa do Seu João Nicolau e D. Espanhola. Fiquei encantado. As figuras do quadro pareciam movimentar-se.

O quadro dividido ao meio: numa das metades, um portal na entrada de uma cidade onde tudo parecia festa e animação, com muitas luzes e movimentação onde um menino e um cachorro brincavam no meio da rua, e homens e mulheres se divertiam bebendo e dançando; carruagens e homens com chapéus esquisitos transitam pela rua; na outra metade do quadro, uma muralha, e nela um portão estreito e uma pessoa triste, sentada ao lado de um saco enorme.

Do outro lado do muro, uma trilha estreita e, no seu extremo, uma claridade indefinida num lugar alto.

Nunca havia visto algo parecido. Diante do meu encantamento, Miro, um dos filhos do casal, apontou para o quadro e perguntou – *para onde você quer ir? Qual caminho você escolhe?*

Não tive dúvidas: apontei na direção da cidade em festas.

Miro, com voz ameaçadora: – *Você escolheu o caminho do inferno. Agora você vai pra junto do capeta.* Fiquei assustado. Não entendia por que ele estava dizendo aquilo. Eu tinha medo do inferno e do capeta.

Ele explicou calmamente, apontando para o quadro na parede:

– *você sabe: aquele é o Quadro do Céu e do Inferno, e você escolheu o do inferno. Vai se queimar naquela fogueira - apontava insistentemente na direção dos clarões.*

Tentei explicar que não sabia da escolha, mas ele não escutava: – *agora você já escolheu. Não tem jeito: vai pro inferno.* Fui para casa muito assustado, lembrando dos caminhos do Céu e do Inferno.

Durante anos, via o quadro do Céu e do Inferno em muitas casas e queria me convencer de que aquela passagem estreita no muro era o melhor caminho, mesmo carregando um saco de pecados nas costas, pois aquele era o caminho do céu. E o que portal luminoso da cidade, onde havia festa e brincadeiras era o caminho do inferno!

Miro sabia dos ensinamentos bíblicos contidos no quadro e à sua maneira, ensinava que na vida sempre haverá riscos na escolha de novos caminhos.

“Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo é o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela. Como estreita é a porta, e apertado o caminho que levam à vida! Poucos são os que a encontram.”

Mateus Cap. 7:13-14

Eva e a maçã

Eva foi feita de uma costela de Adão. E o homem até hoje tem uma costela a menos, afirmavam os mais velhos.

Como podia Eva ser feita da costela do Adão, se os homens nascem das mulheres?

Por que o paraíso acabou, no dia em que Eva comeu a maçã e repartiu com Adão? Não entendia por que a serpente era má e deu a maçã para Eva? Por que a serpente queria acabar com o paraíso?

O paraíso era um lugar bom, mas Deus expulsou Adão e Eva de lá. Foram condenados a andar por outros lugares do mundo no pecado. O primeiro pecado foi comer a maçã.

Achava que a serpente era boa, porque ofereceu a maçã para Eva; e Eva era boa, porque repartiu a maçã com Adão. Por mais que me ensinassem que a Eva era a culpada, não conseguia entender. Achava que ela tinha feito uma coisa boa.

Para me convencer, mostraram-me um quadro, onde a serpente oferecia a maçã a uma mulher que era Eva, que estava no meio de árvores, com os seios à mostra e o sexo protegido por uma folha de parreira.

No mesmo quadro, um velho com barbas grandes, de dedo em riste, expulsando o casal, era o próprio Deus mostrando sua ira.

Um dia, meu tio Chiquinho explicou com um gesto o que Eva fez com Adão. Meu tio riu e falou: *Foi uma coisa gostosa que Eva fez com Adão.*

Às vezes me pergunto: não teria sido Eva a mãe das descobertas e precursora das ciências?

O Padre Santo

Vamos ver o padre santo, o padre Antônio, lá fora, em Urucânia.- Avisava minha mãe. Urucânia era uma pequena cidade de Minas Gerais, mas seu nome percorria o mundo. Ali vivia e fazia milagres o padre santo, o padre Antônio.

Esperei dias aquela viagem para ver o padre santo. Qualquer viagem desperta uma criança, mas aquela era especial: ver um santo que fazia milagres.

Fizemos viagem até Colatina num lotação; eu, no colo de minha mãe, olhando para o lado de fora, vendo as matas, as pessoas, as plantações de café, e, principalmente, as carretas que levavam toras enormes de madeira.

De Colatina até Resplendor viajamos de trem de ferro. Depois, novamente em lotação, amontoado de gente que seguia para a terra do padre santo.

Antes, passamos por Pocrane, a *terra da briga de galos*. Aquele devia ser um lugar importante, porque todo galista era uma pessoa conhecida e respeitada. Conhecia Tiago, Moisés, Joaquim Carreiro, Menezes e Mário Chaves.

Chegamos à noite e dormimos numa pensão. Acordamos bem cedo e fomos para uma pracinha ver o padre aparecer na varanda da sua casa. Ele apareceu e acenou para os romeiros, que oravam ajoelhados pedindo uma bênção.

A pequena cidade ficava cheia de romeiros que ali compareciam para receber algum milagre. Todo mundo queria ver o padre santo, e se possível, pegar em suas vestes. Ninguém saía da pequena cidade sem garrafas de água benzida pelo padre Antônio.

Todos que compareciam àquela praça tinham algum pedido, esperavam algum milagre para si ou para algum parente ou amigo necessitado.

Vi muitas pessoas carregadas nas costas, cegos, gente de muletas e crianças no colo. Havia uma movimentação grande. Agarrado à mão de minha mãe, com o coração acelerado, esperava o aparecimento do padre santo.

Escutei muitas vozes - *é ele lá na janela*. - Vejo o padre Antônio, o padre santo, com sua batina preta. Parecia pequeno. Escutei rezas altas e alguns gritos de pessoas com as mãos erguidas na direção do santo.

Sentia curiosidade e medo, temia ver um milagre. Diziam que os paralíticos iam andar e os cegos iam enxergar, os mudos iam falar, os loucos iam ficar bons, os leprosos iam ficar curados.

Tudo me impressionava. Não vi nenhum milagre, nem meus pais disseram ter visto, mas saímos da praça levando uma garrafa de água milagrosa do padre Antônio que ficou lá em casa por muitos anos.

Embora os santos não realizem todos os milagres esperados, os crentes continuam confiantes e confortados nos seus santos milagreiros.

Promessa

Antes de completar três anos, tive uma tosse violenta. Nunca soube se era bronquite ou pneumonia. Eu ficava muito enfraquecido depois dos acessos de tosse. Era uma tosse muito braba, por isso tia Antônia cuidou de mim, com remédios caseiros e com uma promessa.

A tosse se foi, e os anos passaram. Estava no quase esquecimento. Só minha tia não se esqueceu da promessa.

Foi conversa rápida dela com minha mãe: *É tempo dele pagar a promessa feita.*

Minha mãe concordou e definiu: *O dinheiro será ganho com o suor de seu rosto e com esse dinheiro vai comprar um maço de velas e deixar o restante nos pés de Nossa Senhora da Penha, lá no Convento.*

Escutei atento a conversa de minha tia com minha mãe. *A partir de amanhã, você vai carregar água do rio para encher o tambor e lavar os pratos do almoço e do jantar.*

O córrego era distante, e muita água teria que ser carregada para encher o enorme tambor. Chorei e reclamei muito - *não fui eu que fiz a promessa.* Ninguém deu atenção às minhas lamentações.

Meses depois, meu pai decide ir a Vitória, e eu vou junto, por causa da promessa. A viagem foi longa: de ônibus até Colatina e, de Colatina até Vitória, de Trem de Ferro que fazia curvas e soltava fagulhas. As fagulhas que incendiavam as pastagens e queima-

vam as roupas dos passageiros que se descuidassem das janelas.

Eram viagens longas, mas agradáveis para quem nunca tinha visto tantas novidades de lugares. Dormimos numa pensão em Vitória.

No outro dia, bem cedo atravessamos a baía de Vitória na direção de Vila Velha, numa barca conduzida por um catraieiro bronzeado pelo sol e pela maresia. Ele remava sua canoa tranquilamente, vencendo as correntes e as pequenas ondas produzidas pelos freqüentes navios e barcos que transitavam naquele pedaço de mar.

Do outro lado no continente ficava o cais de Paul, onde pegamos o bonde e seguimos até bem perto do convento. Em seguida subimos a pé por dentro das matas cheias de passarinhos, pisando as lisas pedras que cobrem o chão daqueles caminhos.

Na última etapa da subida, uma escadaria com uma infinidade de degraus de pedras sempre grandes e lisas. A escadaria margeava o topo da pedra do convento protegida por uma mureta também de pedra. À direita de quem sobe a escadaria, havia um pequeno bar dependurado na pedra do convento dando fundos para uma paisagem de matas e um mar distante quase infinito. Mais acima, com uma vista ainda mais ampla e mais bela, estava a sala dos milagres.

Meu pai ficou conversando com um amigo sentado num banco de pedra, antes do bar.

O resto do percurso eu deveria fazer sozinho até o altar da santa milagrosa, Nossa Senhora da Penha.

Seguia atento, olhando as pedras da escadaria à minha frente e, de vez em quando olhando para cima, na direção da imensa pedra em que se assentava o Convento, tentando ver a enxó do



trabalhador que caiu lá de cima com seu instrumento de trabalho na mão, gritando por Nossa Senhora da Penha, e um milagre aconteceu.

A enxó entrou na pedra e ele se salvou. E, como prova do milagre, algumas pessoas podiam ver a enxó encravada na pedra.

Não vi a enxó, mas notei um pequeno bar na subida, à minha direita. Dentro do bar, vi um menino comer pão com salame e tomar um guaraná.

Não resisti à tentação. Entrei no bar e comprei um enorme pão com salame e guaraná. Era meu maior desejo de consumo, e nada podia ser mais delicioso no mundo. Comi e bebi com volúpia infantil. De barriga cheia e com vontade de dar um gostoso arroto que só quem conhece a combinação do guaraná quente e do pão com salame é capaz de sentir, subi os últimos degraus com o maço de velas e o que restava do dinheiro.

Lá estava a santa olhando para os pecadores que iam se ajoelhar diante dela. Lembrei o sinal da cruz e a Ave Maria, aprendida às pressas e, naquele momento, diante de Nossa Senhora da Penha, tive muito medo, e estava certo de ter cometido um pecado dos grandes, gastando parte do dinheiro da promessa.

Entre em desespero diante da santa e de seu olhar. Não sabia mais o que fazer. Tremia, pedia perdão.

Acredito que fui perdoado pela minha inocência e pouca idade.

As promessas feitas devem ser pagas, mas é necessário que o penitente tenha conhecimento e concordância.

As raças

Por toda parte gente branca, negra e mestiça. Na família de minha mãe, há muitos negros retintos, outros mais da cor de café com leite, cor de jambo, e uns poucos de olhos azuis e cabelos lisos e finos. Para mim, era como se as pessoas fossem nascendo e daí por diante fossem adquirindo suas cores.

Percebi que havia diferenças, escutei pessoas falarem dos alemães, que eram enganados pelos pretos.

Escutei conversas de gente grande explicando as diferenças das cores das pessoas. Afirmavam que, no começo, Deus fez todos brancos, e o preto surgiu, quando Caim matou Abel. Caim ficou preto por castigo. Assustado, ele correu pro rio para tirar a cor preta, mas só teve tempo de pisar e colocar a palma da mão antes de o rio ficar seco.

Por isso, até hoje, os pretos só têm a palma das mãos e a sola dos pés brancas. Eu olhava sempre para a palma das mãos dos mais pretos e via que eram brancas, mas não entendia por que os outros, que não eram tão pretos, mantinham os mesmos sinais do castigo.

Perguntei à minha mãe se Deus tinha cor. Ela respondeu que Ele tinha a cor das pessoas do mundo. Todos são filhos de Deus. Todos são sua imagem e semelhança, feitos de terra, portanto ninguém é melhor que o outro perante Deus.

Não me parecia que os pretos eram todos maus nem que os brancos eram todos bons.

A religiosidade materna levava-me para a ausência de preconceitos sobre as pessoas.

A primeira comunhão

Meu pai se dizia católico apostólico romano, mas falava mal dos padres, porque eles não se casavam, e afirmava que freqüentar a igreja toda semana serve só para quem não tem o que fazer. Para ele cada um carregava a fé dentro do peito por onde andava.

Minha mãe não era chegada nem a padres nem a freiras. Ela freqüentava pembas, que sofriam perseguição da polícia. Por isso funcionavam fora da cidade nos grotões e beiradas de matas.

Assim crescia, solto no mundo, com o ecletismo da nossa gente, achando que todos iam ao encontro dos caminhos de Deus. Não tinha o por que me preocupar.

Um dia, meu amigo Osmar, filho do ferreiro Zé Paula e de D. Fiota, me convidou para ir à Igreja Católica. Não sentia entusiasmo. Ele insistia, garantindo-me que lá eles iam distribuir santinhos. Ele sabia do meu ponto fraco: gostava de figuras de gente, de animais ou de plantas.

Ficava encantado diante das figuras, tentando descobrir os seus detalhes, compará-los com o que conhecia. Era um fascínio.

Aceitei o convite. Havia muita gente. Crianças acompanhadas dos pais. Elas se divertiam, rindo e implicando com as outras crianças.

Acabei numa fila, atrás do Osmar, perto de um confessionário. Os meninos e meninas se ajoelhavam confessando seus pequenos

pecados. Depois da confissão, o padre aconselhava os pecadores, e pedia rezas.

Sofri, ajoelhado diante do padre. Não sabia confessar os meus pecados, nem sabia direito o que era pecar.

Não tinha noção da importância de salvar a alma. Só queria ganhar os santinhos.

Gaguejando, achei alguns pecados. *Respondi meu pai e a minha mãe,xinguei, falei palavras feias, não ia muito à Igreja, briguei...*

Assustado, queria arrumar outros pecados, sentia que minha confissão não tinha sido completa. Queria confessar que ficava olhando os animais cruzando por toda parte. Não tive coragem.

Como penitência, o padre exigia rezas que eu não sabia e o aconselhamento de não pecar mais.

Na hora de receber a hóstia, juntamente com outras crianças penitentes, senti medo. Osmar havia dito que quem mentisse na hora da confissão, a hóstia agarrava no céu da boca para nunca mais sair.

Com a hóstia na boca, me ajoelhei diante do altar e, com medo, repeti a única oração que sabia e pedi perdão.

Naquele dia levei para a casa vários santinhos, apesar de ter feito uma confissão incompleta para o padre na minha primeira comunhão.

***Mais tarde descobri que pecar é bem mais fácil
que inventar pecados para a confissão.***

Saci Pererê

Atrás do Grupo Escolar havia um morro com uma capoeira, enfeitada de brejaúbas, ipês-roxo, umbaúbas, assa-peixes, perobas e outras árvores que teimavam nascer nas antigas queimadas, sempre enlaçadas por ramadas de maracujás.

Um ralo capinzal cobria o chão como se fosse um tapete aos pés das árvores. O capim servia de pasto para saciar a fome de bois, de cavalos e de jumentos, que circulavam livremente pelo matagal. Os jumentos assustavam as pessoas distraídas com seus barulhentos zurros.

Os meninos percorriam as trilhas na capoeira caçando juritis, inhambus, rolinhas e tatus, com espingardas improvisadas de cabos de guarda-chuva. Preparavam e armavam arapucas, forjas, laços e com os bodoques e setas, atiravam certas pelotadas.

Para muitos, o local era perigoso e assombrado. Ali, corpos assassinados foram encontrados. A capoeira fazia divisa com a cerca do cemitério da cidade.

Um dia, repentinamente, animais que pastavam na capoeira saíram em disparada, fazendo barulho, quebrando árvores e arrebrandando cipós com a força do peito. Os animais corriam de um lado para outro e relinchavam como se perseguidos por algo assustador.

D. Zulmira, professora negra, mulher do soldado Janjão, parou os ensinamentos e foi até à porta da sala de aula e olhou para o morro com ar de mistério, mas pediu para ninguém ficar com medo.

Alguém afirmou ter escutado o estalo de um chicote no ar ou no lombo dos animais; outro jurou ter escutado um assovio vindo da

capoeira. Restavam poucas dúvidas até que um grito, no final do corredor, confirmou a grande suspeita: *é o Saci Pererê.*

Daí por diante tudo era possível. Cada um via e ouvia o que ditava a imaginação orquestrada pelo o medo.

Assovios repetidos vinham de diferentes locais, as chicotadas fortes estalavam no ar. Desacreditar era não temer a Deus.

Muito assustado, assisti crianças e professoras pedindo socorro nos olhares. A diretora tentava acalmar a todos. Naquela confusão, vi uma pessoa chorando e, de repente, uma reza foi se espalhando nervosamente pelas salas e pelo corredor do grupo escolar Governador Lindenberg.

Queriam chamar o militar Cabo Verde para dar um jeito naquela situação quando Seu Felício, com sua sabedoria, disse: *E pra que vão chamar a polícia? Pra prender o Saci Pererê? Isso é coisa que nem general tem poder. É coisa pra mais graduado. Nem Nossa Senhora pode com o Saci. Só Jesus Cristo pregado na cruz, assim mesmo, depois de esforço grande, porque o saci é parte do nosso mundo e com ele nada é de repente. É só dar tempo pro tempo, que, do mesmo jeito que ele veio, ele se vai e deixa os bichos e as gentes na mesma. Saci é brincalhão! Tá se divertindo com os animais na capoeira e, se ninguém der atenção, ele vai se acalmar e volta pro lugar de onde veio. Saci não é coisa ruim. Saci é só brincalhão.*

Finalizou dizendo: conheço muitos segredos do mundo e já presenciei essa ousadia. Só não sei ganhar dinheiro e desobedecer aos santos lá de cima.

Os animais sempre correram nas capoeiras e nos pastos por serem picados por marimbondos, ou assustados por outros animais ou por algum instinto. Naquele momento, os medos e as fantasias se libertaram com o barulho das árvores, arrastadas pelo movimento dos animais.

***Foi quando o saci que estava preso no imaginário,
na cabeça das pessoas, se libertou.***

Nego Lai

Na semana santa sempre havia muita reza e penitência. As crianças eram levadas pelos adultos a praticar atos sem saber por quê nem para quê. Quase tudo era proibido: brincar, gritar, pular, subir em árvores, jogar bola, jogar pião, caçar passarinho, comer carne vermelha... Proibições e mais proibições. Por isso os meninos não gostavam da semana santa.

Nego Lai, filho de família evangélica, criticava adorações dos santos e de estátuas feitas de terra ou de madeira ou de qualquer coisa.

Um dia ele scandalizou muita gente, quando o filme *Vida de Cristo* foi exibido. Um filme mudo, preto e branco. Os personagens se movimentavam como se fossem marionetes aos pulos, balançando a cabeça e os braços de maneira engraçada.

Cristo caía e se levantava rápido, carregando a pesada cruz. No filme uma multidão acompanhava o martírio, acenavam como se aplaudissem os soldados romanos que chicoteavam as costas do Cristo.

Aquele era o momento em que no cinema muitos choravam: Nego Lai riu e falou: *Jesus Cristo comedor de feijão*.

Muitas pessoas ficaram indignadas: queriam botar Nego Lai para fora do cinema.

Admirei a coragem do meu amigo Nego Lai, ele tentava dizer que aquele não era o Cristo verdadeiro que se devia amar.

A morte

Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.

Fernando Pessoa

Lélis

Uma cobra mordeu Lélis, meu amigo, filho de Seu Arantes Maciel e de Dona Tionília. Ele estava deitado na cama com os olhos fechados e com um braço arroxeadado. Parecia morto. Tive medo de ficar no quarto escuro com uma vela em cima de uma mesa, espalhando o cheiro de morte.

Embora Lélis estivesse vivo, aquele foi o momento em que senti a presença da morte.

Morrer por amor

Escuto a noite, conversas e movimentação dentro de casa. Tento sair do quarto para ver o que acontecia. Não consigo: trancaram a porta por fora.

Pela manhã, muitas pessoas entravam e saíam em silêncio. Numa sala próxima da cozinha estava um corpo estendido num banco com as mãos cruzadas sobre o peito. Não entendia o que estava acontecendo, nem ninguém me explicou nada. Todos estavam com a atenção voltada para o corpo estendido num banco, no meio da sala.

Duas pessoas conversam em voz baixa: *Foi veneno que ela tomou, foi desgosto pela separação, era uma pessoa muito boa e trabalhadeira. Ela morreu de paixão e de dor.*

Fiquei andando no meio das pessoas que olhavam o corpo e depois desciam para a cozinha para tomar café na chaleira que ficava em cima da chapa quente.

A mulher morta era amiga de minha mãe e filha do velho português amigo do meu pai. Cleuza havia cometido suicídio. Não resistiu à dor da separação.

Muitas pessoas choravam. Alguém inicia uma reza, que se espalha pela sala. Fiquei olhando o rosto da morta bem de perto, por isso fui retirado dali. Uma criança chega chorando, trazida por um parente. *É o filho dela*, disse um velho sentado no banco.

Mais tarde, vi as pessoas levarem um caixão com o corpo dentro. A casa ficou esvaziada. A morte parecia uma novidade, que chegava e saía sem anunciar. Não tive medo, acreditava que ela ia voltar. A casa ficou por muitos dias com um forte cheiro de velas e flores. *É o cheiro da morte* - diziam.

Por muitos motivos se morre, inclusive por amor.

O filho da Clarinda

Chegou a notícia da morte por afogamento do filho de Dona Clarinda. Ela era negra e fumava cachimbo de barro com uma piteira de bambu, juntamente com minha mãe. O filho dela foi pescar na cachoeira do Tulin a poucos quilômetros da cidade, acompanhando de um homem que quebrava pedras na pedreira do baiano Vai Querê, perto da minha casa.

Agostinho teria caído dentro d'água e se afogado. Encontrar o corpo levou mais de um dia. Muita gente mergulhou e passou redes de pesca tentando encontrar o corpo.

O corpo só foi encontrado numa curva do rio, num redemoinho. Para isso, colocaram uma vela acesa dentro de um prato rio abaixo. Quando o prato parou e começou a girar no redemoinho, o corpo foi encontrado. Os peixes haviam comido os olhos do corpo, que foi levado para ser enterrado no cemitério da cidade.

Vi passar o corpo do filho de Clarinda, enrolado num cobertor velho. Senti muita tristeza. Lembrava-me dele correndo e rindo no quintal lá de casa.

A morte e a pobreza do filho da Clarinda faziam dele um morto diferente.

O assassinato do retratista

Numa briga de casal, a mulher grita que o marido dela teria matado o retratista Agenor, juntamente com dois amigos. A vizinha, mulher do sargento, escuta a acusação e conta para o marido.

O sargento toma as providências, vai até à cadeia pública onde funciona a delegacia e relata com detalhes o que ouviu da mulher. Os três acusados são presos e levados para a delegacia, onde negam a autoria do crime e asseguram não saber de nada. A cidade inteira passa a comentar o fato. As opiniões se dividem. Era um crime contra um homem bom.

À noite, na delegacia, gritos foram ouvidos. A polícia perdia a paciência, a sociedade aceitava ou se omitia, e o juiz fingia que não sabia, ou dizia que não podia fazer nada.

Pela manhã do dia seguinte, três homens amarrados, levados pela polícia, passam diante da minha casa, acompanhados de uma pequena procissão de curiosos que incluía algumas mulheres e crianças.

Sem o consentimento dos meus pais, passei a acompanhar a agonia daqueles três homens, primeiro dentro de um tabual, tentando encontrar o retratista enterrado.

Vi os homens sujos de barro dentro do lamaçal. Um deles chorava e pedia: *Pelo amor de Deus, seu Zé, ajude a gente. Nós não matamos ninguém, não.*

A coronha de fuzil calou aquela voz que suplicava. Só restou o gemido e a queda do corpo afundando na lama preta no leito do pequeno córrego.

O tabual ficava na nossa propriedade. Meu pai ofereceu uns homens para esgotar o tabual, o que facilitaria encontrar o corpo. A oferta não foi aceita.

À tarde, os três homens informaram que o corpo não estava no tabual e sim numa pequena mata na propriedade do seu Escolatte, nosso vizinho. Os três homens são amarrados e levados, apanhando com cipó de boi. Tinham marcas por todo corpo, e o que restava das camisas eram molambos enlameados.

Dentro da mata havia uma cova. Ali, sob olhares atentos de curiosos, de bate-paus e de policiais, recomeçaram cavar o chão, recebendo pancadas. Da terra úmida da cova emana um terrível mau cheiro: *é o corpo do homem!*

Movimentação geral. O primeiro punhado de terra misturado com carne podre aparecia: *Agora é só com as mãos, grita alguém.*

Em seguida, ossos aparecem nas mãos dos acusados: *filhos da puta. Negavam tudo, e agora, está ai, pra todo mundo ver.*

O cheiro de carne podre empesta a sombra da mata que, nos finais de semana, protegia amores de casais apaixonados. Na cova não foi encontrado o corpo do retratista enterrado. Havia no lugar uma ossada de um boi. Os policiais se sentem enganados, traídos e enfurecidos.

Os prisioneiros em seguida são levados para a cachoeira do Tulin, distante dali cerca de seis quilômetros. Era distante. Não pude acompanhar.

Os mais velhos alimentavam a curiosidade das crianças, quando

diziam que a polícia amarrava com barbante os sacos dos três e depois os jogavam dentro d'água para procurar o corpo no fundo do rio. Policiais subiam nas costas deles obrigando-os a mergulhar na busca do corpo. Tudo isso acompanhado de pancadas e de ameaças.

O martírio durou mais alguns dias. Até que o retratista apareceu vivo em carne e osso, na cidade, trazendo muitos dos retratos encomendados.

Ele apareceu vivo. O mistério se desfez, a cidade respirou aliviada, as histórias foram sendo modificadas, adaptadas e esquecidas.

As vítimas sofreram muito e continuaram sofrendo depois. Uma ficou tuberculosa e morreu. Outra saiu da cidade, coberta de vergonha. E a terceira teria ficado louca.

A cidade presenciou uma tragédia, viu de perto crimes serem praticados contra inocentes, não reagiu, deixou por conta do tempo, no quase esquecimento.

Descobertas

**Se um pequeno sonho é perigoso,
a cura não é sonhar menos,
mas sonhar mais, sonhar todo tempo.**

Marcel Proust

Vocação

Até entre os moleques de tropas havia distinção. Alguns passavam montados em éguas madrinhas enfeitadas, outros a pé tocavam as tropas. Os primeiros vinham de mais longe; os segundos, de mais perto.

Chegavam aos ranchos na frente da tropa, nos povoados, eram recebidos com simpatia e cumprimentados pelos viajantes nas estradas. Alguns moleques andavam a pé, correndo atrás da tropa de um rancho ao outro, com um tolete que batia nas cangalhas ou no traseiro dos burros para apressar os animais.

Perto da minha casa havia um rancho e uma máquina de pilar café. O dono era seu Thomaz Furtado.

Os moleques gritavam com os burros e as mulas das tropas, chamando cada animal pelo nome. Aquela liberdade de gritar, de correr atrás da tropa, de bater na cangalha me encantava. Tinha a impressão de que eles eram os seres mais livres do mundo.

Foi a primeira atividade de trabalho que despertou minha vocação. Devo ter desmanchado aquele sonho de infância, ao saber que havia muitos sacrifícios e sofrimentos naquela corrida atrás das tropas.

As tropas continuaram passando diante da minha casa, cortando o contestado em muitas direções, e eu desmontei da garupa das fantasias da minha infância.

As vocações podem ser cultivadas e alimentadas com carinho ou desfeitas de maneira brusca.

Certamente minha primeira vocação foi sufocada por algum adulto, por puro preconceito ou pela simples mania de querer orientar o futuro dos outros.

Erva maldita

Astrogildo, com terno branco e chapéu da mesma cor, na porta do bar com gestos e sorriso na cara, explicava para alguns moradores da cidade que o escutavam com muita curiosidade e admiração: *Lá no Rio de Janeiro, os malandros pegam um cigarrinho de maconha, dão uma tragada e assopram devagar, pelo buraco da fechadura aquela fumaça, e daí a alguns minutos todo mundo daquela casa está dormindo e não acorda tão cedo. É o tempo que o malandro tem pra fazer a limpeza de tudo que tem dentro da casa.*

Maconha é coisa do diabo que os malandros dominam. *Todos dizem que é a erva maldita...*

Astrogildo conhecia o Rio de Janeiro e sabia da arte dos malandros que fumavam maconha pra roubar. Aquela história impressionava e aguçava a curiosidade das pessoas. O malandro e a maconha apareciam juntos sem violência.

Um pileque menor

Na minha frente, meu tio Chiquinho preparou e bebeu uma queimadinha. Fiquei admirado, olhando pra ele. Sério, ele disse: *Menino não pode beber.*

Era bonito ver a cachaça ser derramada no prato de alumínio, com um pouco de açúcar e, em seguida, com um fósforo aceso, atear fogo na mistura.

O fogo queimava lentamente, produzindo uma chama azulada, que oscilava de um lado para o outro, subindo e descendo empurrada pelo vento.

A preparação da cachaça queimada dependia de três operações precisas: a quantidade certa da cachaça e do açúcar, a duração da chama queimando e, finalmente, o momento de abafar o fogo.

Meu tio fazia a queimada, escondido de minha mãe. Usava o açúcar cristal que estava reservado, para preparar café de visita importante, em substituição à rapadura de cana, que ficava no fumeiro, em cima do fogão a lenha.

Um dia, vi uma garrafa de cachaça em cima da mesa e o açúcar ao alcance da mão. Veio a vontade da imitação.

Derramei com cuidado o açúcar e a cachaça no prato e risquei o fósforo que espalhou o fogo. A chama subiu colorida e rápida. Em seguida, com um prato invertido, abafei o fogo. Um cheiro forte e agradável se espalhou na cozinha.

Entornei o líquido numa xícara de esmalte e bebi bem devagar, ainda quente, como me haviam ensinado para fazer mais efeito.

Senti a cabeça rodando e uma sensação estranha que parecia me empurrar para várias direções. Não sabia mais o que fazer. Senti medo de morrer ou de ser repreendido pelo fato de ter feito e bebido a queimada.

Com a cabeça rodando, decidi ir para o quarto. O perigo e o medo produziram sono. Entre a cozinha e o quarto, minha mãe costurava, pedalando, numa máquina Singer.

Quando avistei minha mãe, tive dúvidas se devia seguir para o quarto ou voltar para cozinha. Decidi ir para o quarto, para me refugiar, levando os medos comigo.

Tento traçar o rumo, porém acabo indo noutra direção, como se atraído por um imã. Caminho na direção em que trabalhava minha mãe e esbarro a testa na tampa da máquina de costura.

Minha mãe interrompeu o seu trabalho e pergunta: *O que é isso menino? Parece que tá bêbado?*

Levanto apressado do assoalho frio e entro no quarto. Mergulho debaixo da cama, com medo e assustado comigo mesmo.

As tentações existem desde cedo e podem florescer de uma hora para outra, de maneira inesperada.

A Tourada

*T*em tourada na cidade. Fiquei eufórico com a notícia. Já ouvira falar dos toureiros e de suas façanhas dentro da arena.

Os pais levavam os filhos pequenos e grandes para assistirem àquele espetáculo que se apresentava na cidade. Tourada em Barra de São Francisco! Tudo mistério e alegria.

Na frente da bilheteria do alto de um poste, o alto-falante convida o público, enquanto o palhaço, nas ruas, acompanhado de muitas crianças, anuncia o grandioso espetáculo.

Nossa respeitável companhia apresentará nesta cidade o famoso toureiro Baianinho, juntamente com o palhaço Fedegoso enfrentando feras, arriscando a própria vida, na arena. Compareçam com sua família. Não percam! Somente esta semana.

Nessa tourada não havia touros bravos. As feras eram vacas paridas de novo, vindas de propriedades vizinhas.

As vacas ficavam expostas num pequeno curral improvisado atrás do picadeiro. O toureiro Baianinho e o palhaço Fedegoso enfrentariam as feras.

Na hora do espetáculo, as vacas iam sendo empurradas uma a uma para o picadeiro, um pequeno cercado de varas amarradas em troncos fincados no chão.

Assustadas com as luzes e os gritos da platéia, as vacas atacavam

o toureiro com chifradas. O toureiro se livrava dos chifres e das investidas do animal, sem sair do lugar, demonstrando sua mes-
tria. O toureiro balançava a capa vermelha diante daquele animal
que muitas vezes fugia assustado, com os gritos da platéia ou do
toureiro.

Quando a claridade desorientava a vaca, o público reagia com
humor, imitando o bezerro daquela mãe aflita, no intuito de fazer
despertar o seu instinto materno e atacar o toureiro. Sempre havia
o palhaço com sua barriga enorme feita de capim, atormentando
o animal e fazendo graça para o pequeno público.

O toureiro, além de tourear a vaca de bezerro novo, fazia uma
exibição à parte, quando deixava sua capa vermelha. Numa de-
monstração de coragem, ele virava as costas e caminhava em di-
reção à vaca que, enfurecida, babava e raspava o chão com as
patas.

O toureiro se aproximava do animal, devagar, esperando o ata-
que. O público ficava em silêncio, alguns espectadores tapavam
os olhos diante do perigo iminente.

De repente, a vaca partia furiosa na direção do toureiro que sim-
plesmente caía no meio dos chifres da vaca. Iniciava um duelo de
forças: o animal tentava se desvencilhar do homem agarrado nos
seus chifres e o homem tentava derrubar o animal enfurecido.

Chega o momento mais esperado: a queda do animal. A vaca caía
na terra do picadeiro, e o público delira. Nesse momento, o tou-
reiro deixava o animal caído e, num salto, se punha de pé, para
receber os aplausos merecidos.

***Conheci a tourada sem sangue nem morte. Ape-
nas um embate do homem contra o animal, em***

que, vivos, o homem recebia aplauso, e o animal voltava para o pasto para cuidar da sua cria.

Aquela tourada era mais humana e havia medição de força e agilidade entre o homem e a fera.

Não havia bandeirola fincada no corpo do animal, nem espada na mão do toureiro, nem aquela estocada final, matando o animal.

Sempre sentirei saudades da tourada da minha infância.

O rádio

Tinha quatro anos quando vi o primeiro rádio. Era enorme, marrom, marca Philips com muitos botões pretos que serviam para ligar e desligar, aumentar o volume e mudar de estações. A imensa bateria ou pilha, quase do tamanho do rádio, pesava muito, precisava ser trocada de tempos em tempos.

É isso que dá força ao rádio, é a alma do rádio - ensinou minha mãe.

O rádio e a sua bateria geravam muita curiosidade, pois, de dentro do rádio, ia sair música e voz de gente falando. Nós ficamos em volta incrédulos. Meu pai não deixava ninguém mexer para não botar defeito.

Instalar um rádio exigia conhecimento e cuidados especiais. Inicialmente, foram pregadas duas plataformas, na parede de peroba. O rádio ficava encostado na parede de madeira a mais ou menos um metro e meio distante do assoalho, para evitar que crianças pudessem mexer.

Do rádio subia um fio de cobre pela parede até atravessar o teto, onde se fixava a antena.

O rádio ficava na sala, num lugar vistoso, para ser notado logo que a pessoa entrasse na soleira da casa. Ali estava para ser admirado, como um oratório.

Depois da instalação feita, chegava o momento de ligar o rádio. Havia cessado o puxar e espichar de fios. Todo mundo atento e

silencioso. Ninguém encostava as mãos no rádio. Momento solene. Somente seu Jorge entendia do assunto, somente ele opinava: *Vamos ver se está funcionando*. Silêncio total.

Seu Jorge gira o primeiro botão preto da esquerda. Nenhum ruído. A angústia durou minutos de apertos de botões e de mexidas nos fios. Finalmente, uma voz estridente, saiu lá de dentro.

Muitas pessoas foram lá em casa para ver o rádio funcionar. Alguns não acreditavam que aquilo fosse verdade. Veio gente do patrimônio de Paulista para ver a novidade.

É verdade, compadre, que você tem um rádio que fala?

É verdade. Vou ligar, e aí você conhece o bicho.

É uma coisa de Deus ou do Diabo?

Quem vai lá saber?

Onde é que nós vamos parar com essas invenções?

Ninguém sabe, ninguém sabe - sentenciou alguém.

O rádio desperta a imaginação e nos obriga a criar seres e situações. Cada voz exige uma definição de seu dono.

Uma voz feminina, aveludada e uma voz masculina, forte e musical entranharam em minha cabeça, vinham de longe, parecia milagre.



O progresso

Barra de São Francisco tinha luz elétrica. O prefeito comprou um enorme motor a óleo, muito barulhento, e instalou perto da pinguela do Vai Quem Quer.

Houve uma grande festa com muitos discursos e churrasco assado nos espetos de bambu. Nas valas, o braseiro queimava tudo.

Os espetos levavam pedaços de carne até encostar-se às brasas. Rapidamente a carne ficava tostada ou queimada e havia sempre um pouco de cinzas ou alguma brasa para testemunhar a presença do fogo e da qualidade da carne.

A festança durou dias. Muitos garrotes foram sacrificados, e muitas toras de guarabus foram queimadas para dar conta do fogo aceso.

O progresso chegava à cidade. Muitos percorriam léguas e mais léguas para conhecer a tal de luz elétrica.

O motor majestoso gerava luz elétrica, consumia muito óleo, soltava muita fumaça e fazia barulho.

O progresso tinha chegado com a queima de foguetes, churrasco, fumaça, e muito barulho, agora Barra de S. Francisco vai ser outra cidade, diziam contentes, as pessoas mais viajadas e mais ricas.

O Picolé

Com energia elétrica, tem picolé, explicou minha mãe. Ela conheceu aquela maravilha em Aimorés, na mudança de Alto Capim para Barra de São Francisco.

É tão frio que queima os beiços e solta fumaça. Minha cabeça fervilhava só de pensar numa coisa tão fria que pudesse queimar. A coisa mais fria para mim era o orvalho da manhã nas gramas dos pastos.

Vou dar um dinheiro para vocês comprarem picolé. Foi uma alegria geral. Esperamos o domingo.

Do Vai Quem Quer até o centro da cidade, um pulo. A cidade era pequena. No caminho decidimos quem entrava primeiro no bar para comprar picolé.

Meu primo foi na frente para ver se o bar estava cheio. Lico, meu primo, era o mais velho e levava o dinheiro.

Diante do bar estávamos eu, meus primos e meu avô Manoel Ramos, cada um mais curioso que o outro.

No bar, um enorme Balcão Geladeira, que comportava litros de frescos de limão, frescos de groselha e cervejas geladas. No balcão havia fôrmas redondas e quadradas para fazer picolé.

Lembramos as recomendações de minha mãe: *entrar, comprar e sair sem macaquices.* Ninguém queria parecer macaqueiro, gente da roça, gente sem conhecimento.

O dinheiro foi depositado em cima do balcão. O dono do bar enfiava a mão na geladeira e trazia o picolé de dentro da forma, junto com uma fumaça rala.

Era pegar no cabinho de madeira e levar à boca sempre com cuidado, para não se queimar.

Os lábios e os olhos devoravam devagar aquela delícia. Saímos do bar com uma alegria imensa, cada um mais concentrado no seu picolé.

Uma descoberta e uma comprovação: o picolé queimava os lábios e os dedos tanto das crianças como das pessoas de idade, como meu avô Manoel Ramos.

A curiosidade não tem idade. Meu avô conheceu o frio do picolé, que queimava os lábios, juntamente com os netos.

O filme

*V*ão mostrar lá na rua uma sombra que se mexe sem corpo, igual que tivesse viva. Fiquei com medo e muito curioso.

Todos queriam ver a sombra que se mexia sozinha, meu pai falou *é tudo uma bobeira só, não tem muita graça. Já vi em Aimorés e no Rio de Janeiro*. Era um homem de muitas andanças e já tinha visto muitas coisas por esse mundo afora. Afirmava sempre para mostrar que não se impressionava facilmente.

Fomos para a praça, atravessando a pinguela, chegando ao aterro que foi uma lagoa, bem de frente da casa de Dona Ciça e seu Alceu Melgaço.

Acho que todas as pessoas da cidade estavam reunidas na praça, aguardando com expectativa o que iria aparecer naquela grande tela branca fincada na praça. Uma verdadeira festa: meninos vendendo pastéis e sonhos em bandejas; morcelas e chouriços sendo oferecidos com seu cheiro agradável de dar água na boca.

Quem já tinha visto filme num cinema, ficava falando para grupos de pessoas que escutavam atentas ou fingiam não estar interessadas na conversa para não parecer gente boba, ignorante.

Muitas perguntas surgiam, alguns gesticulavam, imitavam os movimentos das sombras do cinema.

Os minutos demoram até que o alto-falante anuncia o momento solene. Um feixe de luz sai de dentro do projetor operado por

gente de fora, convidada para aquela função. A luz clareia a tela branca na escuridão.

Todo mundo de pé no desconforto do terreno acidentado, com os olhos fixos, esperando a movimentação das sombras. Ecoa um grito - *agora vai aparecer*. O milagre acontece.

Um rosto aparece, com ar de tristeza e dor. Numa boca enorme surge um batalhão de seres estranhos com brocas e marretas, furando e quebrando os dentes. A multidão da praça sentia pena do infeliz que sofria com a dor de dente. Sofria, mas era impotente.

De repente, aparece um exército de branco. O exército saía de um tubo de pasta da Kolynos. Cada soldado carregava uma escova de dente no ombro, como fuzil.

Houve murmúrios e gritos na praça. Era o próprio exército da salvação, esperado por todos.

Em poucos segundos, aquele exército de branco e do bem, liquida os inimigos da cor escura e do mal. Muita gente aplaudiu aquela guerra em que o bem venceu o mal através do exército da Kolynos.

No final do filme aparece um rosto com enorme sorriso de felicidade.

Depois um leão surgiu dentro de um arco. Era o leão da Metro Goldwyn Mayer. Ele rugia e balançava a cabeça para os lados. Senti medo no meio daquela multidão curiosa.

A propaganda da Kolynos criou mais impacto que o rugido do leão dentro da noite.

O retrato e o quadro

O retratista era uma pessoa muito importante e querida. A cavalo ou a pé, percorria longas distâncias entre povoados e fazendas, carregando a máquina de bater retratos com o seu enorme tripé.

O retratista comandava uma complexa operação, dando ordens, ajeitando as roupas, orientando as posições e mesmo gritando, quando alguém desobedecia, mudando de lugar sem o consentimento dele. Repetia sempre - *Para bater um bom retrato preciso de obediência.*

Quando a encenação da pose estava pronta, o retratista ia para trás da máquina fotográfica apoiada no tripé, enfiava a cabeça num pano preto, levantava a mão, pedindo atenção. Com a outra mão, puxava uma corda, produzindo um clarão e um pequeno estrondo, sinalizando que a fotografia tinha sido batida.

Nas fotografias, as pessoas apareciam com caras sérias. Não se devia sorrir. Adultos e crianças obedeciam.

Depois de batido o retrato, restava esperar que ele completasse sua missão na redondeza. A demora dependia também de ele ter conseguido assegurar uma quantidade de encomendas que economicamente, compensasse o seu trabalho.

Muitos retratos e quadros foram produzidos em Colatina, a mais de cem quilômetros dali.

Dentro de uma moldura, os retratos coloridos e retocados oculata-

vam rugas; as faces brancas ficavam rosadas; as pessoas negras, mais brancas. Os retratistas faziam verdadeiros milagres com as roupas. Nem tudo era feito à revelia do freguês.

Certo dia, um retratista apareceu lá em casa, almoçou e entabulou negociação para fazer um retrato que dele fizesse um quadro.

Atrás da casa, um lençol foi dependurado na parede, servindo de fundo para o retrato.

Meu pai, minha mãe e eu, ali no lugar indicado, todos muito sérios. Eu usava uma camisa listrada de pano barato, minha mãe usava um vestido simples sem mangas, e meu pai vestia uma camisa com mangas compridas, desbotada.

Meses depois, aparece o retratista, com sua obra de arte. Uma moldura oval envolta num papel de embrulho grosso e amarelo dentro de um saco de pano.

Ele, o retratista, se valorizou ao mostrar o quadro.

Não acreditei no que vi. Um milagre tinha acontecido: eu estava de paletó marrom claro, minha mãe com um vestido rosa, elegante com uma flor no cabelo, meu pai com uma cara séria dentro dum paletó marrom e com uma enorme gravata da cor do vestido de minha mãe.

Eu não acreditava no que estava vendo. Ele devia ser mágico ou feiticeiro. Minha mãe ficou contente; e eu, encantado. Só meu pai não gostou.

O retratista fez a gravata do mesmo tecido do vestido da minha mãe, incluindo as bolinhas brancas. Por mais que o retratista explicasse, não convencia meu pai. A conversa durou um tempo, e acabaram acertando. O retratista faria um desconto e meu pai continuaria com a gravata rosa do mesmo jeito.

Aqueles artistas mudavam os penteados, as roupas e até a cor das pessoas a seu bel-prazer e quase sempre acertavam o gosto dos retratados.

Os retratos tinham algo de sagrado, guardados com muito carinho que só era ofertado como prova de muita amizade ou paixão forte.

Aprendizado

A vida é maravilhosa quando não se tem medo dela.

Charles Chaplin

As ruas

Num tempo distante, descobri a existência das ruas. Empoeiradas nos tempos das secas, e lamacentas e escorregadias, nos tempos das chuvas.

Logo apreendi que as ruas da cidade fazem parte de nós. Como a nossa sombra, não desaparecem, ficam dentro de nós, e de vez em quando voltam às nossas mentes. As ruas são apenas seqüência de alguma estrada. Durante longos anos só existiam quatro ruas para mim.

A Rua Vai Quem Quer era a mais abandonada. Estreita e feia, começava na divisa do sítio onde eu morava. Na divisa do sítio, havia uma enorme vala, substituindo o arame farpado da cerca. Essa vala se estendia por uns novecentos metros de comprimento, com dois metros de profundidade.

A estrada que dava origem à rua foi escavada na barra do morro, separando as poucas casas: umas na parte de cima do barranco e outras rentes à estrada, com o rio Itaúnas ao fundo. Uma venda construída de tijolos crus e coberta de tábuas dava início à Rua Vai Quem Quer.

As casas da parte de cima, em menor número, eram simples casebres feitos de taipas cobertas de tabuinha, ou de sapé com paredes de barro batido sobre varas cruzadas. Essas paredes, quando secas, aparentavam costelas expostas.

No interior dos casebres não existiam móveis. Dormia-se sobre tarimbas, feitas de varas, cobertas por colchões de palha de milho ou paina de taboa. O pequeno fogão era de barro, equilibrado em pernas de madeira com duas ou três painelas escurecidas pela fumaça da lenha que queimava permanentemente. Algumas dessas taperas não tinham divisão interna. O piso era de terra batida.

As casas rentes à estrada eram feitas de tijolos crus, com assoalhos de tabuas de madeira serrada, com poucos móveis. Essas casas ficavam espremidas pela estrada e o rio que corria no fundo dos seus quintais. A rua seguia paralela ao rio Itaúnas, e de repente, descia na direção do rio, num trecho raso que permitia a passagem das tropas, dos carros de bois e dos cavaleiros que ru-mavam para o centro da cidade, passando pelo motor gerador de energia e pela máquina de pilar café de seu Thomaz. Os pedestres atravessavam a pinguela.

A continuidade da estrada levava rumo a uma ponte de madeira que dava passagem a carros de bois, tropas, caminhões e carretas que transportavam toras de madeiras. Um novo encontro com a Rua Seca, ocorria desta vez na sua extremidade.

A Rua Seca era a continuidade da estrada que vinha margeando pela esquerda o Itaúnas. Ela começava na propriedade do seu Oséias, estendia-se na direção da Rua Mineira. A Rua Seca inicia na parte mais alta e desce até o centro, e dali para a outra extre-midade havia uma nova subida. Assim o centro, embora fosse a continuidade da Rua Seca, ficava na parte mais baixa e inundava com qualquer chuva. Assim as partes secas nos extremos deram origem ao nome da rua.

O centro da cidade ficava na Rua Seca. A maioria das casas de comércio se enfileirava, nessa rua. A Igreja Católica foi construída num pequeno morro próximo.

No centro da cidade aconteciam as festas e acontecimentos importantes. As crianças e os adultos gostavam do centro da cidade pela sua agitação. Havia rebuliço de gente chegando e saindo, a pé, a cavalo. Sempre havia novidades no centro da cidade.

As casas eram melhores, o comércio era melhor. Ali chegavam as novidades dos calçados, chapéus, ferramentas. As casas eram brancas, feitas de tijolos queimados. Algumas mostravam, as costelas com a queda de parte do reboco.

A Rua Mineira nasceu no clima de litígio, da quase guerra entre MG e ES. A região passou a ser conhecida como zona contestada. Houve deslocamentos de tropas das PMs para as fronteiras dos dois estados.

Os capixabas acusavam os mineiros de terem roubado a região de Mantena. Eles, em pé de guerra, não aceitavam a ocupação e afirmavam que o nome daquela cidade era Gabriel Emílio.

Todas as tardes, o soldado da PM do ES José Raimundo, alagoano, ironizava, dizendo: agora vou atravessar a pinguela pra Minas Gerais e tomar uns goles.

Assim nascia a Rua Mineira do outro lado do Rio S. Francisco, encravada na propriedade dos Fernandes, onde existiam algumas casas e dois botecos.

Na Rua do Bambé, as casas surgem esparsas, contornando as fraldas de um morro, de um só lado da rua, paralela ao rio Bambé.

Apesar de muito comprida, essa rua tinha poucas casas e quase nenhum comércio.

Morar na rua era algo mais nobre e atrativo para os ricos e, às vezes, para os pobres que buscavam encontrar algo para si e para os seus.

As ruas e as cidades nos ensinam sempre a criar conceitos de coisas boas, belas ou tristes. As ruas de minha infância me ensinaram muito.

Foi difícil aceitar outras ruas, que surgiam, com o crescimento da cidade.



Os colchões

Os colchões me encantavam. As pessoas mais pobres não tinham colchões. Dormiam em esteiras de taboa jogadas no chão ou em cima das tarimbas, camas feitas de varas.

Os formatos dos colchões revelavam as condições de vida das famílias. Os colchões de palha eram feitos a partir de um enorme saco de pano barato costurado à mão ou à máquina e enchidos com palha de milho. Através de uma abertura lateral, as palhas deviam ser arrumadas antes de dormir.

O colchão de paina sinalizava uma condição de vida melhor. A capa era feita de tecido grosso para evitar a saída da paina pelos orifícios do tecido.

A colheita da paina iniciava pela corte das tabocas, rente aos talos. Geralmente, mulheres entravam nos tabuais e colhiam as tabocas vermelhas já escurecidas. Depois as tabocas eram levadas para secar, até que a paina começasse a soltar, momento de debulhar e encher os travesseiros e os colchões.

Havia dois tipos de colchões de paina. O colchão de gomo e o colchão simples. No primeiro, a paina era distribuída e costurada aos poucos, formando pequenas lombadas paralelas até ao final do colchão.

Com essas lombadas costuradas, a paina não se espalhava. Adaptar-se àquelas lombadas e dormir exigia habilidade durante a noite.

O colchão simples era feito com a paina solta, enfiada dentro do enorme saco como estofa. Na hora de dormir, a paina devia ser espalhada como nos colchões de palha.

Lá em casa predominavam os colchões de gomo.

O colchão de capim oferecia maior conforto, embora fosse para muitos um certo luxo. Sua confecção necessita de maior conhecimento e experiência. Geralmente um profissional se especializava e envolvia toda a família naquela labuta.

As moitas desse capim macio eram encontradas em lugares úmidos próximos dos rios ou de alagados. O corte do capim era simples: um homem ou uma mulher com uma ronca, espécie de foice comprida, curva, de ponta fina, cortava capim para fazer vários colchões em um só dia de trabalho. A secagem do capim devia ser em local de grande exposição ao sol.

O primeiro colchoeiro que conheci, morava perto da minha casa. Era Pedro Teixeira, que fabricava colchões para vender. Junto com ele trabalhavam a mulher, três filhas e um filho.

O tecido, o corte e a costura tinham melhor qualidade. O preenchimento se dava por camadas de capim superpostas, numa altura de dez ou mais centímetros.

Depois de preenchido e costurado, o colchão recebia os botões. Essa costura servia para apertar o tecido contra o capim e manter a altura uniforme em todo a extensão do colchão.

Os botões de tecido mais grosso e de cor diferente formavam fileiras paralelas na largura e no comprimento. O colchão de capim tinha o formato de um retângulo, semelhante aos atuais.

Quem dormia num colchão de capim feito por um profissional se sentia mais realizado.

Vi um colchão diferente, com estofo de cipó barba-de-bode. Um cipó fino colhido nas matas, que depois de seco devia ser mergulhado dentro d'água até a parte externa dissolver, restando um fio preto, com textura lisa e resistente.

Diziam que fazia bem para saúde. Não era alérgico, e que assegurava temperatura agradável tanto no inverno como no verão.

Ouvia conversas sobre colchão *hollywood*, ou colchão de mola que só os ricos podiam comprar.

Nas esteiras, ou nos diferentes colchões, homens, mulheres e crianças sempre encontravam repouso para o corpo e para seus sonhos.

Erosão

Lico e outros dois primos estudavam no Instituto Maruípe, lugar que acolhia os filhos das famílias mais pobres. Era um internato enorme que funcionava em Vitória na capital do Estado. Ainda existiam dois outros: o de Roças Velhas, em Cariacica, e o de Campinhos de Santa Izabel, na região serrana.

Os internatos acolhiam os órfãos, as crianças mais pobres e alguns rebeldes. Funcionava como um centro de recolhimento, uma espécie de reformatório. Ali meus três primos mais o Jamil, filho da D. Marcionília, comadre da minha mãe, estavam recolhidos para serem educados para a vida, aprendendo a escrever, a ler e a trabalhar.

Os internos eram tratados com severidade para compreender o sentido da vida em sociedade. Eles levavam uma vida dura, vigiada pelos monitores e professores ou por colegas que ajudavam a Direção do Instituto Maruípe a controlar internatos.

Sofriam castigos e humilhações, dormiam em alojamentos, usavam como uniformes calças compridas ou curtas de brim azul, camisas também azuis. Bem cedo, eram acordados para tomar café, comer pão com manteiga, depois rezar e ir para o trabalho ou para a sala de aula.

Eram obrigados a se comportar como católicos fervorosos, indo compulsoriamente às missas dominicais.

Apesar do ambiente de sufoco, poucos faziam reclamações. O medo de novos castigos silenciava o Instituto. Eles tinham consciência de que viviam isolados e de que seus pais ou parentes mais próximos tinham gratidão pelo que estavam fazendo por eles.

Poucos recebiam visitas regulares, pois a maioria deles procedia do interior do estado e de famílias pobres ou miseráveis.

O Instituto ensinava o lugar deles na sociedade. Ali eles apreendiam a aceitar seus destinos, crescendo apartados de suas famílias e dos amigos de infância.

Os mestres eram exigentes e muitas vezes violentos. Muita severidade, pouca liberalidade ou lazer. Os internos raramente podiam sair a passeio.

Os meninos riam porque, em qualquer parte do mundo, as crianças não se esquecem de rir, mesmos nos piores momentos da sua existência.

Lico apareceu cabisbaixo no seu uniforme azul, com a cabeça raspada e um sorriso tímido.

Com poucas palavras, entreguei um pedaço de rapadura e um queijo embrulhado num pano branco enviado pela minha mãe. Ele perguntou pouco pela sua mãe e seus irmãos.

Também não sabia o que falar com ele. Ele aponta para uma grande pedra que ficava distante e à frente do Instituto Maruípe: *Aquela é a Pedra dos Olhos.*

Olhei encantado para uma pedra enorme, que parecia nascer do alto de um morro, coberto de árvores.

Aqueles buracos na pedra são os olhos que foram feitos pela erosão dos ventos. Foi o vento que fez aquele buraco.

Olhei atentamente na direção da Pedra dos Olhos. Não podia acreditar que o vento pudesse fazer aqueles enormes olhos na pedra.

Pela primeira vez escutei a palavra erosão. Ela ficou grudada em mim. Era algo mágico.

Só algo desconhecido e muito forte poderia fazer aqueles enormes buracos na pedra, jamais o vento. A palavra erosão soava estranha. Pensava: será que ele quer me enganar?

Na minha cabeça, apenas a palavra erosão que provocou os buracos na pedra intrigava e despertava minha imaginação.

Não estranhava, parecia normal o recolhimento das crianças pobres no Instituto Maruípe, para que elas pudessem aprender a ser gente, afastada de suas famílias.

SEXO

Por toda parte havia sexo entre os animais. As crianças cresciam vendo, se perguntando e aprendendo as artimanhas do sexo.

Os animais com a maior naturalidade faziam sexo em terra, na água, no ar, nas árvores, dentro dos currais, nos chiqueiros, nos galinheiros, nos pastos, nas paredes das casas, tudo diante dos olhares atentos e curiosos das crianças e dos adultos.

Só não se via ou ouvia comentar de sexo entre os bichos humanos. Essa relação parecia não existir. Tudo era encoberto por um manto de mistérios, conhecido como luxúria, prazer e pecado.

Enquanto isso, nos terreiros, os galos corriam atrás das galinhas. Os patos, dentro d'água, afogavam as patas. Os marrecos, com pouca cerimônia, quase de surpresa, sobem nas costas das marrecas. O ganso, com ritual mais sofisticado, nada em volta da fêmea, enfiando a cabeça dentro da água até conseguir consentimento dela.

Os animais jovens experimentam o sexo antes da possibilidade da fecundação. Alguns machos transam com outros machos. Algumas fêmeas também se manifestam em relação a outras fêmeas.

Os touros cobriam as vacas de repente. Os bodes e as cabras se exibem de maneira barulhenta. Os cavalos mordem fortemente os pescoços das éguas e trepavam nas suas costas.

O cruzamento do jumento com a égua era sempre auxiliado por um

homem ou por uma mulher. Desse cruzamento nasce um híbrido, burro ou mula, que, embora estéreis, têm sexualidade ativa.

O porco mantém relação demorada. Os cães em matilhas seguem e disputam as cadelas em cio. Os pássaros na natureza exercitam o ato de reprodução. Rolinhas, bem-te-vis, sabiás, Joões-de-barro, canários, cada a um, à sua maneira, vai se exibindo à vista das crianças por toda parte.

A curiosidade aguçada das crianças capta as formas de sexualidade dos mosquitos nas mesas e nas paredes ou em vôo, atrelados sexualmente aos seus parceiros. Nos tetos ou paredes as lagartixas se entrelaçam amorosamente.

Tudo é praticado por toda parte com naturalidade. O adulto e a criança observam e descrevem o cio das fêmeas. Sabem quando a égua, a vaca, a porca, a cabrita a cadela estão no cio e podem ser cobertas pelos machos.

Assim as crianças crescem vendo e ouvindo conversas sobre o sexo dos animais, permanecendo, entretanto, distante do mais próximo da sua natureza, que é o sexo dos animais humanos.

As crianças, estimuladas pelo mundo animal, ativam sua sexualidade precocemente.

Apesar das inúmeras cercas de preconceitos o sexo é visto livremente, não há meio de aprisionar o ato de reprodução ou de manifestação da sexualidade na natureza. As crianças são estimuladas pela natureza e reprimidas dentro de casa.

Somente existem segredos e invisibilidades para a mais completa manifestação do ato sexual, tanto para a reprodução quanto para o simples prazer dos animais humanos.

Os casais

Diante da minha casa, via passar, rumando para a igreja, a noiva vestida de branco e o noivo de preto. Chegavam a pé ou em carros de boi, ou em montarias, acompanhados de familiares vizinhos e amigos.

Dos casamentos restavam a lembrança dos doces de mamão, de abóbora e de batata e das carnes assadas de leitões e de galinhas. Os noivos recebiam presentes dos parentes e amigos, geralmente animais de criação e utensílios de casa: panelas, bules, panos de pratos.

A família toda devia parecer alegre e festejar, porque a filha, a irmã ou alguém da casa estava se casando, e aquele era um casamento de verdade e completo, no cartório e na igreja.

Afirmavam sempre: quando os galos cantam fora de hora, no raiar da madrugada, é moça solteira fugindo. Elas fugiam de casa, vencendo a escuridão da noite, o medo dos pais e os preconceitos da sociedade.

Essas mulheres eram admiradas porque se arriscavam pelo amor de sua vida. As fugas se davam nas madrugadas, nas altas horas da noite. Elas fugiam a pé acompanhadas de uma amiga de confiança do casal, ou na garupa de um cavalo com o namorado.

As fugas podiam ser de iniciativa dos homens e também das mulheres. Quando ela não aceitava a proposta, diziam que era por

falta de amor. Quando ele não aceitava era sinal de falta de amor e de coragem.

Toda fuga é um desafio da filha aos pais que não aceitam seu amor porque o namorado é mais pobre, negro ou porque há desavenças de famílias ou diferenças de crenças religiosas.

O casal tinha dado provas de muito amor por isso causava admiração e inveja.

Daquele ato de amor e coragem nascia o casal mais romântico que com a fuga definia o futuro de suas vidas.

O casamento na polícia sempre foi o mais comentado. O homem suspeito de ter feito mal à moça, praticamente sem direito de defesa, era intimado a comparecer à delegacia, e ali era acusado pelos pais, junto com vítima a quem ele tinha “feito mal”.

Só havia duas alternativas: aceitar o casamento ou ficar preso algum tempo. Em muitos casos, o acusado era preso e levado para a delegacia, onde aguardaria que a família da vítima ouvisse se ele aceitava ou não reparar o mal, casando com a vítima. Aquele casamento significava também lavar a honra de toda a família.

O casamento na polícia significava humilhação para o casal, sendo que a mulher sofria mais por ser motivo de comentários maldosos.

Naquele início de vida em comum, ninguém sentia alegria. Não havia convidados, nem festas.

O casal ajuntado ou amasiado podia ser de um viúvo com uma viúva, para fugir da solidão, ou com uma moça que não era mais virgem para evitar os comentários dos familiares e da vizinhança.

O homem mais novo se amasiava com viúva ou mulher de mais idade do que ele, atraído pelo que ela possuísse.

Um velho que tivesse algum patrimônio podia se juntar com mulher nova, graças a seu patrimônio. Mulher que perdia a virgindade devia encontrar alguém para não ficar falada.

As viúvas com filhos crescidos evitavam arranjar um homem, temendo comentários e a resistência dentro da família.

Alguns casais se juntavam sem se casar, por puro atrevimento, rejeitados pelas famílias, mas vistos com respeito por parte da sociedade.

Homem que se ajuntava a uma mulher tirada da vida causava admiração de muitos e desconforto para seus familiares.

Ela recebia solidariedade de muitas mulheres e era vítima de preconceitos de outras. Ela devia se redimir dos pecados para servir de exemplo a todos.

O gesto dele se confundia com sacrifício, piedade e amor. Ele estendia a mão e trazia para perto de si uma pecadora que precisava daquele gesto.

Eles passavam a ser um casal observado por todos, principalmente ela que saía da vida. Ali residia uma prova de amor e de coragem.

Diferentes maneiras de união entre os casais mexiam com o imaginário das pessoas, estabelecendo diversidade para a afetividade.

A privada

Não havia banheiro dentro da minha casa. Debaxo da cama só um penico. As pessoas, nas urgências das necessidades, iam para detrás das casas ou das moitas de mato. O penico era quase um luxo.

Havia, distante da casa, uma latrina ou privada, apoiada em esteios de madeira com assoalhos de tábuas a um metro do chão, com um buraco no centro. Debaxo da latrina era comum ver um porco fufando a lama preta e malcheirosa, mistura de barro, fezes e urina.

De cócoras, a gente devia acertar o buraco que ficava bem no centro da latrina. As latrinas eram muito frágeis e perigosas. A higiene era feita com sabugo de milho ou com folhas de mato.

Na primeira viagem para Aimorés, paramos em Colatina, para almoçar. O restaurante ficava perto da estação ferroviária. A mesa era coberta por uma toalha quadriculada. Sobre a mesa, uma farinha de madeira, com guardanapos enfiados em argolas metálicas, garfos e facas.

Meu pai tomou um conhaque; e eu, dois guaraná. Depois dos guaraná, senti a bexiga estourando. Perguntei onde fazer xixi. Com o dedo, ele apontou um corredor.

Lá tem pra homem e para mulher.

Rapidamente cheguei ao final do corredor onde havia duas portas.

Tudo era estranho. Na primeira porta, uma flor e um par de luvas; na outra, um chapéu estranho e uma bengala. Em qual porta devia entrar? O que significavam aqueles desenhos? Podia empurrar a porta? Nunca tinha visto um par de luvas ou uma cartola. Muitas dúvidas, e a bexiga doendo.

Fiquei ali desesperado até que um homem gordo entra na porta do chapéu estranho e da bengala. Descobri a porta por que devia entrar.

Aprendi que havia lugar definido para homens e para mulheres através dos estranhos desenhos nas portas dos banheiros.

A cantada

Tio Chiquinho ensinava a cantar as mulheres: *Você fala, pode ser ou tá difícil... ou uma cosquinha na mão dela na hora do cumprimento. Se ela estiver com uma sombra em volta do olho, ela está querendo dar.*

Por ouvir dizer

Eu não vivo no passado, mas o passado está em mim.

Paulinho da Viola

Assombrações

Meu mundo foi povoado de mulas-sem-cabeça, sacis-pererês, lobisomens, caiporas, mães d'água, caboclinhos e certamente outras que o tempo fez apagar. Eram seres do outro e deste mundo que rondavam e povoavam minha infância.

Muitas assombrações apareciam nos cemitérios, nas porteiras, nas encruzilhadas ou nas matas fechadas. Os feitiços e as mandingas também apareceram. Aqueles mundos de medos e fantasias nos impunham limites, mas havia lugar para criação de outros mundos em nossas cabeças.

Eram mundos mais ingênuos que viam brotar os medos por todas as partes, diferentes dos de agora, onde as assombrações são muitas e criadas por poucos.

Dizem que tudo desapareceu por causa do fim das matas e do surgimento da luz elétrica. Até certo ponto, a alienação aumentou.

Lobisomem

O lobisomem existiu e foi visto e assombrou muita gente em muitos lugares. Na cabeça das crianças e dos adultos do interior havia a presença do horroroso.

Ouvi muitas histórias de lobisomem. Elas povoaram meus sonhos e medos por longos anos.

O lobisomem podia ser qualquer um. Desde que muito pálido, sem sangue na cara. Havia o tempo certo, durante a quaresma. Essa pessoa entrava num chiqueiro e se espojava, no lugar em que dormiam os porcos, para se transformar num lobisomem, um enorme porco cabeludo, que vagaria pelas noites de lua cheia durante a quaresma assombrando as pessoas. Não se falava de mortes provocadas pelos lobisomens.

Quantas vezes não ouvi o barulho do lobisomem rondando minha casa? Quantas vezes ouvi alguém afirmar que conhecia num córrego ou numa comunidade alguém que se transforma em lobisomem.

O lobisomem fazia assombração noite adentro, até o amanhecer, voltando, para espojar no chiqueiro e retomar a condição humana.

O enorme porco que roncava de maneira sinistra debaixo das casas ou nos fundos das casas ou nos capões de mata, ou nas encruzilhadas, era o lobisomem.

O lobisomem da minha infância era gente de um mundo próximo que assombrava em certas épocas do ano no período da quaresma.

Bem diferente dos lobisomens das ficções segundo as quais, durante as noites de lua cheia, homens se transformam em lobos e saem matando noites adentro.



Caçada de elefante

Meu tio João ensinava: *Elefante é um bicho muito grande, quase do tamanho de uma casa, com um focinho comprido chamado tromba, com mais de um metro de comprimento, que enrola um homem pelo meio e quebra ele em dois, quebra galhos das árvores e come muito capim. Tem um couro tão duro que não é qualquer arma de fogo que consegue furar. Ele derruba um jipe ou uma casa com a maior facilidade. Com a tromba ele pega água e joga no corpo ou leva pra dentro da boca. Tem duas presas de marfim com mais de um metro. A perna dele é da grossura de um coqueiro, sem juntas nem joelhos. As orelhas são maiores que duas peneiras de apanhar café. Sozinho ele pesa mais que vinte touros dos grandes. Eles vivem lá na África em manadas ou nos circos amarrados pelo pé.*

Impressionado com o tamanho daquele estranho animal, perguntei como é que podia caçar um elefante.

É muito fácil, pois os elefantes dormem em pé, encostados nas árvores sempre do mesmo lado. É só descobrir as árvores e serrar, sem derrubar. Aí, quando ele se encosta para dormir, a árvore cai e ele vai junto pro chão e não consegue se levantar, porque não tem joelho.

Tinha medo dos elefantes, porque eram grandes e perigosos, mas sentia pena deles porque eles não tinham joelhos e dormiam de pé.

A compaixão é uma maneira profunda de sentir, que pode estar dentro da gente sem a gente saber e que, dum momento para outro, nos faz grande e protetor...

A fala dos bichos

Eram muitas as histórias dos tempos em que os bichos falavam entre si e com os bichos homens. A eles eram atribuídas todas as virtudes e fraquezas humanas. Os animais falavam por nós.

Acreditávamos nas sutilezas daquela comunidade, que às vezes se espelhavam nos bichos, que podiam responder a tudo e a todos, nos seus momentos de apertos, de medos, de desejos, de maldades, de bondade e de defesa dos mais fracos.

Havia sempre uma causa a ser defendida. Alguns animais eram mais espertos, mais fingidos, mais justiceiros, mais ingênuos. As crianças as identificavam logo no início das histórias, pois conheciam sua maneira de agir e pensar.

O coelho era rápido e sagaz; dificilmente era enganado, conversava mais que os outros animais. O macaco, o mais engraçado e esperto, era capaz de fazer tudo para se dar bem e se safar das enrascadas em que se metia. O sapo era bom e esperto, enganava todo mundo com sua boa conversa. A onça, quase sempre má, perseguia ou fazia maldades. O galo era encrenqueiro, mas esperto. O boi quase sempre era vítima de enganação e de gozação dos outros animais. A rolinha, a galinha de Nossa Senhora, o bem-te-vi, intrigante, delator; o jaboti, conselheiro esperto, cheio de histórias, capaz de levar qualquer um na conversa; o cachorro, que tinha pouca importância, aparecia meio sem papel definido, brigão ou meio bobo. A raposa, sempre querendo enganar alguém. A coruja, conselheira e esperta. O urubu, violeiro farrista,

dançarino e contador de prosas. A cobra, traiçoeira, mentirosa, cheia de histórias. O papagaio, pornográfico, enganador, sempre com tiradas espirituosas, mesmo quando levava desvantagem. O jumento, bom, prestativo, amigo de Jesus, protetor de crianças.

Cada pessoa contava a mesma história de maneira diferente, com riquezas de detalhes impressionantes. Cada indivíduo tinha parte nas histórias contadas. Assim elas iam sendo enriquecidas, a cada vez que eram contadas pelos que, assumiam e retransmitiam sua nova versão.

Os animais tinham linguajar solto, direto, fácil de ser entendido. Com frequência, enganavam o bicho homem.

Todas as crianças adoravam essas histórias, e com elas iam moldando seu imaginário, seu caráter, e percebendo as sutilezas da vida.

Tropas e tropeiros

Cresci numa casa em que sempre falavam de tropeiros e de tropas, de animais, de arreios, de ranchos, de burros bravos, de cavalos bons. Quase tudo se relacionava com a partida ou com a chegada das tropas.

Durante longas horas escutava casos das tropas que iam e vinham carregadas de mantimentos, tecidos e ferramentas. Falavam das dificuldades, das aventuras e principalmente dos ranchos.

Os ranchos acolhiam as tropas para o pouso, onde eram arranchadas e pernoitavam, para o descanso dos animais e dos tropeiros.

Esses ranchos iam surgindo ao longo das estradas, marcando as jornadas para os tropeiros e suas tropas. Os ranchos cresciam para atender as demandas das tropas. Alguns se firmavam, ganhavam fama e prestígio, outros desapareciam sendo substituídos nas imediações.

Os ranchos eram ambientes especiais para se tomar fôlego e seguir viagem; eram lugares sagrados e respeitados por regras rígidas, e conhecidas por todos. As distâncias entre eles variavam, dependiam das estradas, às vezes simples picadas dentro de matas fechadas, terrenos acidentados cheios de serras.

O rendimento da marcha da tropa dependia também dos azares da natureza. O tempo chuvoso reduzia o ritmo da marcha dos animais tanto nos terrenos escorregadios quanto nos atoleiros.

As viagens podiam atrasar, na abertura de picadas, na aguarda da redução das chuvas ou na mudança de roteiro, porém os compromissos tinham que ser garantidos.

Nas serras, em tempos de chuvas, o chão barrento e escorregadio impedia ou reduzia a marcha da tropa.

Era preciso proteger a carga e os animais. Nenhum tropeiro abandonava sua tropa por mais dura que fosse a situação. Era uma questão de honra. Com risco da própria vida e saúde, ele permanecia ali junto à tropa até que a natureza lhe permitisse rumar para seu destino.

O tropeiro não abria mão da sua enorme capa gaúcha, que deveria protegê-lo das intempéries e servia também para proteger mercadorias mais delicadas.

Os ranchos deveriam dispor de bons pastos, de aguadas fartas e de galpões cobertos, para protegerem das chuvas cargas e apetrechos das tropas. Às vezes, a cobertura de um curral era suficiente, quando se tratava de passagem de poucas tropas. Quando a movimentação era grande a construção de um enorme galpão se fazia necessária.

Ali muitos negócios eram entabulados entre os tropeiros, como compra e venda de animais e apetrechos para as tropas. O dono do rancho fornecia sal e milho para os animais, algum tipo de bebida, geralmente cachaça, algumas rapaduras, café torrado, toucinho, fardos de carne seca, ferraduras, cravos, fumo de rolo, às vezes botinas com cravos, enfim praticava um pequeno comércio quando não surgia uma pequena venda no local.

As regras eram respeitadas de maneira rigorosa. Os pequenos roubos eram punidos com a morte. A solidariedade entre tropeiros era um dever, uma obrigação moral.

O ambiente não comportava desavenças. Quem chegava tinha que receber ajuda fosse conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo, sem distinção.

No rancho nunca faltava comida para um tropeiro e sua tropa, tivesse dinheiro ou não, pois o dono do rancho abria crédito para aquela necessidade, mesmo quando o tropeiro vinha não se sabe de onde.

Com a tropa desarreada e a carga protegida do tempo, era hora de cuidar dos animais, jogar água no lombo da tropa, cuidar das feridas, pôr milho e sal nos cochos ou nos embornais de couro e verificar as condições das mercadorias.

Aqueles homens rudes, donos ou não da tropa, constituíam uma comunidade solidária que, além de se protegerem, cuidavam bem de seus animais e das cargas a seus cuidados.

Eles abriam caminho levando e trazendo mercadorias e saberes novos. Eram valentes e respeitados por onde passavam. Quase todos levavam suas armas de fogo na cintura além do facão. Alguns traziam carabinas no meio das coisas da tropa. Aquilo fazia parte da indumentária.

As tralhas da cozinha eram compostas por: duas panelas de ferro, uma trempe de duas bocas e um mancebo para preparar o café de rapadura. Tudo era simples e prático naquela vida dura de nômades.

A exceção ficava para as coisas do amor. Eram quase todos mulhereiros, sempre havia nalguma casa de estuque ou num patrimônio bem perto alguma mulher que servia a tropa.

Eram mulheres muito disputadas por aqueles homens. A fama corria longe. Mesmos que não tivesse fama de boa de cama, servia também, porque tropeiro não é exigente. O que não raro acontecia era briga por ciúmes que resultava em mortes.

Eram homens dispostos que não se impressionavam com dificuldades. Eram capazes de ceder animais e ração para desconhecidos, que estivessem passando por aquela região, porque um dia eles poderiam ter precisão semelhante.

Os tropeiros tinham orgulho de suas tropas, das suas vidas errantes, da maneira de cuidar dos animais, do modo de enfeitar seus animais, das madrinhas das tropas que conduziam cincerros no peito, na frente da tropa, levando pouco peso, geralmente a tralha, e às vezes, de um moleque auxiliar que tinha um papel muito importante na tropa.

Os moleques de tropas eram quase todos negros de canelas finas. Eles, ainda meninos, trabalhavam duro em troca da comida e de algumas moedas. Eram filhos de famílias muito pobres ou órfãos que, incorporados naquele meio como aprendizes, sonhavam virar tropeiros.

Esse mundo quase esquecido das tropas e dos tropeiros estabeleceu ligações de povoados, ajudou a transportar riquezas, e certamente ajudou a criar o imaginário de gerações insubmissas.

O céu e as estrelas

Minha infância era marcada pela maneira constante de olhar o céu e contar as estrelas e ver as fases da lua. Dormir cedo era regra, ver o céu coberto de estrela também.

Não havia a claridade das lâmpadas elétricas. Nas noites, as únicas claridades que ofuscavam um pouco eram as fogueiras, principalmente nas noites estreladas de São João ou de São Pedro.

As pessoas explicavam que nunca ninguém vai chegar lá às estrelas nem ao sol, nem à lua.

A única vez que os homens quiseram fazer isso foi com a torre de Babel. Começaram a construir uma torre para tocar o céu com as mãos. Foi tudo inútil, porque Deus os castigou e levou a confusão para eles. Ninguém se entendia, as pessoas falavam, mas não se entendiam entre si. Começaram falar línguas diferentes.

A confusão era muito grande. Alguém pedia uma coisa e a outra pessoa entendia outra coisa. Falavam traga água, vinha pedra; pediam tijolo, vinha areia. Tudo era diferente, ninguém se entendia. Assim nasceram as diferentes línguas da terra.

Ficava impressionado ao saber que as línguas do mundo tinham surgido todas de uma vez só, na confusão da construção da torre de Babel. Pensava: como é que pode uma pessoa confundir tijolo com areia?

As estrelas eram tantas que nunca os homens vão saber quantas

são elas. Elas piscavam porque queriam nos agradar, não se devia apontar para as estrelas porque nasceriam verrugas pelo corpo ou na ponta dos dedos.

Quando elas caíam estavam apontando o lugar que poderia ter um tesouro enterrado cheio de pedras preciosas.

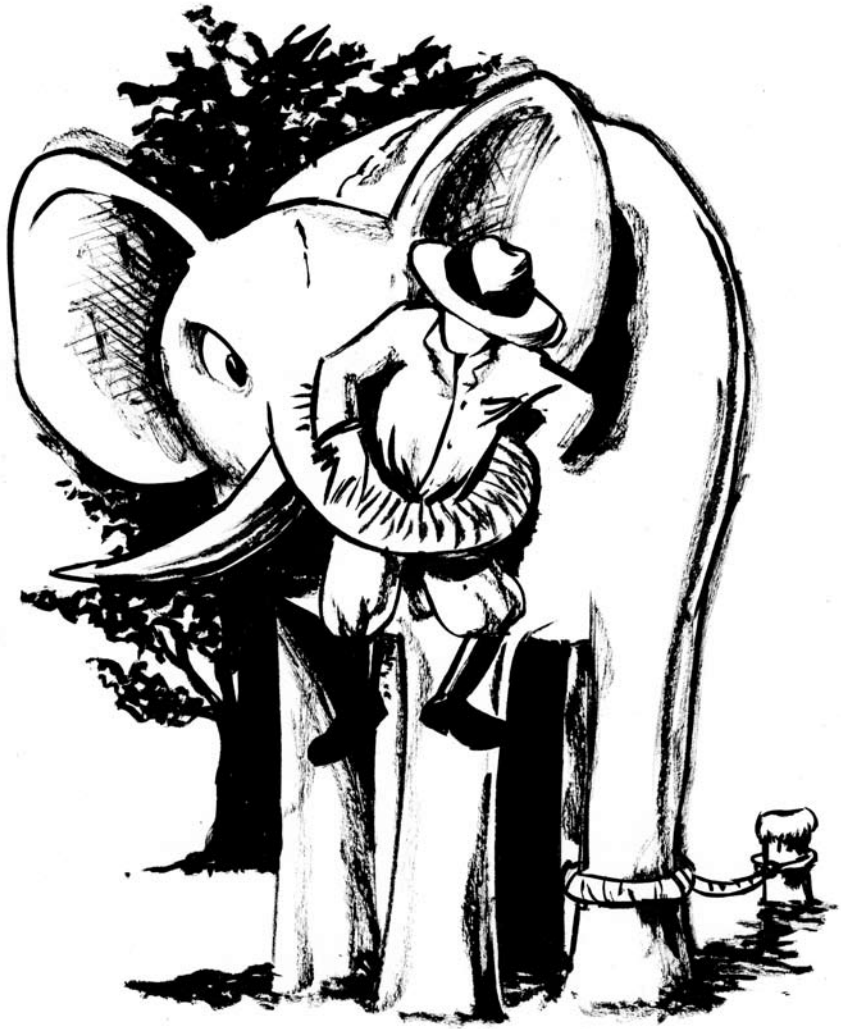
A Lua parecia mais próxima. Nela morava São Jorge, montado no seu cavalo, matando um dragão para salvar Nossa Senhora. Todo mundo via, com detalhes, S. Jorge, montado no seu cavalo, com as patas levantadas quase pisando a cabeça do dragão.

A Lua influía decisivamente sobre tudo: no corte dos cabelos, nas enchentes dos rios, na época do plantio e no crescimento das plantas, nas crias dos animais, nas secas continuadas e nos tempos de fartura.

As fases da Lua deviam ser respeitadas. A Lua era o astro próximo pelo qual a gente se comunicava com o universo.

Ela crescia e diminuía para marcar as semanas e os dias de melhor cuidar das coisas da Terra.

O universo no olhar ingênuo parece tão próximo e tão distante que até duvidamos que o que vemos é real e pode ser conhecido por nós.



Simpatia

Meu tio Chiquinho tinha sempre ensinamentos e formulas mágicas para ensinar. A que mais me encantava e sonhei realizar era poder ficar invisível ou virar cupim na beira da estrada.

Ele ensinava: Quando um quiser ficar invisível ou virar cupim, precisa esperar chegar a sexta feira da Paixão, ter um gato todo preto sem nenhum pêlo branco, um espelho virgem que ninguém tenha visto imagem humana nele. Daí a pessoa pega o gato preto vivo e mergulha o bichano na panela que nunca tenha cozinhado. Depois de mergulhar o gato vivo na panela, tampar bem tampado e acender o fogo, deixando a água ferver bem devagar até que a carne e o couro tenham se dissolvido.

Depois era levar a panela para uma encruzilhada e à meia-noite da sexta feira da Paixão, destapar a panela e ir tirando osso por osso e segurar entre os dentes diante do espelho. A pessoa não podia sentir medo porque ia chegar a hora em que um osso não seria visto no espelho. Era aquele osso que dava o poder de a pessoa ficar invisível ou virar cupim na beira da estrada, quando um inimigo se aproximasse. A pessoa devia levar o osso aonde ele fosse, pois podia haver uma precisão de repente.

Ele dizia - isto não é pacto com o diabo. É ensinamento do livro de São Cipriano.

Belo ensinamento de meu tio Chiquinho. Pena que ele nunca tenha podido realizar aqueles ensinamentos.

O Baú

Manoel Ramos, meu avô, era raizero e benzedor que cuidava das doenças de gente grande e miúda, com suas raízes e muitas rezas. Ele vivia no patrimônio de Santo Antônio com minha avó e os filhos.

A clientela maior que procurava meu avô eram os “alemãos”, colonos pobres, quase todos luteranos. Poucos tinham dinheiro, assim, galinhas, rapaduras, farinha, arroz e feijão substituam o dinheiro. Muitos ficavam apenas nos agradecimentos. Crianças aguçadas ou de espinhela caída encontravam curas rápidas.

Meu avô Manoel Ramos se casou três vezes com três diferentes Marias, e o fruto desses casamentos foram trinta e dois filhos.

Do primeiro casamento só conheci tio Jovino, barbudo, de fala arrastada, que andava sempre armado. Do segundo casamento restavam seis filhos: minha mãe, duas irmãs e três irmãos. Do terceiro e último casamento, sobreviveram quatro filhos: dois homens e duas mulheres.

Os homens desse derradeiro casamento, Antonio e Manoel, eram pouco mais velhos que eu. Minhas tias Eva e Lurdes eram mais novas.

Certo dia, meu avô Manoel Ramos e minha avó Maria decidiram ir ao comércio, na sede do município.

Meu avô seguiu viagem, montado no Leão, um cavalo castanho.

O cavalo ia a passos lentos até S. Francisco, enquanto minha avó, a pé, acompanhava o animal. Minhas tias se revezavam na garupa do Leão.

Ficamos na casa de meus avós eu e meus tios, felizes, sem a presença de adultos, portanto soltos, sem freios, na mais absoluta liberdade.

Era pura tentação fazer o proibido, como tomar banho no rio sem permissão, até arroxear os lábios e enrugar as mãos; cozinhar milho verde; assar mandiocas na brasa do fogão a lenha e depois comer com melado; olhar escondido na mata as meninas dentro do rio só de calcinhas ou vestidas do umbigo pra baixo com os peitinhos inocentes aparecendo.

Nesse dia abrimos a porta de um alçapão e deixamos fugir um canário. Não havia nenhum motivo. Era pura vadiagem.

Debaixo da cama de meu avô havia um baú. O baú era objeto de curiosidades e comentários - *ele guarda pedaços dos mistérios da vida* - dizia tio Jovino.

Nosso reinado já durava horas, quando tio Antônio falou: - *Vamos abrir o baú do pai?* Tio Manoel ficou assustado e curioso: - *Você tá doido? Quer morrer ou ficar cego? O que tem aí não pode ser mexido nunca. Só quando o pai morrer.*

Tive medo. Tio Antônio insistia: - *vocês vão descobrir cada coisa bonita, depois ninguém vai saber de nada.* A curiosidade venceu temporariamente o medo. Tio Antônio arrasta o pequeno baú debaixo da cama. A curiosidade fazia festa dentro de nós.

O que poderia ser encontrado ali naquele baú misterioso? A tampa é levantada, fazendo barulho. Recuamos. Nova tentativa, desta vez com sucesso. Tio Antonio mete a mão dentro do baú, sem olhar, e traz lá de dentro um pequeno espelho quadrado com ar-

mação de madeira pintada de vermelho.

Ali no quarto, o espelho nas mãos de meu tio Antonio. Ele com os olhos arregalados e as mãos tremendo. O espelho cai, os pedaços se espalham pela casa. Juntamos às pressas os cacos do espelho na pequena moldura vermelha que foi devolvido ao baú e empurrado para debaixo da cama.

Meus tios de joelho choravam e rezavam, pedindo perdão pelo pecado. Eu não sabia as rezas. Simplesmente ia repetindo mecanicamente as preces deles.

Você conta que quebrou o espelho, nos te damos vinte bolebas e o pião preto de baraúna de que você gosta - aceitei o suborno.

À tarde meu avô chegou. Conte pra ele a historia do espelho: - *Tudo foi sem querer, minha mãe vai comprar outro.* Meu avô não disse nada, só pigarreou duas vezes.

Ninguém viu nada do misterioso baú. Os seus mistérios permaneceram intactos e desconhecidos para sempre com vovó Maria.

Todas as pessoas têm seus baús debaixo das camas e ali guardam seus segredos insondáveis.

Personagens

**O passado nunca conhece seu lugar,
o passado está sempre no presente.**

Mário Quintana

Seu Estrela

Seu Estrela, cadê a lua? Gritavam os meninos de dentro dos quintais ou correndo nos becos das ruas. Gritos solitários e gritos orquestrados por bandos de pequenos diabinhos eram ouvidos por onde ele passava.

Nunca soube a origem daquela brincadeira infantil que tanto ofendia o velho Estrela. Aqueles gritos irritavam e deixavam à beira do desespero aquele homem bom e simples.

Todos os sábados, ele saía do Córrego Branco depois da Volta da Cobra até o comércio em Barra de São Francisco, trazendo dois queijos feitos em casa e algumas dúzias de ovos e brott, pão preto feito pelos descendentes de alemães. Era um pão grande e arredondado, muito delicioso, feito de inhame, fubá e ovo, e era comido no café da manhã acompanhado de manteiga ou melado.

Ele vinha cedo para a cidade, parava um pouco na casa de meus pais para beber um café forte adoçado com rapadura preta e cheirar o rapé especial, feito pelo meu pai.

Seu Estrela chegava com seu picuá nas costas dependurado numa vara lisa e brilhante que ele levava para todo lado aonde ia.

Meu pai dizia: *Vamos chegar, Seu Estrela. O café está pronto e o rapé esperando na tabaqueira.*

Ele cumprimentava com voz baixa, com sotaque pedia licença

para entrar. Logo em seguida, meu pai gritava bem alto: *traz um café pro Seu Estrela, que já está esperando.*

Ele usava sempre a mesma calça de um riscado barato, sem cinto, com presilhas feitas do mesmo pano que serviam para apertar as calças na parte de trás.

Pés encardidos, dedos abertos de quem nunca usava sapatos, um imenso bigode avermelhado que tapava toda boca, carregando um cigarro de palha atrás da orelha: era Seu Estrela.

Ele sentava no banco de madeira, segurava a xícara de esmalte com café e ia conversando devagar com sua linguagem arrastada sobre o tempo, os animais e o cafezinho, de que ele e a família cuidavam.

O imenso bigode mergulhava na xícara de café. As pontas molhadas ele enxugava com os lábios ou com as costas da mão. Depois do café amargo, vinha o rapé, uma pitada das grandes, do tamanho que os dois dedos conseguissem tirar da caixinha de madeira. Era com orgulho que meu pai oferecia o rapé preparado por ele.

Café tomado, rapé cheirado, era seguir em frente para vender os queijos e os ovos colhidos naquela semana. Meus pais diziam: *esse é um homem bom e sério. Ninguém devia mexer com ele.*

Minha mãe ensinava a *respeitar os simples, os doidos, os que pediam esmolas e todos os desvalorizados. Deus na forma de gente anda no mundo entre nós em pessoas assim como Seu Estrela, para ver quem respeita ele ou não.*

Aquela maneira de ver o mundo orientava a vida e a religiosidade de minha mãe. Aquela foi o mais profundo ensinamento de um deus misericordioso e presente que ouvi em toda minha vida.

Seu Estrela seguia com seus passos lentos pelas curvas e subidas do Vai Quem Quer, atravessando a pinguela rumando pro morro da cadeia ou passando pelo motor que produzia eletricidade na direção do centro.

A meninada, assim que via Seu Estrela, iniciava a gritaria: *Estrela cadê a lua?*

Ele, no começo, fingia que não ouvia; seguia caminhando com seus passos miúdos. Algumas vezes, ele cuspi na direção dos gritos. E, no desespero, baixava a calça e mostrava a bunda: *A Estrela está no bunda de seu mãe, filho de puta.*

Para mim, ele era uma espécie de santo ou, quem sabe, o próprio Jesus, pondo à prova aquela gente.

A simplicidade daquele homem bom e a religiosidade de minha mãe plantaram raízes na minha consciência, de solidariedade e compaixão. Os simples eram mais puros e mereciam carinho e afeto.

A mulher do Seu Tavares

Seu Tavares era português, agrimensor, casado com uma alemã. Viviam numa pequena propriedade, a dois quilômetros de Barra de S. Francisco, às margens do Itaúnas. Seu Tavares, pessoa muito respeitada profissionalmente, era considerado homem de palavra. Certo dia, meu pai foi até lá a cavalo para tratar de negócios. Aproveitei para ir junto na garupa.

Da varanda ele e a mulher nos receberam com um bom-dia amigável e um convite para apear do cavalo e subir as escadas. Indicou o lugar onde deixar o cavalo, na sombra, debaixo da varanda.

Subimos a escada, meu pai na frente. Na varanda, o casal cumprimentou meu pai com aperto de mão e bateram de leve na minha cabeça.

A que devo essa honra? E a conversa foi desenrolando enquanto lá de cima eu olhava o rio, as fruteiras e um casal de cachorros grandes e peludos que chegavam junto com um vaqueiro, que trazia algumas vacas do pasto.

Meu pai enfiou a mão no bolso da calça cáqui e tirou uma caixa de rapé, oferecendo ao seu Tavares, que aceitou e ofereceu à sua mulher - *esse é rapé de verdade, não tem outro igual*. Ela experimentou e elogiou - *é bom mesmo. É coisa fina. Qual é o segredo? Pode ensinar?*

Fiquei olhando para aquela mulher alta, bonita e branca, chei-

rando rapé. Antes só tinha visto minha mãe que também fumava cigarros de palha feitos com fumo de rolo. A mulher do seu Tavares era elegante diziam que ela conhecia o mundo, era muito viajada e lia livros.

Um café para o amigo e um Tody pro menino. Pediu seu Tavares. Que é isso Tavares? Primeiro uma beer gelada.

Foi lá dentro e voltou com uma bandeja trazendo uma caneca de louça cheia de chocolate quente feito na hora e mais três grandes canecos de vidro com alça, com um líquido amarelado, espumando. Ela entregou um caneco para meu pai, outro para seu Tavares e segurou pela alça do caneco e brindou, batendo os copos e em seguida levando à boca.

Pela primeira vez vi uma mulher beber cerveja. E pela primeira vez vi um copo grande de vidro com alça, mas acredito que jamais verei alguém com tanta elegância e naturalidade levantar uma taça e fazer um brinde.

As crianças observam os adultos em todos os seus atos e gestos, mas fixam apenas alguns detalhes que podem se espichar pelos anos da vida.

Dona Tionila

Dona Tionila, alta e muito gorda, era casada com seu Arantes, pequeno e magro. Um casal que chamava a atenção. Ele tranqüilo; ela expansiva, sorridente e conversadeira. Tinham muitos filhos: três meninos e quatro meninas.

Eles viviam do bom trabalho de pedreiro de seu Arantes e dos biscoitos de polvilho e bolos feitos por ela.

Tudo feito, num grande forno de barro, que ficava do lado de fora da casa, um forno de barro, construído em cima de uma espécie de tablado, levantado do chão por estacas de baraúnas com cerca de meio metro de altura.

O forno abaulado tinha uma boca larga para receber os troncos de madeira que se desmanchavam em brasas. Por uma chaminé na parte de trás do forno saía a fumaça enquanto a lenha queimava.

Havia festa quando o forno funcionava. Começava pela limpeza interna com a retirada das cinzas da última fornada e a junta da lenha especial, baraúnas, guarabus e arapocas. Enquanto o fogo consumia a madeira, produzindo brasas, a boca do forno ficava vedada por uma folha de latão ou uma tábua.

O forno aquecia aos pouco. Enquanto isso, D. Tionila preparava diferentes massas para fazer delícias com trigo, ovos, polvilho, fubá, cravo e canela.

Em torno do forno, um punhado de crianças, aparentando querer ajudar, ali estavam por interesses próprios.

As crianças comiam as sobras de massas cruas, que ficavam grudadas nas gamelas, nas bacias, ou nas gigantescas colheres de pau, enquanto esperavam a primeira fornada.

Tudo era medido, na experiência e no olhar atento dela, para que do forno saíssem os biscoitos, pães, bolos, e bolachas tostadas, cheirosos e deliciosos.

Ninguém nunca fez nada que pudesse se comparar às guloseimas que Dona Tionila fazia no forno lá de casa.

A injeção

Tinha quatro anos, quando ouvi falar em vacina. Fui levado inocente pelo meu pai até próximo da igreja Católica onde funcionava um posto de saúde numa pequena casa com dois degraus de madeiras.

Os meninos chegavam e saíam, olhando assustados para a direção do posto de saúde. Fui levado sem nenhuma preparação, não atinava para o que acontecia dentro da pequena casa.

Uma criança chorando, arrastada pela mãe, sai do pequeno quarto. Um rosto sorridente aparece. Era D. Iná, a enfermeira da cidade, vestida de branco, que nos convida a entrar. Meu pai entra na frente segurando minha mão. Tímido olho na direção de D. Iná, que tenta me agradar.

Não vai doer não, é igual à mordida de uma formiguinha.

Ela se volta para a parede e estende as mãos na direção do estojo que estava sobre a mesa. Dentro do estojo, a água fervia; sob o estojo, o álcool em combustão.

Observo aquela movimentação, com estranheza e medo. D. Iná tira cuidadosamente do estojo a seringa, o êmbolo e a agulha.

Com habilidade, ela junta a agulha na seringa, introduz o êmbolo e pressiona para tirar o restante da água. Em seguida, apanha um pequeno frasco com um líquido e enche a seringa. Depois aquele líquido é introduzido noutro frasco cuja tampa de látex a agulha perfurou.

D. Iná agita o vidro, mistura o líquido e o pó. Em seguida, a agulha entra no vidro e suga aquela mistura leitosa: *Agora, o Sr. segura ele no colo.*

Assustado, lembrei-me do dia em que vi uma agulha comprida e fina sendo fincada no braço de minha mãe.

Desesperado, começo chorar no colo de meu pai. Minhas calças são arreadas, sinto medo e uma imensa vergonha. Passam um algodão com álcool e em seguida aquela agulha fina fura minha pele e injeta o líquido devagar.

Chorei muito, mesmo depois que saímos daquele lugar. Era dor e vergonha ao mesmo tempo. Tive pesadelos com a imagem de D. Iná segurando a agulha no ar e caminhando em minha direção.

D. Iná era uma pessoa boa, mas fiquei traumatizado, e dela fugi durante muitos anos. Temia a agulha e sentia vergonha das calças arreadas.

Nem todo bem que nos fazem nós aceitamos como dádiva e gratidão.

Seu Espanholim

Seu Espanholim era pequeno, usava cabelos compridos, andava sempre como se estivesse com pressa, gesticulava muito e não levava desaforo para casa. Por qualquer motivo puxava um enorme facão e ameaçava matar um punhado de gente, principalmente pessoas que compravam e se atrasavam no pagamento das telhas e dos tijolos fabricados por ele na sua olaria que ficava do outro lado do rio Itaúnas, bem de frente da minha casa.

Tinha duas filhas bonitas, porém o medo do pai mantinha-as solteiras e todos os pretendentes bem à distância. Ele gostava de dizer: *o raio desta terra é boa, mas tem muita gente preguiçosa neste país, nem sei o que vim fazer num lugar desses*. Algumas pessoas diziam que ele havia fugido da Espanha, perseguido pelo governo de lá.

Não gosto de padre nem de freira - comentava sempre.

No domingo pela manhã, todo mundo fica à toa procurando o que fazer. As pessoas das roças vêm para a cidade; e os da cidade, para as roças; e aqueles que permanecem na cidade inventam qualquer coisa para fazer.

Muitos compareciam às igrejas para fazer suas preces e orações. Na volta para casa, paravam para ver jogos de malha, brigas de galo ou de canário, no meio da rua. Alguns ficavam em cima do cavalo, meio de banda assistindo aos espetáculos de rua.

O domingo ia calmo perto da minha casa. Meu pai jogava baralho com um amigo. A mansidão do domingo é quebrada por um pobre animal que se perdeu no caminhar daquele dia.

Era um veado enorme que aparece aflito, sem rumo, perdido no descampado do pasto. Ele andava, parava e espichava a cabeça pros lados e seguia em frente. Alguém nota sua presença, apontando na direção da mata que ficava acima do pasto.

As pessoas apareciam de todas as partes, homens mulheres e crianças, principalmente estas, correndo e gritando, como numa grande festa.

Muitos atravessam a cerca. Só os cavaleiros pedem licença para passar pela porteira do curral na direção do pobre animal.

Aparecem caçadores com espingardas, arrastados por parselhas de cães magros que latiam levantando a cabeça para cima e em seguida abaixavam os focinhos no chão farejando adoidadamente.

O animal percebe aquela multidão ameaçadora e inicia uma desesperada carreira, afastando-se cada vez mais da mata de onde surgira.

Tiros foram disparados. Seu Albertino Gusmão, oficial de justiça, um dos caçadores, disse que acertou o bicho de leve, mas o animal continuava correndo, dessa vez na direção do Itaúnas.

Na beira do rio, muitas lavadeiras lavavam as trouxas de roupas e estendiam as peças nos varais de arame. Outras ainda estavam nos batedores de madeira inclinados com as pontas dentro d'água.

O animal chega à margem do rio e se atira dentro d'água nadando para o outro lado, passando disparado perto das lavadeiras. Continua correndo por entre pequenos arbustos de marmeleiro e de capim-navalha-de-macaco.

Os caçadores fizeram novos disparos; e a cada disparo, gritos: *desta vez acertei*. Os cães seguiam latindo muito e com seus dentes afiados já haviam rasgado o couro do animal que deixava um rastro de sangue por onde passava.

De repente, de uma pequena escavação por detrás de uma moita, como num passe de mágica, surge seu Espanholim que, com golpe certo de facão, corta o pescoço do veado que cai estrebuchando a seus pés.

Naquele instante chega o primeiro cachorro que recebe um pontapé no focinho. Os outros se afastam e ficam ali rodeando e rosando, sem tirar os olhos do veado morto.

Os caçadores se aproximam com suas espingardas nas mãos, querendo ver onde os tiros teriam acertado no animal. Seu Espanholim, sem se importar com as presenças, joga o animal ainda sangrando nas costas e, para encerrar possíveis dúvidas, diz em voz alta: *o facão é meu, o veado é meu*.

E se foi levando a caça sem outras explicações.

Espanholim mantinha o orgulho e o atrevimento da raça, por isso impunha respeito e distanciamento.

O enterro do burro

Charuto era o nome do burro. Preto e treteiro, costumava murchar as grandes orelhas e escoicear quem estivesse por perto. Já era muito velho, viera lá de fora na mudança. Já servira meu pai por muitos anos. Meu pai conversava com ele, enquanto cortava sua crina ou acertava seus cascos.

Depois de tosar a crina com uma tesoura imensa e raspar todo corpo do animal, com uma raspadeira de ferro, retirando os carapatos e os pêlos soltos, Charuto foi aposentado.

Você já prestou muitos bons serviços. Você vai ter vida forra. É tempo de descansar, é por merecimento. Falou para si mesmo com voz triste, alisando a anca do burro. *Leva o Charuto lá pro sítio e deixa ele lá. Todo mês você pega ele e raspa bem o pêlo dele e dá sal torrado depois.* Falou para o vaqueiro.

Mais de ano se passou quando alguém avisa lá em casa que o burro estava morto debaixo dos pés de manga bem na beira da estrada. O velho tropeiro ficou triste, sem dizer nada, arriou o animal que ficava sempre amarrado na cerca pelo cabresto. Esse animal permanecia amarrado durante o dia com direito a água, sal e milho para não crescer barriga e agüentar melhor as viagens.

Apesar da deficiência física, na perna, fruto de uma queda de um animal que ele amansava e, mais tarde, de um coice no mesmo joelho, cuidado por ele mesmo, continuou andando a cavalo e cuidando dos animais com muito carinho e quase amizade.

Ali sozinho, debaixo da mangueira, começa preparar a cova do Charuto. O suor corria no rosto, enquanto o enxadão subia e descia violentamente contra a terra.

O cansaço do corpo e dos braços não interrompeu aquela missão de enterrar o Charuto. Com mais de metro de cova cavada, já chegava à água que brotava lenta e limpa.

Com esforço, arrasta o animal e o joga na cova. As pernas rijas do animal ficam muito perto da flor da terra. Haveria chances de um cachorro ou um porco fuçar e descobrir parte do corpo. Ele tira do bolso traseiro um canivete e corta as quatro patas do burro nas juntas. Em seguida com o enxadão arrasta toda a terra que estava em volta da cova, até fazer uma pequena elevação no local.

Fica em paz - despediu-se o velho tropeiro do seu animal de estimação. Charuto estava enterrado com dignidade.

Com Charuto foram enterradas muitas recordações de um tropeiro, as quais exigiam despedidas de respeito e dor.

O galo de Camboapina

A comadre Alexina é sua madrinha, veio lá de fora do Alto Capim, mudou para o Bambé. Tinha chegado á noite juntos com a mudança. De manhã a pequena casa estava arrumada, tudo no lugar.

Minha mãe me levou a conhecer minha madrinha. Quando chegamos lá, elas se abraçaram longamente.

Depois apontou na minha direção e ordenou: *toma bênção à sua madrinha.* Meio acanhado, abracei minha madrinha.

Aquele é o Zezinho, e aquela é a Nazaré. Olhei e vi um menino gordinho de suspensórios e uma menina menor com um vestido de bolinhas subindo o degrau da escada da cozinha para sala.

Vocês dois nasceram com a mesma parteira e mamaram na Negra Preco-la. Zezinho era pequenino, menor que o meu afilhado, até diziam que ele não ia escapar com vida, e olha só como ele está, grande e gordo.

Minha madrinha começou a contar a viagem, chamando minha mãe para a cozinha, para preparar um café feito na hora.

Zezinho apontou para o quintal mostrando um cachorro comprido, de pernas curtas e orelhas grandes, que balançava o rabo sempre que era chamado pelo nome Buck. *Ele correu atrás e quase pegou um preá naquela moita de capim.*

O pobre animal foi atizado a entrar no capim-angola que cobria o quintal na casa atrás de um inexistente preá.

Zezinho falou de um galo que cantou quando eles saíram lá de fora de Camboapina, vindo para o norte. Ali nascia uma amizade quase em silêncio.

Algumas amizades são feitas de material, que resiste às tempestades, enquanto outras desaparecem, como uma brisa momentânea.

O homem misterioso

Sansão morava numa casa pequena, esburacada, com paredes feitas de varas amarradas com cipós em forma de cruces, cobertas de barro. A cobertura era de tabuinha de madeira; o piso, de terra batida.

Os móveis eram feitos de caixotes de querosene. Na prateleira, algumas poucas panelas e pratos. As camas de vara eram cobertas por colchões de paina e de palha de milho.

Na parte externa ficavam ferramentas, latas, garrafas e uma sela na puxada.

Ali morava com sua família numerosa de muitas filhas e um único filho, o caçula da família.

A mulher, D. Laurinha, e as filhas mais velhas lavavam roupa para fora; o pai, Seu Sansão, pescava e fazia laços e cabrestos de couro de boi, que vendia sob encomenda, mas sua atividade principal era a pesca.

Ele conhecia os rios, suas curvas, remansos e todos os seus segredos. Bem cedo, ele arreava o seu burro e saía em direção aos locais definidos.

Ninguém como ele sabia dos lugares em que os peixes se escondiam; sabia dos horários melhores para a pesca de cada peixe, das traíras dos piaus, dos robalos das piabanhas, dos crumatãs e dos mandis. Para cada peixe, um tipo de anzol e de isca apropriada.

A pescaria começava com um sinal-da-cruz, seguida de rezas especiais, acompanhadas do arremesso de punhados de milho roxo para trás, por sobre os ombros, dentro do rio, no pesqueiro definido.

Homem de poucas conversas, de poucos amigos, não bebia nem fumava. Ia de casa para a beira do rio e da beira do rio para casa.

Sobre ele corriam muitas histórias: mandingueiro, com muitas mortes nas costas, tudo praticado lá na terra dele. Os policiais militares mais velhos afirmavam que ele foi praça na Paraíba, e que cruzou fogo com os cangaceiros de Lampião, deixando muitos cangaceiros caídos, com balas no corpo e goelas cortadas no meio do mato.

Aquele homem passava diante de minha casa, todos os dias, montado no burro velho com suas alpercatas de couro e suas varas de pesca. Eu olhava até ele sumir na estrada.

Ele era da Paraíba, de um lugar muito longe, e tinha matado muitos cangaceiros, gente que vestia roupas de couro e tinha parte com o demônio.

A força daquele homem nascia do seu silêncio e dos seus segredos.

Um homem importante

Moisés era um homem especial, a ninguém era igual. Fazia de tudo sabia de tudo, e era valente. Ele criava galos de briga e canários cabeça-de-fogo. Era o organizador do carnaval dos pobres que desfilavam pelas ruas. Esses foliões eram a junção espontânea dos carroceiros, mulheres da vida, chapas, donos de botequins, moradores de cantos de ruas e muitos mascarados e mascaradas que caíam na folia sem que as respectivas famílias soubessem.

Para o carnaval de Moisés aparecia gente da cidade vizinha que constava no mapa do ES como Gabriel Emílio e no mapa de Minas Gerais como Mantena. Fazia cessar a guerra entre as duas cidades.

Naqueles dias ele reinava, espalhando alegria e cultura pelas ruas, arrastando foliões junto com palhaços, o boi pintadinho e a mulinha.

Os desfiles das ruas costumavam ir até desembocar em algum armazém de café que passava a receber designação de Clube das Alegrias.

Moisés comandava o espetáculo com autoridade: *aqui quem fizer bagunça sai da brincadeira na ponta da minha faca, aqui o respeito é necessário, quem quiser agarrar alguém agarre uma cabrocha que é coisa boa, quem agarra homem no carnaval é veado.*

Organizou o aluguel de bicicletas na cidade: *– quem quiser aprender deve pagar, e pagar adiantado, o menor tempo de aluguel é de uma hora, duas horas dou desconto e quem quiser ficar o dia inteiro paga*

cinco horas. Faziam filas na espera por uma volta nas bicicletas. Para aprender só bicicleta velha, porque aí quebra a bicicleta e a cara do freguês, e não me importo.

Andar de bicicleta era elegante. A novidade do aluguel de bicicletas atraía gente de longe para aprender ou dar uma voltinha pela cidade exibindo habilidades para a namorada ou a desejada.

Foi ele também que iniciou aluguel de charretes e cavalos arreados para crianças e senhoras. Tinha um silhão, sela de montaria em que as mulheres ficavam com as duas pernas do mesmo lado sem se submeter à vulgar maneira dos homens, com as pernas abertas e com os pés nos estribos.

Fez sucesso, com o primeiro churrasquinho na brasa. *Quem compra dois churrascos ganha uma dose da minha pinga do meu bambu.* Cheirosos e deliciosos eram os churrascos, acompanhados da cachça, que brotava branquinha dos gomos de bambu dependurados na parede.

O negócio que atraiu freguesia e elogios durou pouco. O sumiço de gatos na cidade foi parar na delegacia.

Montou o primeiro açougue de carne de cabrito e carneiro, gerou novamente confusão com desaparecimentos de animais dos pastos na região.

Chega aqui eu compro, num quero nem saber de onde veio. Vendo carne de paca, tatu, veado, capivara, cotia, anta e coelho do mato. É só o freguês pedir.

Esse ano vou me juntar com o pessoal do Itaúnas e montar o caboclinho no centro de S. Francisco, pra barrar o pessoal do córrego Branco.

Um dia Tião falou - *vou trabalhar com uma calça para cima do joelho no meio de mulheres bonitas quase peladas da boate que o Moisés vai fazê lá na cachoeira do Tulim.* A idéia morreu antes de nascer.

Numa rinha de briga de galos, era o mais animado, apostava o que tinha e o que não tinha. *Eu mesmo faço a criação, trato e trago para a rinha, aposto porque conheço o que é meu.*

Um dia presenciei um briga de Moisés e Joaquim Carreiro, tudo por conta dum galo preto do Armindo. Joaquim apadrinhou o galo e buscava parelha no peso e tamanho. Estava dentro do tambor da rinha quando Moisés entra e passa a mão na bunda pelada e vermelha do galo preto apadrinhado pelo Joaquim Carreiro.

Ali começou a confusão – *em galo meu ninguém bota a mão.* Joaquim Carreiro leva a mão direita nas costas e saca um longo punhal. Moisés, rápido como um gato, segura um tamborete e apara a punhal no ar.

Fugi desesperado com medo. Os demais galistas e visitantes se meteram no meio e conseguiram separar aquela briga de galistas dentro da rinha. Os dois são levados para a delegacia. Uma hora depois retornam abraçados acompanhados duma garrafa de cachaça pela metade.

O último frege que inventou foram às Tábuas de Moisés na rua Mineira, onde as mulheres damas atendiam a freguesia nos barracos de madeira do outro lado da ponte, ao som de sanfonas e muita alegria.

Moisés morreu novo com um tiro no peito depois de dar na cara de alguém que abusou da sua filha e, com ela, não quis se casar.

Um homem de muitas virtudes e de muita astúcia, personificando a força do povo. Moisés com sua irreverência incomodava e assustava a elite em formação.

Bitilé

Seu Bitilé tinha um Ford Bigode, um pequeno caminhão que só conseguia pegar após muito sacrifício, com a manícula girando com o esforço muscular dele ou de um ajudante. Era policial militar, homem alegre com um dente de ouro. Tocava concertina.

Aquele foi um dos primeiros caminhões que transitou por aquelas bandas, cortando as estradas de chão, de Colatina a Barra de São Francisco, por mais de cento e cinquenta quilômetros, numa viagem que durava um dia inteiro, em tempo bom.

Nunca saiu de minha cabeça a buzina daquele veículo, que encantava todos os moradores da cidade. Era aquela música forte, sonora e repetida: foriom fom fom, foriom fom. Era inconfundível aquela buzina. Todos sabiam da alegria com que ele buzina, anunciando as chegadas e as partidas, em Barra de São Francisco. *Só buzino aqui e em mais lugar nenhum* - não se cansava de dizer.

De trinta em trinta dias ele fazia a longa viagem até Colatina, lugar que tem uma grande ponte sobre o rio Doce, cidade que o trem de ferro corta ao meio vindo de Vitória ou indo para lá.

Aquela era a única viagem regular, esperada, que levava e trazia mercadorias, pessoas e notícias, competindo com as tropas de burros e os viajantes a cavalo.

O Ford Bigode transportava enormes balaies de galinhas, fecha-

dos com tampa de taquara. Nesses balaios iam cerca de vinte galinhas ou frangos com peso maior que quilo e meio.

Não havia balança para pesagem. Era tudo comprado no olho e na confiança, pois ninguém era besta de enganar o Sargento Bitilé. O costume ajudava a fazer as coisas certas, hábito, que ditava regras naquele fim ou começo de mundo.

Lá de casa saía de quando em quando uns balaios de galinhas para matar a fome das gentes de Colatina ou de Vitória. A fome de galinhas crescia, com o crescimento das cidades, nas beiradas da linha de ferro.

Numa noite que antecedia a partida do caminhão do Bitilé, fui acordado por um estampido de uma carabina, apontada na direção do galinheiro que ficava perto do curral. O tiro despertou a cachorrada da vizinhança. O ladrão de galinhas fugiu.

Os balaios com as galinhas foram entregues, conforme o prometido. E naquela mesma madrugada ouvi a buzina se distanciando com as galinhas.

Com seu trabalho e com sua alegria, ele estabelecia um elo entre as pessoas de diferentes cidades.

Seu Gumercindo

Seu Gumercindo era um caboclo, possivelmente fruto da mistura de negro com índio, de pele lisa e lustrosa, espírita, muito inteligente. Lia muito, era dono de uma cultura invejável, porém tinha pouca escolaridade.

As pessoas paravam para escutar Gumercindo. Sabia argumentar sem ser arrogante, falava pausado quando tratava de conversas entre amigos, como ele dizia. Explodia num vozeirão quando discursava em solenidades, para as quais sempre era convidado.

Sempre sabia sobre o tema e o contexto histórico. Era chamado para preparar discursos de autoridades municipais, para impressionar visitantes ilustres de passagem pela cidade em dias de festas.

Nas solenidades do Grupo Escolar Governador Lindenberg, muitos discursos lidos pelas professoras tinham a marca do Seu Gumercindo, nas palavras e nas citações.

Antes de iniciar meu aprendizado no Grupo Escolar, assisti a festas de sete de setembro, data máxima, em que havia o desfile das crianças nos seus uniformes, seguindo a banda da cidade, cujos tambores e bumbos davam a cadência ao desfile.

As autoridades se sentiam mais autoridades naquele dia. O prefeito, os vereadores, o juiz, o padre, o delegado, o sargento, a diretora do Grupo, o farmacêutico, o médico, os advogados e

outros que também naquele dia se exibiam ao público mostrando sua importância, como a nossa briosa banda de música e o seu maestro.

Ali se tinha a mostra da elite do município, reunida num mesmo local, mostrando seu amor à pátria.

Uma professora lia seu discurso na praça, quando alguém disse: esse foi preparado pelo seu Gumerindo.

Era um discurso longo, cheio de palavras e citações estranhas, como Revolução Francesa, nobreza parasitária, operários nas fábricas e camponeses esfarrapados segurando os relhos dos arados, sulcando o ventre da terra para alimentar as cidades.

Esse homem simples tinha um grande saber e senso de justiça. Mais tarde ajudou na luta pelas reformas de base.

Seu Áureo

Seu Áureo era um homem grande, forte e muito branco, casado com uma mulher pequena que usava muita pintura no rosto, considerada pessoa elegante. Pai de duas meninas lindas. Retratista de profissão, dono de um pequeno estúdio que tinha balcão de vidro, que servia de mostruário para as fotografias tiradas por ele e também amostras de poses especiais de pessoas da cidade ou fotos tiradas de revistas.

Das fotografias feitas por ele, algumas serviam como modelo.

Tinha orgulho de mostrar as fotografias das filhas tiradas por ele. Elas ficavam em lugar de destaque, e serviam como amostras, poses recomendadas.

As fotos das filhas fotografadas mostravam-nas com suas melhores roupas brancas, cheias de renda. Elas, com as cabeças ligeiramente inclinadas, cabelos longos, enfeitados por tiaras, as mãos nos queixos carregando um sorriso largo nos rostos, mostrando os dentes miúdos e alvos.

Uma das filhas tinha uma pinta negra na maçã do rosto, que a tornava encantadora e a mais fotografada pelo pai.

Seu Áureo era um bom pai e marido. Tinha uma família que servia como referência na cidade. Eles iam à missa, visitavam as residências dos amigos, passeavam pela cidade sempre juntos.

Seu Áureo, um descendente de italianos, viera lá de fora para

viver e trabalhar em Barra de São Francisco, lugar em que muita gente fazia fortuna. Enriquecer não era o objetivo de Seu Áureo. Ele gostava de afirmar que, na vida, queria apenas viver tranqüilo, ter muitos amigos e nada mais.

Só havia um período do ano que o encantava e o tirava da rotina, quando as chuvas começavam cair forte, produzindo as enchentes do Itaúnas.

Ele se transformava com a chegada das chuvas. Sua inquietação ia aumentando à medida que as águas subiam no rio.

Aquele homem tranqüilo, voltado para a família, de repente ia para o meio da estrada que passava em frente à sua casa espremida por um barranco que ameaçava desmoronar, e ficava recebendo as águas da chuva em seu corpo.

E o momento mais feliz era quando o Itaúnas, cheio, subia metros, invadindo e arrastando tudo que encontrava pela frente. Nessas ocasiões, ele ia para cima dos pontilhões do Itaúnas, mergulhar naquelas águas barrentas e nadar contra a correnteza.

Nesse dia, permitia-se tomar um conhaque para esquentar por dentro e encontrar-se com as águas do Itaúnas. Ali ele se sentia um homem diferente e forte.

Só ele, seu Áureo, era capaz de nadar contra as correntezas e pegar com as mãos cobras trazidas pela cheia do atrevido rio Itaúnas. Ele nadava na direção das cobras que tentavam sem sucesso sair das águas, equilibrando-se em cima de algum tronco ou galho de árvore, que serviam de suporte na aguarda de oportunidade para ganhar terra firme e continuar sua vida pelos matos afora.

Seu Áureo, com incrível habilidade segurava a cobra pelo pescoço. Ela abria a boca e desesperadamente enrolava seu corpo, anelando em torno do braço branco e peludo, que se erguia com

orgulho para mostrar sua coragem e destreza, para uma pequena platéia de observadores, que, com atenção e respeito, observava aquele homem tão diferente e corajoso.

Nos dias das cheias do Itaúnas, seu Áureo, inexplicavelmente, deixava sua vida familiar tranqüila, sua profissão de fotografo, para se sentir livre e se realizando nas águas barrentas do Itaúnas.

Seu Áureo tinha um público que ele cativava todos os anos nas enchentes do Itaúnas.

Um homem exemplar que amava a vida e mergulhava nas águas do Itaúnas para se encontrar e para se mostrar por inteiro.



O comprador de poaia

Pernambuco ou Antonio Alexandre comprava poaia. Era um homem atarracado de pescoço enterrado no corpo, cor mistura de índio e negro, mais para negro que pra índio. Fala nordestina, firme e musicada, numa voz que vinha de dentro, como se não quisesse sair de lá. Quando ria, sacudia o corpo e fazia hã, hã, hã.

Tomava conhaque, fumava cigarros de palhas e carregava uma latinha de rapé *para os amigos e pra mim*. Todo mundo tinha respeito por ele.

Fundador e morador do povoado do Paulista comparecia ao comércio de S. Francisco, montado num burro pêlo-de-rato, bom de sela, trazido lá das Minas Gerais.

Ele era o comprador de poaia da região. Vinha gente de muitos lugares trazendo os feixes nos lombos de burros, em sacos ou baiaios. Ali ninguém discutia preço, chegava pesava e recebia.

Os feixes comprados iam para o estrangeiro, diziam que eram para produzir um veneno usado nas guerras, e também para fabricar um remédio muito vendido em vidrinhos nas farmácias.

Não havia plantações de poaia, ela era colhida nas matas da região. Era planta nativa, que crescia melhor em grotas cercadas de matas virgens.

A colheita era realizada uma vez por ano, quando a folhagem era mais volumosa. A secagem da planta era feita dependurando-

se os feixes num varal ou nas cercas na beirada da casa. Muitas famílias faziam da colheita da poaia fonte de sobrevivência ou complemento de renda familiar.

Do córrego da Poaia saía o maior volume da colheita. Esse córrego ficava localizado entre Paulista e a sede do município.

Aquela planta pequena, colhida nas matas da região, que ia parar nas mãos dos estrangeiros, fazia correr muitas histórias quanto à sua utilização e à vida do seu comprador Pernambuco.

Pernambuco veio de longe trazendo seus segredos para o Contestado e ali fez parte daqueles que criavam uma nova maneira de viver.

Padre Zacarias

Aquele é o padre Zacarias. Olhei com atenção e também com medo.

Ele passou perto da minha casa montado num burro, indo em direção de não sei onde. Ele vestia uma batina esbranquiçada, e na cabeça usava um boné de pano.

Ele fazia longas viagens no lombo de um burro pêlo-de-rato. Contavam que em uma dessas viagens tentaram assaltar o padre Zacarias, que reagiu, atirando contra os assaltantes, que fugiram desesperados, com muito medo da reação daquele padre diferente.

Diversas histórias eram contadas ou inventadas a respeito dele. Além da imagem de guia espiritual, sobrepunha a de um homem corajoso e destemido.

As missas eram rezadas em latim, mas dizia sempre aos fiéis: sei latim para conversar e escrever, não sou desses padres que repetem, como papagaio, algumas frases sem saber do que se trata.

Ele era capelão da Polícia Militar, razão pela qual, o uso do boné e da batina diferentes. Ele lia e tinha muitos livros. Repetia sempre: *É preciso vencer a ignorância, e para isso, é preciso ler e estudar para conhecer as coisas do mundo.*

Ele era um sacerdote conhecido pelo seu jeito atrevido de viver. Ninguém desafiava aquele homem que pregava na igreja anunciando o inferno para os pecadores e o amor de Cristo para seus filhos de bem, espalhados pelo mundo.

No contestado o nome do padre era associado ao de guia espiritual e de homem decidido e valente.

Barra de S. Francisco surgiu do desmembramento do município de São Mateus, porém, antes do desmembramento, ele já havia percorrido a região, montado no seu burro pêlo de rato.

Padre Zacarias continuou a ser chamado de Padre mesmo quando deixou a Igreja Católica. Foi pastor por algum tempo e depois voltou a ser padre da Igreja Católica Brasileira.

Na Avenida Principal da cidade havia uma placa com o seguinte anúncio:

Ensinamos Português, matemática, latim, espanhol, francês, grego, taquigrafia e datilografia.

Era padre Zacarias, lutando pela sua sobrevivência e para orgulho da cidade.

Num reconhecimento tardio, recebeu por parte do governador Eurico Rezende, a condecoração de capelão da PM.

Variedades

**O Tejo é mais bonito que o rio que passa pela minha aldeia.
Mas o Tejo não é mais bonito que o rio que passa pela minha aldeia,
Porque o Tejo não é o rio que passa pela minha aldeia.**

Fernando Pessoa

Itaúnas

Aquele rio era tudo para mim. Mas achava estranho que quisesse mudar o nome da cidade de Barra de S. Francisco para Itaúnas ou Monte Senir.

Um juiz, um homem estudado, queria mudar o nome da cidade de Barra de S. Francisco. Ele explicava que o rio São Francisco tinha sua barra muito longe dali. Disse que aquela cidade tinha um nome errado.

Ali nunca foi barra do rio S. Francisco. *Podia, sim, ser cidade de Itaunas ou Barra do Itaúnas.*

Para mim, Itaúnas continuaria passando no fundo do quintal, sendo a divisa do nosso sitio. Era nele que eu tomava banho, pescava e via as mulheres chegarem e saírem todos os dias com suas enormes trouxas de roupas para lavar nas suas águas. Era ali que eu via as pessoas darem banho nos cavalos e burros. Ali via cachorros nadarem de um lado para o outro. Aquele rio de grandes enchentes era o maior rio que conhecia e amava.

Tinha a impressão de que, se mudasse o nome da cidade para Itaúnas, o rio ia acabar, iam esquecer-se dele. Sabia que S. Francisco era um santo e só. Ninguém me explicou mais nada.

Eu não queria que o nome da cidade mudasse, não por amor ao santo, mas por amor ao Itaúnas. Aquele rio era para mim mais importante que a cidade ou o santo S. Francisco.

A idéia da mudança do nome da cidade desapareceu da mesma maneira como surgiu, de repente. Eu continuei olhando e me banhando no rio Itaúnas que não virou nome de cidade.

A mudança do nome me assustava, parecia que estariam fazendo uma coisa errada, pois os nomes vinham com as coisas e objetos e ninguém podia mudar.

Por que mudar o nome da cidade e porque mexer com o rio Itaúnas que estava ali tão perto e tão bonito?

O lombrigueiro e o purgante

A cheia do rio Itaúnas veio num tempo triste. Era tempo de lombrigueiros e purgantes. Havia uma obrigação sagrada em todas as casas: atacar em tempo certo às lombrigas e os vermes que devoravam os intestinos, e podiam levar a morte.

Era um tempo de pavor. As pessoas deviam engolir umas pílulas arroxeadas, enormes, cada uma do tamanho de uma azeitona, que teimava em não descer goela abaixo.

Cada pílula devia ser engolida acompanhada de uma dose de limonada purgativa. A limonada purgativa da pequena garrafa tinha cheiro enjoativo e sabor de causar pesadelos.

Os purgantes ou lombrigueiros eram terríveis. Havia um ritual complexo, acompanhado de estranhas e inexplicáveis atitudes, como obrigar a vítima a segurar uma chave na palma da mão durante o suplicio do lombrigueiro e da limonada purgativa. Diziam que serviria para abrir a goela e fazer com que o supliciado esquecesse o sofrimento.

Depois que cessava a tormenta de ingerir tais medicamentos, iniciavam-se outros sofrimentos. O momento trágico era o de expelir os parasitas daquele corpo martirizado: metros de lombrigas e milhares de outros diferentes vermes.

As pessoas eram atormentadas por uma forte diarréia. As tripas e os bofes ameaçavam sair juntos, com os esguichos das fezes.

A coisa vinha ligeira: era só o tempo de as enormes pílulas e a limonada purgativa chegarem ao estômago. A partir do fatídico momento, começava a correria em busca de um lugar para fazer as necessidades.

Por mais rápido que fosse a criatura, o tempo era insuficiente. Tudo era muito difícil. As moitas de matos e as latrinas ou privadas ficavam sempre longe das casas para evitar a fedentina.

As fezes desciam em bicas pelas pernas abaixo, vinham ligeiras e fedidas. Alguns moleques chegavam a apostar quem jogava mais longe aquele líquido esquisito.

Tempo de terror para as crianças e de vergonha para os mais velhos que às vezes se submetiam à humilhação.

Bastava um pai olhar para cara de um filho maior de idade ou de um agregado e dizer - *você está com a cara amarela e vai precisar de um bom lombrigueiro.*

Sentença terrível. O indivíduo que já estava amarelo e, por isso, sentenciado ao lombrigueiro, amarelava ainda mais. A pobre criatura estava irremediavelmente condenada.

Inúmeras vezes fui submetido a tal tratamento juntamente com filho do vaqueiro e meus três primos que viviam lá em casa. Sofremos durante anos seguidos, com as pílulas e a limonada purgativa.

Ainda havia o rigoroso resguardo, que consistia em não molhar os pés em água fria, não tomar o sereno da noite, não comer carnes remosas como as de porco, pato ou de caça. Além de não beber leite, etc. e mais uma infinidade de proibições.

Tudo para assegurar o efeito do lombrigueiro. O respeito era religioso, pois a quebra do resguardo também apavorava.

Um descuido era fatal, ninguém escaparia do novo e terrível suplício - repetir a dose do vermífugo e da limonada purgativa.

Tempos trágicos, aqueles, em que tratamento para acabar as lombrigas, causava angústia, medo e pesadelos.

O sacrifício pela cura das doenças é para muitos uma necessidade. Sem o sofrimento não haveria a cura como recompensa.

Barro branco

Muitas mulheres passavam na frente da minha casa, na direção do pequeno córrego, onde, elas com suas cavadeiras, tiravam placas azuladas de barro.

Aquela batinga ia sendo amassada cuidadosamente, até se transformar em enormes bolas de barro. Essas bolas de barro ficavam em bacias de alumínio ou em peneiras de taquara.

Numa cozinha asseada não faltavam as bolas de barro branco. A brancura do fogão ou das paredes mostrava o asseio e o zelo da dona da casa.

A mistura que se produzia dentro de uma vasilha com a água e o barro era para embeber pedaços de panos que seriam cuidadosamente passados no fogão e nas paredes da cozinha. Aquela mistura secava rapidamente, revelando não apenas a brancura e a sensação de limpeza, mas também o agradável cheiro de terra molhada.

A brancura do fogão e das paredes era sempre notada e comentada. Sinalizava que naquela casa, naquela família havia mulher que cuidava de manter o fogão e as paredes da cozinha sempre limpas.

As bolas de barro, depois de secas, geralmente eram guardadas debaixo do fogão. Dali saíam em pedaços ou molhadas para se transformarem numa barrela que ensopava um pedaço de

pano, que ia sendo aplicado uniformemente no fogão e depois nas paredes, deixando aquela cor branca, que se fixava e secava rapidamente.

Minha mãe se esmerava na aplicação daquela água com barro branco.

Não era qualquer barro. Era somente aquela batinga azulada que servia. O seu uso era feito pelas mulheres que tornavam aquelas bolas de barro muito valorizadas.

As mulheres mostravam o asseio e os cuidados com a parte da casa onde elas reinavam e impunham regras.



Malhação do Judas

Havia, um Judas, dependurado numa vara no meio da praça. Era feio, com um paletó velho e uma garrafa de cachaça no bolso. Na boca, um cachimbo torto.

Na pracinha, muita gente em volta, só esperando a hora de malhar o Judas, aquele que traiu e foi responsável pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Depois do dia da Paixão, aquele era o momento mais esperado.

Adultos e crianças esperavam ansiosos o momento da malhação.

Muitos traziam de casa varas, pedaços de paus e pedras. Ninguém podia perder a oportunidade de vingar a morte de Cristo.

As pessoas ficavam eufóricas, umas alcoolizadas, recuperando os quarenta dias de abstinência; outras permaneciam sérias, com olhares pedindo vingança.

Ninguém ficava indiferente: católicos, crentes, pembeiros, religiosos ou não, iam para a praça ver o Judas ser malhado.

O momento, esperado chegou. O Judas é retirado do poste e amarrado com uma corda pela cintura. *Vamos lá, pessoal, tá na hora* - grita Tose, magro, alto, de cabelos loiros caindo pela testa, dando início à Malhação do Judas.

O Judas é arrastado e espancado pelas ruas acompanhado de uma pequena multidão. Os presentes na praça se dividiam entre enfurecidos e festeiros.

Paus e pedras iam destruindo aos poucos o Judas puxado pelo Tose. Eu seguia alegre tentando dar uma paulada no Judas. Fiz muitas tentativas em vão. Já estava cansado, perdendo o interesse pela Malhação, quando vejo cair do bolso do puxador do Judas uma seta.

Fiquei parado esperando a turma da malhação passar levantando poeira na rua principal. Olhei para os lados certificando-me de que ninguém estava vendo, abaixei rápido peguei a seta do Tose suja de poeira e meti no bolso.

Ligeiro fui para casa. Debaixo do assoalho contemplei o meu achado. Uma arma para caçar passarinhos. Um gancho de esparta, bem liso e cheio de piques no cabo, indicando as mortes que mereciam registros.

As duas tiras de borracha, cuidadosamente cortadas de câmara de ar usada em pneu de caminhão, eram as melhores, resistiam mais tempo, permitindo uma pontaria certa com as pelotas de barro, feitas à mão ou com as pedras encontradas por toda parte.

As duas tiras de borracha conhecidas como pernas, eram cuidadosamente amarradas em uma de suas extremidades ao gancho de madeira em forma de V. Abaixo do V, dando continuidade, ficava o cabo.

As outras extremidades das pernas de borracha eram presas geralmente num pedaço de sola flexível e resistente, com dois pequenos cortes por onde passavam as pernas que eram dobradas e amarradas com seus extremos para fora.

Agora era só conseguir um pedaço de pedra, ou pelotas de barro feitas à mão. O gancho servia para fazer pontaria, a sola para segurar a pelota ou a pedra. Depois era só esticar as pernas de borracha e disparar a mortífera pelota, que atingia o alvo à distância.

Ter uma boa seta era motivo de orgulho para uns e de inveja entre a molecada tanto da cidade quanto da roça.

A seta do Tose estava ali na minha mão, bonita. Agora era minha. Estava orgulhoso, mas tinha consciência de que estava fazendo algo errado. Enquanto isso, ia olhando aquela bela seta e limpava a poeira que a cobria. O gancho, uma forquilha que tinha cortes no cabo, registrando as inúmeras mortes de passarinhos e preás.

Ninguém fazia piques no gancho com morte de calangos, lagartixas e pássaros miúdos como garrinchas, tizius, papa-arroz. Só com rolinhas, saracuras, frangos-d'água, juritis e inhambus.

Sentia um enorme peso na consciência e buscava uma justificativa para aquele ato que me incomodava tanto. Mas não tinha coragem de devolver aquela coisa linda.

Buscava uma justificativa para minha ação. Tanto procurei que encontrei a do Judas: *Bem feito! Ele não deixou eu bater no Judas.*

Sempre buscamos justificar nossas ações, seja boa, seja más. Nunca haverá causa sem defensor.

Coando café

Um espetáculo inesquecível é ver os grãos de café sendo torrados e remexidos com uma enorme colher de pau, numa panela de ferro. O ambiente ficava enfumaçado à medida que o grão ia ganhando a cor preta.

Depois de torrados, os grãos deviam ser socados em pilão de madeira que ficava na cozinha, até virar pó bem fino.

Na cozinha de terra batida, ficava o fogão de lenha feito de barro com uma trempe de ferro. Bem acima dele ficava o jirau com as rapaduras enroladas em folhas de bananeira, escurecidas pela fumaça do fogão. Para a feitura do café, a rapadura era quebrada em pedaços grandes e jogada dentro da chaleira de ferro.

O início da fervura da água marca o momento de levar o pó de café para dentro da chaleira. A água fervia com o pó, até subir, ameaçando sair pelo bico comprido e curvo da chaleira. Só aí chegava ao ponto.

A chaleira de ferro entorna aquela mistura no coador de pano feito à mão, apoiada no mancebo, uma armação muito prática, artesanal, de madeira.

Ali, naquele coador comprido, o café ia sendo coado, deixando escapar aquele cheiro delicioso que invade a cozinha.

Era um tempo em que não aceitar uma caneca de café consistia numa grande ofensa. Não havia desculpa aceitável ou perdão

merecido. Regra rígida, valia para pobres e ricos, sem exceção.

Minha mãe ensinava que não aceitar a oferta de café era uma falta grave que ninguém podia cometer.

***Aquela arte de preparar o café foi esquecida.
Certamente o café perdeu parte do seu gosto; e
nós, parte da cultura.***

Simpatia

É tiro e queda, nenhuma mulher escapa. É infalível para conquistar uma mulher. Escutei atentamente.

Você precisa encontrar e matar um marimbondo caçador, aquele que mata e carrega aranhas caranguejeiras gigantes. Depois torrar e fazer um pó fininho e guardar num vidro bem arrolhado. Em seguida, encontrar e matar um beija-flor-tesoura. Torrar o bichinho com pena e tudo, e depois misturar os pós até ficar bem homogêneo.

Fiz tudo como ensinado. A poção mágica estava pronta, restando, dali por diante, só atenção e vigilância. Começava o tempo da espera. Era buscar com olhos acesos, quando e onde a mulher ou a menina dos seus desejos fizesse xixi.

Tudo que foi ensinado foi feito. Carregava no bolso um vidro com o pó. Nem foi preciso ir longe, nem esperar muito.

Apareceu lá em casa uma menina acompanhada de seus pais. As conversas dos adultos como sempre tratavam de negócios, saúde e tempo.

Não foi diferente daquela vez, exceto pela presença de uma bacia grande cheia laranjas e limas que iam sendo descascadas cuidadosamente pelos adultos e consumidas avidamente pelas crianças.

A menina, depois das muitas laranjas e limas, desatou a correr pelo quintal atrás das galinhas ou na frente do Rex um pequeno e alegre vira-lata sem se cansar.

Eu, à distancia, acompanhava aquela presença alegre, até que ela parou, abaixou e urinou. As necessidades eram invariavelmente feitas detrás das moitas ou das casas.

Assim que ela retomou sua desatinada e animada carreira pelo quintal, fui até lá e cuidadosamente, joguei o milagroso pó no lugar que ela deixou molhado.

Lembrei os ensinamentos do meu tio - *você vai lá e joga pozinho bem devagar, no lugar molhado. Ai é só esperar que logo ela vai aparecer se oferecendo toda.*

Daí por diante foi angústia e medo, muito medo de me encontrar com ela e ela se oferecer e eu não saber como proceder com aquela que estaria encantada, querendo ser minha.

A timidez é terrível inimiga do cupido. Para esse mal nunca me ensinaram nenhuma simpatia.

Opção por uma camisa

Os meninos estavam no pátio do grupo escolar correndo, brincando de pique e mexendo com as meninas que jogavam queimadas. Todos gritavam ao mesmo tempo, como se o recreio fosse a melhor coisa do mundo. Palavrões escapuliam das bocas.

Alguns traziam comida de casa para merendar. Eu comia o pão com carne de porco assada, antes de chegar à escola. Nos embornais de pano dos colegas havia goiabas, bananas ou laranjas, para serem devoradas rapidamente.

Havia um verdadeiro mercado persa no pátio durante o recreio, com trocas e vendas de doces e frutas. Ali se aproveitava de tudo. Não sobravam nem as cascas de laranjas ou de bananas, que eram usadas como armas de guerra, atiradas nos amigos ou inimigos de ocasião.

As professoras tomavam café no gabinete da diretora. De vez em quando, apareciam no pátio para supervisionar e separar algumas brigas. Alguns meninos gostavam de brigar, outros de arranjar brigas para os colegas.

Duravam pouco essas brigas. Iniciadas, imediatamente se formavam círculos de colegas, gritando e incentivando os brigões. As torcidas faziam uma algazarra infernal, que atraía as professoras ou Seu Felício.

O silêncio era incompatível para quem assistia como torcedor a

peleja que às vezes resultava em narizes sangrando, ou na humilhante fuga de um dos guerreiros.

Quem apanhasse no meio daquela multidão estava perdido: sofria humilhações, era ridicularizado por muitos e mantido à distância pelos amigos de antes.

Regra sagrada era não apanhar na frente dos outros, porque depois só se redimia com outra briga ou com uma pedrada ou uma paulada no adversário. Não devia correr. Devia esperar a reação do inimigo ferido, mostrando que não tinha medo.

Eu estava naquele mundo tumultuado, tentando me adaptar, evitando confusões, meio encolhido, envergonhado.

O sol estava fervendo os miolos quando vejo entrar no pátio o Ary, filho do Seu João Português com uma camisa preta e vermelha bem estampada, e chuteira no pé.

Fiquei encantado com a camisa. Osmar falou para mim: *é do Flamengo*. Até aquela data não torcia por time nenhum.

Meu pai não gostava de futebol, dizia que era coisa de gente preguiçosa ou de quem não tinha o que fazer - *quando muito dei uns dois coices numa bola durante minha vida inteira* - opinava o velho tropeiro. Era toda a participação dele no nobre esporte bretão.

Minha mãe não se importava nem opinava sobre *essa gente que vive correndo feito doido atrás de bola como se aquilo tivesse futuro*.

O futebol não fazia parte de minha vida e de quase ninguém naquele mundo.

Olhei atentamente aquela camisa preta e vermelha do filho do Seu Português e fiquei flamenguista para o resto da vida.

Incorporamos em nós no dia-a-dia tantas manias e idéias que nem conseguimos saber as razões que explicam nossa individualidade.

Aos pouco descobri que não ter um time é quase pior que não ter uma religião.

Não ter religião podia ser uma mentira ou uma provocação. Mas não torcer por um time é inaceitável.

Ensinamentos

**Não há pássaro que voe alto demais,
se não estiver voando com as próprias asas.**

William Black

Teimosia I

Ganhei um cavalo arreado de meu tio Ascendino. Um cavalo pequeno, de pêlo branco, com pequenas manchas castanhas semelhantes a sardas espalhadas pelo corpo. Era um pedrês muito dócil que atendia pelo nome de Periquito. Foi amansado para ser montaria de criança.

O animal, trazido de Alto Capim causou admiração – *meu irmão é um homem correto, mas seguro de negócios, não é de presentear ninguém, é coisa rara.*

Quis montar no cavalo e experimentar a pequena sela. Andei no cavalo pelo quintal puxado pelo cabresto. À noite sonhei com o animal.

Pela manhã, minha mãe fazia preparativos para ir ao sítio do Itaúnas. O sítio ficava a cinco quilômetros da cidade. Quis ir junto montado no Periquito.

Minha mãe saía cedo e voltava à noite. No sítio ela capinava, fazia comida e ajudava minha tia Antônia com sua filharada.

Fiquei animado e pedi para ir junto, montado no Periquito. Minha mãe disse que não era possível, pois ela estava com pressa e ia a serviço. Em outro dia, tudo bem.

Reclamei muito e pedi o apoio do meu pai, que concordou e fez valer sua autoridade de chefe da casa. Minha mãe aceitou a contragosto com aquele atraso e aquela teimosia de menino.

O cavalo foi arreado, e eu, novamente, orgulhoso, fui colocado em cima do Periquito puxado pelo cabresto a passos lentos.

Assim que saímos da cidade em direção ao sítio, numa reta na propriedade dos Liberatos, minha mãe parou de puxar o cavalo e, amarrando o cabresto na cabeça da cela, olhando nos meus olhos assustados, foi dizendo: *Agora você vai aprender a andar a cavalo sozinho e deixar de teimosia com sua mãe. Agora segura firme no freio, olha pra frente e não tira o pé dos estribos, senão você cai.*

Fiquei desesperado, queria chorar, mas sabia que não ia adiantar nada naquela hora. Minha mãe foi para trás do cavalo e deu uma varada no traseiro do cavalo, que começou a correr.

Tentei puxar o freio para que o animal parasse. Foi inútil. Ele continuou correndo pela estrada de chão até encontrar uma porteira.

Quando minha mãe chegou, eu chorava sem dizer nada. Permaneci calado em cima do Periquito. Ela, calmamente, como se nada tivesse acontecido, falou: *agora você aprendeu a andar a cavalo sozinho.*

Toda teimosia tem cura. É preciso aplicar bem a dosagem do ensinamento.

Teimosia II

Vendemos o sítio do Itaúnas e compramos um mais perto da cidade, cerca de dois quilômetros de onde morávamos. Minha mãe estava sempre envolvida com as roças e preocupada em ajudar os irmãos e irmãs e parentes e infelizes da vida.

Com os pés descalços, pisando a terra, com o vestido arrastando no chão, as mãos calosas, dentes de ouro e pulseiras nos braços, vivia feliz, naquela vida que escolhera. Parecia uma cigana. Gostava de aconselhar as pessoas, era paciente e prestativa para cuidar de pessoas enfermas e desvalidas.

Mas tinha pouca paciência com teimosia de menino que atrapalha serviços de gente grande. Mas o destino de toda criança é sempre atrapalhar um pouco os afazeres dos grandes.

Num cair de noite, minha mãe retorna do sítio, junto com algumas pessoas, cada uma carregando algo nas costas, ou sacos ou feixes de lenha. Minha mãe trazia na cabeça um saco com feijão. Eu acompanhava aquela movimentação toda com curiosidade e inveja. Queria ser grande e carregar aqueles pesos.

Mal saímos do sítio pela estrada de chão no pasto de seu Nêgo, comecei a pedir à minha mãe para carregar o saco que ela conduzia na cabeça. No começo ela não deu muita atenção, mas, como insisti, ela disse secamente: *estamos cansados, com pressa para chegar em casa*. Fingi que não escutei e continuei insistindo. De repente, ela parou e disse: *Vem cá*. Senti que ela não estava para brincadeiras.

Ela, num movimento rápido, passa o saco com feijão para a minha cabeça. Fico meio desequilibrado com o peso e meio assustado com aquele tom de voz.

Apos alguns metros, senti que não ia ser fácil nem divertido carregar aquele peso na cabeça. O arrependimento veio rápido e o medo também. Quis devolver o agora indesejável saco, mas foi inútil. Minha mãe nem ouviu meu apelo. Respondeu apenas: *nem um pio, caladinho, sem reclamar nada, porque senão leva umas varadas.*

Triste, dolorosa e sofrida aquela teimosia. Chorei sem soluçar, carregando aquele peso na cabeça por um bom pedaço de estrada.

O peso saiu da minha cabeça e ouvi de minha mãe: *aprendeu a não atrapalhar gente grande que está com pressa no serviço?*

Respondi abafado com medo e aliviado. *Aprendi, sim.* Acho que aprendi mesmo. Nunca mais repeti a dose de desobediência.

Muitos dos aprendizados da infância são dolorosos, e aquele foi um deles.

Falta de educação

Gostava da tia Abigail, que falava baixo e tinha uma voz suave. Era pequena, lavava roupa e fazia biscoitos para sobreviver.

Ela morava do outro lado do rio Itaúnas no morro da cadeia. Minha mãe ia sempre lá conversar com ela. Eu ia junto. Assim que chegávamos, tia Abigail oferecia café para minha mãe. Para mim, uma xícara grande cheia de farinha de mandioca com açúcar cristal.

O açúcar era um artigo de luxo. Minha tia Abigail, embora pobre, fazia café com açúcar cristal, delicioso, suave e diferente. Tentava entender como é que o açúcar ficava branco daquele jeito! E aquela doçura toda de onde vinha? Com açúcar cristal também se faziam doces e bolos, mas nada comparável ao açúcar com farinha de mandioca, servido em uma xícara grande pela minha tia.

Havia recomendação para melhor saborear a colherada de farinha com açúcar: mastigar bem devagar e evitar deixar cair na roupa ou no assoalho da casa.

Um dia não resisti ao desejo e pedi açúcar com farinha, interrompendo a conversa de minha mãe com tia Abigail, que ficou contente com o pedido.

Enquanto ela preparava na cozinha a mistura de meus desejos, minha mãe olhou nos meus olhos com severidade e disse: *que vergonha, que desfeita você me fez. Isto é falta de educação. Nunca se deve pedir comida na casa dos outros.*

Minha tia voltou da cozinha e me entregou toda feliz, uma xícara cheia de farinha com açúcar cristal. Senti a censura de minha mãe no olhar.

Quando retornava para casa, minha mãe explicou o que era falta de educação: não pedir comida na casa dos outros, não xingar ou desobedecer aos mais velhos, não cuspir no chão perto dos outros, não tirar meleca do nariz, não fazer desfeita para ninguém, falar baixo quando os mais velhos conversam, não dormir sem tomar banho na casa dos outros, não mexer nas coisas dos outros sem permissão, não mentir e mais uma infinidade de recomendações.

Pensava: por que é falta de educação pedir açúcar com farinha pra tia Abigail, se ela ficava feliz? Educação devia ser coisa ruim, pois não deixava a gente fazer o que queria.

A educação não pode ser uma simples codificação de regras.

Três chineladas

Chovia muito. O rio Itaúnas, cheio e furioso, abandonava o seu leito e arrastava o que encontrava pela frente: barrancos, árvores, cercas, animais e até gente.

Se alguém caísse no rio e não soubesse nadar, só com sorte e rezas apropriadas poderia escapar da morte.

A água barrenta das enchentes trazia alegrias para a criançada, que nadava e mergulhava no leito do rio. A cheia levava água para muitos lugares invadia campos de futebol, terreiros de café e pastos.

Os pequenos córregos afluentes se agigantavam, trazendo águas e peixes das cabeceiras para alimentar o Itaúnas. Essas águas represadas subiam devagar, respeitando o Itaúnas enfurecido.

Os meninos nadavam e mergulhavam livres, soltos e felizes, longe dos pais, durante muitas horas. Os pais identificavam nos filhos desobedientes a pele e os cabelos ressecados e amarelados pelas águas barrentas. Esses filhos desobedientes apanhavam negando tudo.

Naquela cheia, como das outras vezes, o Itaúnas invadiu os pastos e represou o pequeno córrego Ipiranga que passava nos fundos de minha casa.

Estávamos todos proibidos de tomar banho no rio. Não porque fosse perigoso ou causasse mal beber daquela água barrenta, por-

que disso ninguém cuidava nem com isso se importava. Nem as promessas de surras adiantavam. Naqueles tempos, as surras deixavam os corpos marcados e os moleques mais desobedientes.

A proibição existia, porque o resguardo do lombrigueiro exigia. Todos temiam repetir a dose do lombrigueiro e da limonada purgativa, por isso respeitavam o resguardo.

Lico, meu primo, quatro anos mais velho que eu, pescava no fundo do quintal no aproveito da cheia do córrego Ipiranga, que invadia o pasto dos bezerros e os chiqueiros dos porcos.

Meu primo, ali com seus tamancos de madeira, para evitar o contato dos pés com o frio da terra molhada, segurava, atento, uma vara de bambu da qual partia uma linha de carretel encerada ligando na outra extremidade um anzol dentro d'água, à espera de fisgar um bagre ou uma traíra.

Era preciso ficar atento por que os bagres e as traíras não tole-ram barulho, ficam ariscas e vão embora sem morder as iscas nos anzóis.

Eu corria de um lado para outro e gritava para espantar os peixes, porque não consegui uma vara com anzol para mim. Meu primo foi ficando inquieto, fazia sinal com os dedos cruzados na boca pedindo silêncio, gesticulava sinalizando para me afastar dali. Não me importava com a agonia dele, achava aquilo uma coisa engraçada.

Ele levantou-se ligeiro e me ameaçou: *Sai daqui seu garnisé cagão, se não vou te dar umas palmadas nessa bunda seca.*

Saí dali às pressas com medo das ameaças e fui até perto da cozinha, onde achei um pedaço de tijolo cru.

Com o pedaço de tijolo molhado na mão, voltei para a beira do

rio onde meu primo, agora, parecia preocupado apenas com os mandis e traíras que poderiam morder a isca de minhoca.

Ele usava um casaco preto remendado, estava de cócoras na beira do barranco do córrego. O tijolo acertou em cheio nas costas dele. Só ouvi um grito e o barulho do corpo caindo dentro d'água.

Corri na única direção possível, pois a cheia do rio fechava a saída para os fundos do quintal, na direção do pasto dos bezerros. Lateralmente, duas cercas, a do chiqueiro e a da horta, formavam um corredor que impedia a fuga pelas laterais. Restava uma única saída na direção da cozinha da casa.

Os gritos de meu primo atraíram a atenção de minha mãe. Ela deixou o que fazia e correu em seu socorro.

Na tentativa de escapar, dei de cara com ela que descia às pressas para salvar meu primo. Desesperado, olhei para trás e vi meu primo agarrado às beiradas do barranco, gritando: *Foi ele tia, foi ele que jogou um tijolo em minhas costas e quase quebrou minha espinha.*

Encostei-me à cerca com os olhos arregalados. Minha mãe veio em minha direção, me pegou pelo braço com a mão esquerda, segurando com a mão direita um pesado chinelo. Levei três chineladas doloridas na bunda seca *para aprender a nunca mais fazer covardia com os outros.*

Não sei se aprendi, mas nunca me esqueci das chineladas e nem do meu primo afogando. Foi a primeira e última vez que apanhei de minha mãe. Ela tinha um conceito de educação raro para a época.

Bajulação

A Professora Léa era uma simpatia, pequena, de rosto redondo e avermelhado, de fala mansa, sorridente, tratava as crianças com carinho. Eu tinha inveja dos alunos dela. Certa vez minha professora adoeceu. Eu com meus colegas de turma fomos para sala da professora Léa.

Quantas alegrias eu senti. Ela explicava - *crianças prestem bem atenção que é para o bem de vocês e para orgulho de seus pais. Estudar é descobrir mundos.* Aquilo me impressionou muito, pois para mim era tudo que uma criança esperava da vida.

No descobrir o mundo reside o segredo e a motivação latente nos humanos, que de tão simples e óbvia, fica no esquecimento. Não queria estudar, mas descobrir mundos, muitos mundos.

Muitas vezes ficava só, de olhos fechados, imaginando um mundo de pessoas pequenas que cabiam na palma das mãos. De casas pequenas, de animais pequenos, de árvores pequenas, um mundo encantado.

A professora Léa ensinava e cantava na sala de aula. No pátio também cantava e dançava, rodopiando no meio de um mar de meninos e meninas de mãos dadas.

Tudo parecia fantasia naqueles dias com a professora Léa. Ela, sempre alegre e calma, tocava as cabeças, dos mais bagunceiros, com um jornal enrolado para que eles prestassem atenção, dei-

xassem de olhar para trás ou para os lados. Sempre algo estava sendo descoberto.

Atenção, atenção, não perturbe seus colegas, eles estão estudando agora. Vamos brincar depois e muito na hora do recreio.

Na minha timidez, senti vontade de agradar à professora. Não sabia como, nem de que maneira, mas ficava pensando: o que será que ela gostaria de ganhar?

No segundo dia, trouxe goiabas lá do quintal de minha casa, goiabas vermelhas e brancas todas grandes, sem bichos e bem lavadas. Ela ficou feliz, agradeceu e levou para casa. Meu coração estava explodindo de contentamento.

O que mais eu podia fazer para agradar à professora Léa? Era tudo que meu coração pedia. Recebia da professora o que não havia encontrado antes e estava ávido para doar, para ser útil para dizer que ela me fazia feliz.

Na minha cabeça surge uma idéia: por que não faço e dou para ela uma régua de madeira? Com uma ripa de cedro, madeira leve, macia, começo meu trabalho que seria o presente para a professora. Cortei a madeira no tamanho desejado, acertei as bordas, contemplei a minha obra de arte que ia surgindo. Iniciei o polimento com uma lixa grossa, depois usei uma lixa fina para acabamento.

A obra estava quase pronta. Restava o toque final: uma camada de verniz, que realçaria a beleza da madeira e daria um toque especial àquela obra de arte.

Fiquei orgulhoso do meu trabalho. Levei para a escola com o coração aos saltos. Mal esperava chegar à escola e entregar aquele presente.

Na fila no pátio, antes de cantarmos os hinos e ouvir as recomen-

dações da Diretora, eu olhava insistentemente na direção da professora Léa, e com os olhos queria dizer muitas coisas, da minha alegria e do meu presente.

Já na sala de aula, com timidez, me aproximo da professora e entrego meu presente, aquela régua, lisa e brilhando. A professora aceita o presente com o sorriso que parecia nunca sair do seu rosto. Ela agradece com educação, eu fico quase flutuando.

Com a régua na mão ela explica o que seria descoberto naquele dia. Sinto-me importante e vaidoso. Talvez para mostrar minha felicidade, tento ser comunicativo, olhar mais para os lados, conversar com os colegas. Fazia tudo, menos prestar atenção ao que estava sendo descoberto. Encontrava-me em outro mundo, distraído, viajando, irresponsavelmente feliz.

Sinto um golpe ligeiro na cabeça. Tento me recompor. Olho para trás e vejo a professora Léa sem seu sorriso no rosto e com a régua na mão.

A dor que sinto não é física. Mas uma dor moral que me dilacerou por dentro. Não conseguia atinar no que fez desaparecer o sorriso da professora. Seria meu comportamento? Ou, quem sabe, para ensinar-me que um presente não compra ninguém ou para dizer que meu presente foi um ato de bajulação e que ela percebeu.

As crianças querem descobrir mundos na escola e fora dela.

Aprendi que toda bajulação prejudica e ofende a dignidade do bajulador e do bajulado.

A covardia

Uma verdadeira algazarra. Dezenas de crianças soletravam aos gritos, todas ao mesmo tempo, numa sala de aula. Assim iam aprendendo o abc e o sentido das sílabas.

Uma voz tímida quebra o ritmo do ensino orquestrado aos berros. *Quero ir ao quartinho professora.* A senha para ida ao sanitário. A professora finge que não ouve. A menina pede mais duas vezes sem ser atendida. A gritaria continua no soletrar das sílabas sem fim.

Uma criança vai até a professora e aponta para debaixo da carteira, mostrando uma parte molhada do piso e uma menina chorando aos soluços com a cara na carteira e os braços envolvendo a cabeça, como se quisesse desaparecer. Ela tinha urinado na roupa, e a urina tinha escorrido para o chão. Aquele fato gerou algum tipo de movimentação no Grupo Escolar. A gritaria da soletração cessou, a diretora esteve na classe. Nos corredores surgiram professoras preocupadas.

A professora afirma que a menina não havia pedido para ir ao quartinho. E, para comprovar o que ela dizia, pergunta para a classe inteira se alguém tinha ouvido o pedido de Teca.

Silêncio total. Ninguém teve a coragem de desmentir a professora, e eu era um deles. Nenhum levantou a voz, o medo contaminou a classe. Teca saiu chorando, com sua saia molhada, e nós

ficamos com nossa covardia silenciosa. Aquela cena de covardia me agrediu e me espancou, sempre.

Ninguém reagiu, mas me sentia o único culpado e o mais covarde de todos.

Diante do medo, aprendemos a mentir e a acreditar pouco em nós mesmos.



Injustiça

No pátio da igreja Católica havia um coreto, e, no coreto, Serafim e Tute comandavam o espetáculo do leilão de maio, mês de Maria. Leiloeiros melhores não existiam.

O primeiro, um homem de voz firme, branco, de cabelo sarará impunha-se pela maneira de falar e andar. O segundo, pequeno, ágil, com uma voz estridente, deixava sempre a impressão de que, antes do final do leilão, sua voz desapareceria.

Eles gritavam o leilão. As prendas eram anunciadas. *Quem dá mais por este bezerro oferecido pelo fazendeiro Oséias? E por esse delicioso franguinho assado por dona Eva? E por essa penca de mexericas da propriedade de dona Matilde? E por esse queijo feito pelo Sr. Emilinho, lá da beira do S. Francisco? E assim iam anunciando, noite adentro.*

O mérito dos leiloeiros consistia em despertar o brio e o entusiasmo da multidão. Todos de pé, na praça, assistiam ao grande espetáculo popular ou dele participavam.

Esse frango tem uma oferta de tanto, só para não cair no bico do fulano de tal? Como? O fulano dobra o valor para que sicrano não sinta nem o cheiro?

A meninada ficava até o fim do leilão. Pencas de laranjas e mexericas eram arrematadas e jogadas lá de cima do coreto para diversão de crianças e adultos.

Na confusão, dezenas de mãos tentam agarrar as pencas de mexerica ou encontrar na grama alguma mexerica desgarrada. Com

frequência, alguém caía e se machucava, pisoteado na pega das prendas. Tudo era festa, mas toda festa chega a seu final.

Voltar para casa era uma pequena aventura, na escuridão das estradas esburacadas e cheias de ressaltos para arrebentar unhas de pés descalços.

No grito do leilão e na disputa das prendas, eu estava junto com Gilson Bolão, com seu irmão Evandro, com Osmar e Zé Estrela, meus vizinhos.

Alguém teve a idéia de mexer com a filha do Paraíba, que morava quase no final do Vai Quem Quer. Ela ia acompanhada de Teca e de outra menina. Fiquei com medo e fui embora sozinho na escuridão, deixando para trás os colegas com seus planos.

Pela manhã, o paraibano, pai da menina, estava na porta de minha casa, conversando com meu pai. Era um homem simples e muito pobre que morava com sua família numa pequena casa de tábua composta de quarto e cozinha. Era um sertanejo de pouca conversa e valente que me acusava de ter mexido com a filha dele.

Neguei a acusação, meu pai não acreditou. Fui punido injustamente. *Você vai ficar sem sair de casa durante duas semanas.* Duas longas semanas. Dormia muito, acordava com vontade de chorar. A injustiça é muito sentida por parte das crianças. Eu sofri muito porque não acreditaram em mim.

É terrível ser inocente e acusado. A criança sente a injustiça de maneira mais dolorida, pois não tem a noção de que um dia poderá provar sua inocência, por isso chora tentando jogar para fora àquele mal que não fez.

Escola

**Ninguém ensina ninguém
Ninguém aprende sozinho
O aprendizado é comunhão**

Paulo Freire

Grupo Escolar Gov. Lindenberg

O Grupo Escolar era o orgulho da cidade. Tinha até nome de governador vivo. Grupo Escolar Governador Lindenberg, escrito em letras grandes na parte externa. Foi construído na rua principal.

Para a época, era considerado grande: quatro salas de aula, mais o gabinete das professoras e uma residência anexa para a diretora.

Na parte de trás, ficava o pátio, com uma área coberta, onde os alunos em fila cantavam hinos. A diretora dava orientações, e nos dias de festas as autoridades discursavam.

Ali era o lugar reservado para as meninas e suas infundáveis brincadeiras que tinham começo antes das aulas e continuavam durante o recreio. Meninos ali só quando chovia. Essa era a regra, não escrita, mas consagrada e aceita por todos.

Numa área maior, sem cobertura, reinavam os meninos, extravasando suas energias, jogando bola, correndo, gritando e brigando.

O espaço reservado para os meninos, era espremido entre a mureta do corredor que separava as salas de aula do pátio e um barranco escavado. Ali improvisou-se um pequeno campo de futebol.

Uma das traves do minúsculo campo de peladas estava fincada

junto ao pátio das meninas, área contestada, gerando conflitos permanentes entre os sexos opostos.

A outra trave dava as costas para um pequeno descampado. Obrigando os atletas a sair, em busca das bolas fugitivas, vítimas de grandes chutes das inocentes criaturas endiabradas.

Acima do barranco havia um morro, cortado por uma trilha, que ligava a rua principal ao Bambé, passando pelo morro do vovozinho.

O Grupo Escolar constituía uma grande referência para a cidade, construído no centro da cidade, funcionava com turmas pela manhã e à tarde.

Hoje no lugar do Grupo Escolar Governador Lindenberg construíram dois bancos, o Banco do Brasil e o Banestes.

Trocou a cultura pelo dinheiro e no lugar da pequena lagoa, uma praça pública. Exigências do progresso.

Primeiro dia de aula

Com oito anos fui matriculado no Grupo Escolar Governador Lindenberg. *Quem começa cedo termina cedo* - foi a justificativa que ouvi.

As crianças usavam uniformes: os meninos, calças azuis e camisas brancas; as meninas, saias vermelhas e blusas brancas. As gravatas de formato quase triangular, com listras brancas, de acordo com a série do aluno. A minha gravata tinha só uma listra.

Fui levado para á escola a contragosto. O grupo escolar ficava no centro da cidade na rua principal. Tinha medo daquela gritaria, daquela multidão de crianças apressadas entrando no pátio interno.

Vai que é para o seu bem. Não acreditava naquela conversa.

A sineta tocou, tive que entrar. As professoras esperavam os alunos entrarem em fila. Os alunos que tinham mais de uma listra nas gravatas sabiam como proceder, eles conheciam os lugares da ordem nas filas.

Fiquei perdido sem saber o que fazer. Não conhecia a professora nem os colegas de classe. Aos gritos e com voz firme, nos ensinaram, e nós encontramos nossos lugares. A diretora explicou a importância da escola. Citou o exemplo de um menino pobre que aprendeu a ler a escrever e virou governador. Nunca soube quem era esse governador.

Qualquer um de nós poderia ser governador, desde que tivesse vontade de estudar e ser alguém na vida.

Cantaram o Hino Nacional, achei a música bonita. Não sabia uma única palavra do Hino. Minha participação naquele momento foi apenas botar a mão direita sobre o coração em obediência à professora, imitando os colegas.

Em seguida, as turmas seguiram as respectivas professoras. Os mais adiantados, primeiro. Fui o último porque, além de ser do primeiro ano, era um dos menores. Ainda não entendi por que os maiores devem ir à frente. Achava bom ficar lá atrás, porque não era notado.

Atravessei o corredor em fila e em silêncio. A sala de aula da minha turma ficava no final do corredor.

A carteira escolar do aluno era definida por ordem de chegada à sala de aula. Fiquei lá no final, encostado à parede. Sentia muito medo e vergonha, não conhecia ninguém, a professora falava que ali não era lugar para brincadeiras. Ela verificou quem tinha lápis e apontador, borracha e caderno. Meu caderno tinha capa azulada, as folhas não eram brancas, mas de um marrom desbotado.

A professora escreveu algumas letras na primeira página do meu caderno e pediu que eu copiasse devagar. Como eram difíceis aqueles momentos em que os olhos iam da letra da professora para a ponta do lápis que teimava em não obedecer, em não produzir letras semelhantes.

Não sei quantas letras desenhei naqueles minutos eternos. Não cheguei ao final da linha. Escuto uma sineta. Em seguida vejo Seu Felício anunciando o recreio.

As crianças saem às pressas depois que a professora se vai. Novamente sou o último, sinto certo alívio, coloco meu caderno encardido na bolsa e saio da sala. Não fui para o pátio do recreio.

Saí em direção à rua. Já estava longe, atravessando a pinguela do rio Itaúnas, quando escuto a voz de Seu Felício: *Filho, a aula não acabou.*

Pelas mãos de Seu Felício retornei à sala de aula.

Meu primeiro dia na escola foi de medo e desejos de fugir daquele estranho e apavorante lugar.

As letras

Ah, como me era difícil saber o significado das letras, conhecê-las uma a uma nos seus detalhes, com suas curvas, a diferença entre elas, os sons de cada uma.

Achava difícil copiar as letras do quadro negro no meu caderno. Não enxergava com nitidez as letras escritas no quadro negro. Fazia um esforço supremo, mas era inútil. Não sabia o que fazer, nem como explicar minhas dificuldades para a professora exigente. Ela ia até o quadro e escrevia as letras como se estivesse desenhando.

Depois fazia a leitura delas e pedia muita atenção para que todos nós repetíssemos de uma só vez. O alfabeto passava a ser repetido por dezenas de crianças ao mesmo tempo em voz alta. Aquelas crianças repetiam muitas e muitas vezes, aos gritos, cada letra. O método era simples: repetir, repetir até aprender.

Do outro lado da rua, aquela gritaria ressoava. Devíamos aprender primeiro as letras, depois a junção delas soletrando as consoantes com as vogais.

Aquelas letras espalhadas pelo quadro, uma após outra, iniciando com a letra A e terminando com a letra Z. Aquilo era um martírio, não conseguia acompanhar a escrita delas, nem tampouco copiá-las.

Depois da repetição do alfabeto aos gritos, durante quase uma hora, saltavam-se algumas letras, e recomeçando para se saber da atenção e do aprendizado. Alguns se saíam bem, por serem mais atentos ou mais capazes de assimilar com aquele método.

Eu tentava desesperadamente acompanhar, emitindo gritos no meio daquela loucura. Meus esforços eram em vão. Nada daquilo entrava na minha cabeça. Quem não enxergasse direito é porque era meio burro. Eu me enquadrava nesse time.

Numa tarde calorenta, depois de meia hora de gritos repetindo letras, a professora dá início à verificação do que se tinha aprendido.

Com uma vara fina e comprida, a professora ia apontando aleatoriamente para as letras desenhadas no quadro. Alguns conseguiam distinguir as letras apontadas no quadro.

Eu estava entre os que não conseguia ver as letras com nitidez, quando apontadas. Errava muito e seguidamente.

Por isso fui castigado, sendo obrigado a permanecer de pé na frente da turma, repetindo a letra p durante trinta minutos. Não podia parar, devia repetir p p p p p... Do outro lado do quadro, Nilza repetia: é é é é...

Depois de repetir por tanto tempo a letra p, que eu havia confundido com o t, a professora chama meu nome e pede que eu aponte a letra p no quadro. Senti um enorme pavor, olhei para o quadro e não consegui encontrar a maldita letra p.

E, para coroar minha dificuldade, a professora bateu com a régua na minha cabeça.

O aprendizado associado ao pavor deixa marcas profundas e negativas na cabeça da criança. Com carinho e compreensão é possível evitar o sofrimento e tornar agradável o aprendizado do alfabeto de A a Z.

Acredito que um simples exame de vista me teria ajudado muito naquele momento.

Bitu bate bola

Com dificuldade comecei a soletrar, juntando as letras. As consoantes com as vogais. Às vezes as letras e as pronúncias se confundiam (c,s, ss, ç, z etc). Ficava desesperado com aquela complexidade, que não entrava na minha cabeça.

No segundo semestre, recebo uma cartilha, cuja capa branca mostrava uma criança de boné chutando uma bola. Era a cartilha do Bitu.

No primeiro dia, a professora passa o dever de casa: aprender a primeira lição da cartilha. Eu, que mal sabia juntar algumas letras, não tinha a quem recorrer em casa. Minha mãe mal desenhava o próprio nome. Meu pai tinha pouca leitura e nem sabia o que era sílaba ou pontuação.

Novamente senti desespero com o livro do Bitu na minha frente. A quem recorrer?

Meu pai leu em voz alta três vezes a lição. Escutei atentamente. O medo me obrigou a decorar aquelas palavras.

Bitu bate bola.

A bola bate no cavalo.

O cavalo corre.

Corre cavalo.

E seguia mais uma frase que o tempo levou para o esquecimento.

Apreendi a repetir mecanicamente aquela lição da cartilha para o dia seguinte.

A professora toma minha lição. Era a leitura da primeira página. Repito mecanicamente as frases, ela percebe que meus dedos não trilhavam sobre as palavras pronunciadas e resolve testar meu aprendizado, apontando palavras e perguntando: que palavra é esta?

Não atinava com a leitura das palavras isoladas. Era preciso repetir desde o começo para descobrir o significado daquela palavra apontada com o dedo.

Recebo um cocorote na cabeça pela minha ignorância.

Passei a detestar o pobre Bitu, sua bola e o cavalo que corre.

A repetição mecânica produz corrosão na vontade de apreender e mutila as delícias das descobertas.

Arlete e Lalá

Arlete era uma menina bonita que falava alto e ria muito. Darcy, seu vizinho, tinha as bochechas vermelhas e, por isso, ela implicava com ele.

Um dia, Arlete, da varanda da sua casa, ao chegar da escola gritou - ei Darcy! Passa rouge e vem - rouge era um pó usado pelas mulheres que deixava as bochechas vermelhas.

Darcy, cansado de ouvir tais provocações, também aos gritos ameaçou bater nela.

Ela foi para o meio da rua desafiadora e abusada esperar o vizinho. Ali trocaram socos e pontapés e xingamentos até que a briga foi separada por um adulto.

Passei a admirar Arlete que desafiou e enfrentou Darcy.

Mais tarde no Grupo Escolar, conheci Lalá, menina negra tipo Cabo Verde, que comandava as demais. Ela organizava as brincadeiras e desafiava os meninos que se atrevessem a entrar no pátio das meninas.

Com mãos de ferro e gritos, liderava todos os jogos infantis. Especialmente o jogo de queimada, onde, com pontaria certa e arremessos fortes da bola, intimidava o time adversário e decidia sempre as partidas em favor de seu time.

Num canto do pátio, observava o jogo de queimada, quando

Lalá, aos gritos ordena - *entra para completar o outro time* - acuado, não pude fugir. Ali, assustado, fiquei correndo de um lado para o outro entre gritos e boladas.

Ela, que me obrigou a entrar para o time adversário, com uma pontaria certa me eliminou do jogo. Aproveito para desaparecer daquele ambiente comandado por Lalá.

Antes tinha muita admiração por ela. Dali pra frente, passei também a ter medo.

Em todas as épocas algumas pessoas sobressaem contrariando as expectativas e ensinando que nem tudo é plenamente natural ou normal. Aque-las duas meninas se distinguem das demais.

Meu filho vai sê dotô

O filho de Seu Felício, Zé Duarte, era esperto, magro, de canelas finas e brilhosas, pescoço comprido, cabeça raspada, com andar de urubu malandro, braços arqueados como se quisesse iniciar vôo e calçava botinas velhas, e de número maior do que o que o pé exigia.

Com nove anos já vendia doces e salgados pelas ruas, engraxava sapatos nos dias de festa e feriados quando as pessoas vinham para o comércio. Ele ganhava sempre um dinheirinho para ajudar em casa.

Durante a semana, levava a comida feita pela mãe para os irmãos mais velhos que trabalhavam como pedreiros e carpinteiros nas construções. Nas obras, Zé Duarte ajudava a fazer massas de barro e cimento com areia e a carregar tijolos de um lado para outro.

Seu Felício olhava o filho e falava para os amigos – *meu filho vai sê dotô, inda vô fazê desse nigrim um Lafaiete*. Dr Lafaiete era um Advogado negro muito querido na cidade.

Seu filho Zé Duarte ingressou na Faculdade de Odontologia e com imenso sacrifício concluiu o curso.

Um sonho quase impossível pode se materializar quando é cultivado com perseverança e amor como fez Seu Felício.



Um herói

No corredor estreito e comprido Dário corria atrás da professora com um lápis na mão. Ela, assustada, fugia, e ele perseguia. Dário parecia mancar, com um pé descalço e o outro enfiado numa botina de couro.

A professora era o terror da molecada. Mesmo os alunos das outras professoras tinham medo dela, que gritava, dava cocorotes com as juntas dos dedos nas cabeças de algum pirralho sem educação.

Eu tinha medo dela, todos tinham medo dela e naquele momento via o medo estampado no rosto da professora que corria.

Senti-me vingado. Passei a admirar Dário, que tinha herpes labial e o canto da boca arroxeadado pela violeta genciana. Dário continuou indo à escola com aquela botina solitária durante semanas.

Ele era simples, não jogava bola, nem se distinguia noutras atividades, mas assustou a professora com um lápis na mão. Naquele momento, tornou-se um herói para mim. Até rezei por ele.

Dário havia encontrado força e se rebelado, vencendo o medo que havia dentro de si. Aquele gesto mexeu comigo, senti que ele fazia tudo o que eu queria fazer.

O tirano tem consciência de que, a qualquer momento, um lápis pode surgir na mão de um simples, mostrando a fragilidade da tirania.

Uma revolução

Na escola o aprendizado da escrita obedecia a uma seqüência: primeiro, o lápis; e depois, a caneta-tinteiro. A professora ensinava o aluno a fazer a ponta no lápis e a escrever. A caneta-tinteiro viria mais tarde como algo natural.

As carteiras escolares possuíam sulcos apropriados para o tinteiro, para a caneta bico de pena e para o mata-borrão.

O reinado da escrita preta do lápis Johan Faber seria substituído pelo azul da caneta-tinteiro. Motivo de orgulho para o estudante e principalmente para os pais.

As opiniões se dividiam sobre o ensino da caligrafia que estava em declínio. *Sem o treino da caligrafia, ninguém vai ter letra bonita.* Outros afirmavam: *A escrita sem o treino da caligrafia desenvolve melhor a personalidade do aluno.*

Eu achava interessante o desenhar das letras.

Um dia, a professora Benildes Pereira disse que o caderno riscava o lápis, porque a ponta dele ia diminuindo à medida que íamos escrevendo. Fiquei encantado com aquela sabedoria e com aquela descoberta.

A caneta-tinteiro era constituída por uma pena de aço, encravada num cabo de madeira arredondado.

Para escrever com a caneta-tinteiro, o bico da pena devia ser mergulhado no tinteiro para depois deslizar sobre o papel

que nem sempre absorvia a tinta, restando então o recurso do mata-borrão.

Ainda não havia iniciado a escrita com a caneta-tinteiro, mas sabia que, quando fosse grande, ganharia uma caneta diferente: uma caneta Parker 61 com tampa de ouro.

Quando você souber escrever e fizer as quatro operações de contas, essa caneta vai ser sua - apontava meu pai para uma caneta no bolso de um paletó dependurado num prego na parede de tábua do quarto.

Para mim passou a ser uma espera muito especial. Diziam que só advogado e médico tinham obrigação de usar a caneta Parker 61 com tampa de ouro.

Os doutores não gostavam de ver fazendeiros e comerciantes, gente sem curso superior, usarem aquele tipo de caneta.

Sonhava muito poder escrever com a caneta-tinteiro na escola e herdar a Parker 61 do bolso do paletó.

Certo dia eu e outros meninos escutávamos atentos a um colega que chegara de Vitória. Ele descrevia com detalhes as novidades que tinha visto por lá.

Até que, de repente, ele mostra uma caneta diferente, que riscava a folha do caderno de maneira uniforme, sem deixar borrões.

Era uma caneta esferográfica, coisa fantástica, uma caneta marca Bic, que dispensava o tinteiro, o mata borrão e não manchava o caderno, nem a mão nem a roupa das pessoas.

Estava ali diante de algo a que ninguém me havia feito referência. Tive a sensação de muitas descobertas que me permitiam fazer comparações. Nenhuma pessoa adulta e importante tinha uma caneta daquela. Vi a novidade sem que ninguém tivesse dito que conhecia. Tive a sensação de estar me apossando de algo muito importante.

Diante da esferográfica Bic, todos os sonhos se desfizeram. Senti uma forte sensação de mudança.

O dono da esferográfica Bic queria negociar. Naquele mesmo dia, a caneta foi trocada por quatro canários cabeças-de-fogo e uma gaiola de umbaúba.

Em casa escrevi devagar algumas letras no caderno, economizando a tinta. Sentia ter encontrado algo precioso e de grande utilidade. Vivia um momento de êxtase.

No outro dia, na escola, ostentava minha caneta Bic no bolso da camisa do uniforme, quando Sílvio, filho de Seu Thomaz, me pede a caneta para escrever o nome dele no caderno.

Com certo receio, empresto a caneta. Ele tenta escrever e a caneta falha, não risca. Ele, com naturalidade, leva a caneta na boca, como se fazia com os lápis teimosos.

No canto da boca do Sílvio, aparece o azul da tinta. A caneta nunca mais escreveu. Sílvio riu e se foi. Senti muita tristeza e raiva.

Foram muitas as novidades que encontrei na vida até ali: a fotografia, o quadro do céu e do inferno, o rádio, o picolé que queimava os lábios, o filme na praça, o caminhão rodando pelas estradas de chão, o trem de ferro, o bonde deslizando sobre os trilhos e o avião voando no céu por sobre as nuvens.

Mas nenhuma daquelas novidades me impressionou tanto, porque todas elas já existiam na minha cabeça, trazidas pelas conversas dos mais velhos.

Tinha nove anos quando senti o mundo mudar. Naquele momento percebi que parte de mim tinha ficado para trás.